imaginários

volume 4

contos de fantasia,
ficção científica
e terror



Editora Draco

imaginários

contos de fantasia, ficção científica e terror

volume

4

Organizado por

Erick Santos Cardoso

1ª edição

Editora Draco
São Paulo
2015

© 2011 by Leonel Caldela, Fábio M. Barreto, Georgette Silen, Luiz Bras, Nazarethe Fonseca, Cris Lasaitis, Antonio Luiz M. C. Costa, Claudio Brites, Renato A. Azevedo, Erick Santos Cardoso

Edição: Erick Santos Cardoso
Produção editorial: Janaina Chervezan
Leitura crítica: Antonio Luiz M. C. da Costa
Revisão: Allana Dilene
Ilustração de capa: Roko

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Imaginários : contos de fantasia, ficção científica : volume 4 / organizado por Erick Santos Cardoso. – São Paulo : Editora Draco, 2015. – (Imaginários ; 4)

Vários autores.
ISBN 978-85-62942-00-6

1. Contos brasileiros I. Cardoso, Erick Santos II. Série

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2011, 1ª edição digital, 2015

Editora Draco
R. César Beccaria, 27 - casa 1
Jd. da Glória - São Paulo - SP
CEP 01547-060
editoradraco@gmail.com
www.editoradraco.com
www.facebook.com/editoradraco
Twitter e Instagram: @editoradraco

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
O cão - Leonel Caldela
Ela - Fábio M. Barreto
O Anel e a Pérola Solitária - Georgette Silen
Primeiro de Abril: Corpus Christi - Luiz Bras
Névoa e Sangue - Nazarethe Fonseca
O Incrível Congresso de Astrobiologia - Cris Lasaitis
Brazil Reloaded - Antonio Luiz M. C. Costa
Bons inimigos - Claudio Brites
A chave - Renato A. Azevedo
O turista - Erick Santos Cardoso
Sobre os autores

O cão **Leonel Caldela**

Quando era jovem, eu tinha um cão.

Tinha vários, porque meu pai era o duque. Eu era o príncipe – ou na verdade não era, mas assim me chamavam em casa. Sei que todos ao meu redora desejariam ter uma vida como a minha e um cão como o meu, e que só a minha família, dentre todas as que conhecíamos, era tão afortunada. Eu agradecia todos os dias por aquela sorte, de ter um pai duque e de ter vários cães, e em especial o meu cão, que era o melhor de todos.

Não lembro quando ganhei-o. Deve ser um momento bem marcante, mas eu era muito novo. Acho que seria impossível lembrar. De qualquer forma, talvez ninguém realmente lembre o momento em que conheceu seu melhor amigo, talvez seja uma dessas coisas que apenas acontecem. Meu cão sempre fez parte da minha vida, nossa amizade é algo sem começo e sem fim.

Meu pai lembra, é claro. Não sei quantos anos eu tinha. Às vezes, ele dizia três, outras vezes quatro, minha mãe insistia em outra data e eles discutiam. Mas não importa. Segundo meu pai, ganhei o cão e botei as mãos espalmadas nas bochechas, atônito de felicidade. Um garoto tão pequeno não consegue lidar com um sentimento daquela força, e fiquei paralisado.

– Qual vai ser o nome dele? – disse meu pai.

– Não deixe o menino botar o nome – minha mãe cortou. – Ele é muito novo. Escolherá algo bobo, e depois vai se arrepender.

Concordaram que os dois deviam batizar o cão, e isso foi divertido, ambos sugerindo nomes, rindo e trocando pequenas implicâncias. Mas eu estava alheio. Ignorava-os, tinha os olhos vidrados no animal, minha boca meio aberta. Estiquei um dedo e toquei no nariz dele, com reverência. Era uma criatura linda, mesmo naquela época, e mesmo tão novo eu podia notar. Naquele primeiro momento, eu tomava cuidado. Não me jogava e abraçava-o, como fiz mais tarde, nem queria brincar logo em seguida. Eu fora tomado pelo amor, um amor novo, que eu nunca conhecera, e temia quebrar o objeto de minha adoração.

– Nunca vamos decidir um nome! – disse meu pai, após esgotar a brincadeira.

– Quando for mais velho, ele mesmo vai escolher – decretou minha mãe.

E assim foi estabelecido. Mas fiquei mais velho, e nunca dei nome ao meu cão. Não existe um dia em que se acorde pensando num nome para um amigo que sempre esteve lá. Nós sempre soubemos quando falávamos de meu cão. Os outros tinham nomes, Fiel ou Babão ou Manchado, mas meu cão era só isso, meu cão, e era o rei entre todos.

Foi uma época feliz, ou pelo menos é o que me parece. Em poucos dias eu

transformara minha reverência em paixão, e já possuía uma intimidade absoluta com meu companheiro. Corríamos pelos jardins, tentávamos sair escondidos do castelo, criávamos ainda mais rugas em Bellona, minha ama. Minha única responsabilidade era vestir-me em roupas elaboradas e participar de bailes, de vez em quando. Ser exibido para outros nobres, ter minhas bochechas beliscadas. A primeira preocupação real de que lembro foi quando eu e meu cão fomos proibidos de sair do castelo, então trancados no meu quarto. Chorei, esbravejei, e Bellona veio me acalmar. Eu exigia saber por que ficara confinado ali.

– Seu pai está lutando – disse minha ama.

Calei-me, estupefato. Meu pai era bom e gentil, um homem brincalhão – ou ao menos era isso que eu pensava, a face que ele mostrava a mim. A ideia de que estivesse lutando era bizarra.

– Com quem?

– As fadas nos atacaram. As sentinelas avistaram os cavaleiros feéricos ontem à tarde, mas tínhamos esperança de que nos deixassem em paz. Eles atacaram, e agora estamos lutando.

– Por quê, Bellona?

A mulher larga e oval deu de ombros.

– Ninguém sabe por que as fadas fazem o que fazem, príncipe.

– E nós vamos vencer?

– Vamos. Mas só se você ficar bem comportado aqui no seu quarto, com o seu cachorro.

Vez por outra, eu ouvia meu pai reclamando de nossos vizinhos sobrenaturais. Era difícil administrar terras próximas às das fadas, porque nunca se sabe o que elas vão fazer. Os plebeus vinham reclamar de que o leite azedava, as ovelhas nasciam com duas cabeças, as mulheres ficavam estéreis. O maior problema era que ninguém sabia o que era culpa das fadas e o que era mero azar. E mesmo quando comprovávamos suas travessuras, não havia solução. Um guerreiro feérico era muito mais forte que qualquer um dos nossos, e apenas dois ou três cavaleiros deles eram capazes de vencer muitos homens de meu pai.

Passei a noite em claro, agarrado ao meu cão. Acariciava sua cabeça, dizendo para ele não se preocupar. De manhã, a porta do quarto se abriu de repente. Tomei um susto, então acho que na verdade dormi, e acordei num repelão.

Era meu pai. Eu nunca tinha visto-o assim. Estava em sua armadura, mal parecia o pai de alguém, só se via seu rosto. Também estava coberto de sangue – e estremeci, porque o sangue era humano, era nosso, e achei que ele tivesse sido derrotado. Mas estava sorrindo por trás da barba, e então notei que ele também fora respingado de um líquido azul.

– Vencemos! – bradou o duque. – Vitória, príncipe! Desta vez, matamos um deles.

Corri e abracei meu pai. Fiquei todo sujo de sangue vermelho de gente e azul de fada, e Bellona quase desmaiou, mas eu não me importava.

– As fadas sabem que não podem mais brincar conosco. Agora querem conversar.

Meu cão observava aquilo, saltitando em volta da minha felicidade. Seus sentimentos eram quase como os nossos.

Minha responsabilidade redobrou quando as fadas vieram nos visitar. Se antes eu só precisara parecer bonitinho na corte, agora seria o centro das atenções.

– Os lordes feéricos querem conhecer você – disse minha mãe.

Eu não entendia a razão.

– Ora, porque você é o melhor menino do mundo. Se eles querem conhecer os humanos, querem ver o melhor menino humano de todos.

– Vou mostrar a eles o meu cão!

– Acho que não será lugar para um cão, meu querido.

Lembro com clareza da chegada da corte feérica. Estávamos nos portões do castelo. Meu pai vestia sua armadura completa – uma indumentária que custava mais do que um plebeu seria capaz de ganhar a vida inteira. Cercado por seus homens de confiança, os melhores cavaleiros que o ducado possuía, com seus próprios estandartes. Havia arautos tocando suas trombetas. Guerreiros a pé, seus símbolos simples pintados nos escudos, também faziam guarda e prestavam honras. O bispo também estava lá, e tremia um pouco, porque fadas não conhecem Deus. Meu pai estava a cavalo, um animal castanho e forte, inquieto, que pateava o chão. Ao lado dele estava minha mãe, a pé, num vestido retilíneo bordado com fios de ouro. No meio dos dois, eu. Minha mãe segurava meus dedos, e a manopla de meu pai repousava suave na minha cabeça. Meus olhos ainda estavam um pouco ardidos e inchados, porque eu chorara. Tinham mesmo proibido a presença de meu cão. Ele estava com os outros cães, trancado na casinha nos fundos do castelo. Tinham ração e água, mas eu me sentia injuriado. Meu cão não ficava naquele depósito, sempre dormia no meu quarto.

A corte das fadas era magnífica.

Muito menor que a nossa, mas mais impressionante, e até esqueci a ausência de meu amigo. Dois cavaleiros seguiam o lorde, que vinha acompanhado por sua esposa. Todos a cavalo – animais impressionantes, muito altos, de cores estranhas, azulados e esverdeados. O lorde das fadas e sua consorte vinham de mãos dadas, os cavalos mantendo o mesmo passo exato. Tinham expressões dignas, de enfado sutil. O casal regente e seus cavaleiros estavam vestidos em roupas magníficas, muito elaboradas, com padrões abstratos e florais que eu mal conseguia acompanhar. A dama tinha um vestido enorme, com uma saia derramada, muito mais espalhafatoso que as roupas das mulheres da nossa corte. O lorde vestia armadura que parecia

feita de prata e ouro. Os cavaleiros tinham suas próprias armaduras preciosas, decoradas com joias. Atrás de todos vinha um pequeno cortejo, uns cinco ou seis, divididos entre arautos, damas de companhia e carregadores.

Mas uma coisa me chamou a atenção acima de tudo: seus rostos se repetiam.

O lorde tinha um rosto único, afilado, com olhos verdes iridescentes. Já os rostos dos cavaleiros eram iguais. Exatamente a mesma coisa, um queixo proeminente e cabelos loiros brilhantes. Os homens do cortejo atrás eram todos velhos, com as mesmas exatas rugas, a mesma altura magra. Tanto a senhora quanto as damas de companhia tinham o mesmo rosto delicado. Quando nossos trombeteiros tocaram, as damas de companhia feéricas responderam cantando. Era um canto maravilhoso, vozes em perfeita harmonia, como se pensassem ao mesmo tempo. Alguns instantes daquilo e a senhora das fadas se juntou, encerrando uma estrofe com a mesma voz impecável, e então todos se calaram.

– Vossa Alteza, permita que me apresente – disse o lorde das fadas. – Sou o Rei Áulico Primeiro. Esta é minha rainha, Diva.

Meu pai estremeceu. Em nossa terra, não tínhamos reis. A Igreja governava acima de todos, e a própria noção de reis e rainhas era coisa de histórias, principalmente parábolas religiosas falando de uma época negra indefinida, quando mortais ousavam comandar acima de Deus. O duque não sabia como se portar diante de um rei, e fez uma reverência desajeitada.

– Majestade.

– E aí está o herdeiro. É muito bom vê-lo, meu rapaz. Você é a razão de nossa visita.

Oferecemos um banquete às fadas, mas só os humanos comeram. O Rei Áulico e a Rainha Diva mantiveram-se sentados, conversando educadamente, mas não tocaram na comida. Áulico elogiou muito todo o banquete, mesmo sem provar. Diva ficou sorrindo o tempo todo. Fiquei ao lado de meu pai, bem perto do rei das fadas. Achei estranho ele não ter cheiro algum, apenas um vago perfume artificial. Eu insistira bastante, e meu cão pôde ficar ao meu lado, sentado no chão. Fiquei orgulhoso porque ele ficou quieto (era bem ensinado). Furtivamente, dei-lhe petiscos de meu prato e dos pratos vizinhos, e acho que foi ele quem melhor comeu naquela noite. A refeição durou pouco, porque os convivas humanos ficaram constrangidos. Os servos retiraram os pratos, minha mãe conduziu a Rainha Diva para uma sala elegante, onde as mulheres se recolhiam para conversar após a ceia. Os homens foram para um salão reservado, tratar de assuntos importantes.

– Traga o pequeno – disse o Rei Áulico.

Meu pai respondeu de forma educada.

– E meu cão? – falei.

– Se quiser.

Eu notava o quão maravilhoso era poder falar com o rei das fadas, mas, como já disse, o maravilhoso fazia parte de minha vida. Eu sabia que era abençoado, que tinha o melhor pai do mundo e o melhor cão do mundo, então era lógico que tivesse também aquela oportunidade.

Meu pai, dois de seus conselheiros e o rei estavam sentados em cadeiras fofas, longe de quaisquer ouvidos. Eu e meu cão estávamos parados como bonecos, mas éramos alvo de todos os olhares.

– Vossa Majestade importa-se se eu for direto? – disse meu pai.

– Estou em seu castelo, Alteza.

– Então, por favor, diga-me. Por que nos atacam?

Áulico deu um pequeno sorriso e falou:

– Queremos o que vocês têm.

– O quê?

– Tudo.

Silêncio. Ainda olhos em mim.

– Querem meu filho? – o duque ameaçava se exaltar.

– Queremos o que os humanos têm, e nós não conhecemos. Queremos criar, Alteza.

Áulico explicou a estranha relação que tinham com os humanos, as razões das guerras constantes e daquela visita. As fadas eram supremas – mais fortes, belas e inteligentes que qualquer humano, capazes de façanhas com que nem mesmo podemos sonhar. Mas eram incapazes de criar qualquer coisa. Apenas copiavam.

Se havia cavaleiros feéricos, era porque havia cavaleiros humanos. Havia um rei das fadas porque um dia houvera um rei humano, e Áulico ainda imitava seu título e seus modos. Até mesmo os cavalos eram imitações das montarias usadas por humanos.

As fadas não conheciam a originalidade, então tentavam roubá-la.

– Mas finalmente notamos o que nos falta – disse o rei. – Eu e Diva queremos um filho.

Meu pai pousou uma mão protetora em meu ombro.

– Não tema, Alteza. Queremos apenas estudar seu pequeno. Iremos criar nosso próprio filho, com base nele.

– As fadas são capazes disso? – meu pai estava surpreso.

– Na verdade, nunca tentamos. Mas há alguém em minha corte que pode conseguir.

– E em troca, Majestade? Paz?

– Em troca, amizade.

Os dois governantes apertaram as mãos.

Durante os dias seguintes, fui examinado. Os servos, os cavaleiros e até mesmo o rei observaram-me por todos os ângulos, nu e vestido, acordado e dormindo, em todo tipo de atividades. Vasculharam meus cabelos, estudando cada fio, e fizeram um escrutínio meticuloso das unhas de meus pés. Viram-me rir, chorar, ter acessos de raiva.

– Se querem me conhecer – falei, certo dia – não esqueçam do que mais amo no mundo. Meu cão.

Entreolharam-se e concordaram.

O estranho era que não fizeram anotação alguma. Apenas observar parecia suficiente, como se fossem capazes de guardar todos aqueles detalhes na memória.

Não houve outro assunto na corte enquanto as fadas estiveram lá. Todos queriam vê-las, interagir com elas de alguma forma. Minha mãe ficava frustrada com a Rainha Diva. Queria agradá-la, mas isso parecia impossível, a soberana feérica apenas sorria e cantava. Como era de se esperar, os homens haviam tentado arrastar as damas de companhia para seus quartos. Um dia, vi dois de nossos cavaleiros conversando:

– Consegui falar com uma delas.

– Como foi?

– Estranho.

– Conseguiu algo?

– Nada.

– O nome, pelo menos?

– Aí está o mais estranho. Chama-se Diva.

As damas e a rainha eram Diva. Os servos, Fâmulo. Os cavaleiros feéricos, Pugna Marco Terceiro. Apenas o Rei Áulico Primeiro tinha um nome único.

Então, de repente como começara, a visita terminou.

– Já sabemos tudo de que precisamos sobre seu filho, Alteza – disse o rei. – Um dia voltaremos, para mostrar nosso próprio herdeiro.

E foram embora. Não chegaram a comer, e nossos servos não encontraram nenhuma cama desarrumada. Mas o leite também não azedara, nenhuma ovelha bicéfala havia nascido, e ninguém ficara estéril.

No final do ano, recebemos de novo a corte feérica. Vinha encabeçada pelo rei e a rainha, e um novo membro. Era como se eu me olhasse num espelho de prata. Cada curva de meu rosto estava ali, e meu jeito torto de sorrir, e um detalhe em meus olhos que minha mãe identificava como um brilho especial que só eu tinha. Ao enxergar minha cópia, dei uma risada de prazer.

Corremos um para o outro e ficamos girando, contornando-nos, examinando a igualdade.

– Só falta uma coisa – eu disse. – Você não tem um cão.

Aquela visita foi curta. Eu e o príncipe das fadas brincamos, corremos pelos jardins com meu cão. Falei que ele não sabia o que estava perdendo, deveria ter um companheiro como o meu.

– Peça ao seu pai para fazer um para você.

Eu sabia que as fadas podiam criar um cão, já que podiam criar um menino, então não deveria ser problema. Mas, na verdade, fui ingênuo: nem mesmo as fadas tinham tanta sorte quanto nossa família. O Rei Áulico não era tão bom quanto o meu pai, e fiquei com um pouco de pena de minha cópia. Mas logo esqueci. Divertimo-nos bastante no dia que passamos juntos. Fiquei um pouco irritado porque o príncipe feérico nunca perdia o fôlego e nunca suava; conseguia correr bem mais do que eu. Mas meu cão era capaz de acompanhá-lo, então senti-me redimido, não havia o que invejar.

Quando voltamos a nossas famílias, meu pai teve um susto. Não sabia dizer qual de nós era qual. Resolvi fazer uma brincadeira, experimentei enganar os adultos. Mas duas coisas me delataram: a primeira foi o vermelhão de meu rosto e meu suor, a segunda foi meu cão, que ficou em meus calcanhares. Minha mãe diz que nunca se confundiu, que o olhar de mãe não se engana, mas sei que é mentira. Vi-a começar um passo em direção ao meu sósia, antes que percebesse a diferença. Todos nós conhecíamos histórias sobre crianças humanas que eram trocadas por fadas, então houve apreensão. Mas a corte feérica, com suas esquisitices e seus poucos nomes e seus rostos repetidos, foi uma hóspede exemplar. Eles agradeceram mais uma vez e foram embora no crepúsculo.

Passaram-se vários anos até que os víssemos de novo.

Passei a me interessar por espadas e cavalos. Não queria mais brincar tanto, preferia competir com outros garotos em corridas, aprender a lutar, caçar raposas. Meu cão acompanhava-me em tudo. Conheci outros nobres jovens, filhos de condes e marqueses e até mesmo um outro duque. Eles tinham seus cães, levavam verdadeiras matilhas consigo em viagem, mas era evidente que nenhum era tão bom quanto o meu. Certa vez chegamos a botar os cães para brigar e ver quem era o mais forte. Mas isso não se repetiu: embora fosse vitorioso, meu cão machucou a orelha, e não suportei vê-lo sofrendo. Chorei como há muito não fazia, implorei para um dos conselheiros de meu pai costurar o ferimento. Era indigno para um homem daquela posição aplicar sua sabedoria a um animal, mas ele sabia como era importante para mim, então concordou. Nunca mais pus meu cão em risco, passei muito tempo enjoado de remorso.

Um dia, o Rei Áulico voltou.

A procissão era a mesma, o mesmo séquito magnífico. Minhas memórias tinham sido um pouco distorcidas pelo tempo, mas era quase tudo exatamente como eu lembrava. O rei e a rainha em seus cavalos estranhos, lado a lado. Os cavaleiros

atrás, e os servos e as cantoras. E seu filho como um estandarte, bem no centro do cortejo, exibindo o rosto emprestado.

Idêntico a mim – quando eu era mais novo.

O príncipe das fadas não crescera. Fiquei espantado ao ver como eu mesmo fora pequeno, como meus traços haviam sido macios e indefinidos. Minha mãe mal conteve as lágrimas, tanto pela estranheza quanto pelo retrato de um tempo saudoso. Todos nós ficamos impressionados, mas tivemos de lembrar: as fadas eram diferentes. Decerto nenhuma delas crescia ou envelhecia.

Mas alguém não aceitava. O Rei Áulico estacou de repente no meio do cortejo, deixou sua expressão majestosa falhar. Fitou-me como se fosse eu a criatura sobrenatural, e pareceu ficar longos momentos apenas tentando raciocinar, compreender o que via.

– Seu garoto – começou, para o meu pai. – Seu garoto – de novo um falso começo, chegou a gaguejar. – Seu garoto está diferente.

Senti a manopla amistosa do duque em meu ombro.

– Ora, Majestade... Ele cresceu.

– Cresceu?

– Está mais velho. Mudou.

– Isso acontece com frequência?

Meu pai franziu o cenho, titubeou um pouco.

– Está sempre acontecendo. A todo instante, mas aos poucos.

– E nunca vai parar? – surpreendeu-se o rei.

– Bem, quando ele se tornar adulto, as mudanças serão mais sutis.

O Rei Áulico deixou os braços penderem ao longo do corpo, ficou um tempo imóvel e ausente. Então seu rosto se acendeu mais uma vez:

– Meu filho está imperfeito. É preciso reformá-lo.

Durante aquela visita, passei por mais um exame detalhado. De novo, estudaram cada centímetro de meu corpo, pediram que eu falasse as mais diferentes frases, para que o timbre de minha voz fosse captado com perfeição. Acompanharam-me nas atividades diárias. Não achei muita graça em brincar com o príncipe feérico, pois ele estava estagnado nos jogos de faz de conta que eu abandonara há anos. Mas, depois de alguns dias, as fadas pareceram satisfeitas, e mais uma vez retornaram às suas terras, agradecendo muito. Voltaram meses depois, com um garoto que era minha cópia exata de novo. Competimos em esportes, duelamos amigavelmente. Contudo, já era difícil: ele mostrava-se muito mais forte e rápido do que eu.

– Mas ainda falta uma coisa – eu disse. – Você não tem um cão.

Aquilo se repetiu nos anos seguintes. O Rei Áulico sabia que precisava voltar à nossa corte de tempos em tempos, para estudar-me, examinar meu crescimento e

minhas mudanças e determinar o que precisava alterar em seu filho. Era bizarro e ao mesmo tempo divertido encontrar periodicamente retratos do que eu fora anos antes. Notei com clareza os estirões de altura, a diferença em meu rosto quando surgiram os primeiros fios de barba. Foi chocante presenciar o que o príncipe gostava de fazer no ano em que meu principal interesse eram as garotas do castelo. Ele só falava em cavalos e espadas, não compreendia meu interesse pelas meninas. Eu não conseguia pensar em outra coisa.

E ele nunca ganhou um cão. Sempre tive um pouco de pena. Era uma troca bem evidente, que simbolizava o que sabemos das fadas: era mais forte e mais rápido, e podia ser jovem para sempre, se seu pai permitisse. Mas estava sozinho.

Meu próprio pai não era imortal, como o Rei Áulico. Eu notava suas rugas se multiplicando, seu cabelo ficando cinzento e seu ânimo para me acompanhar nas caçadas diminuindo. Ao longo dos anos, eu aprendera como administrar nossas terras. Alguns me tratavam como se eu já fosse o duque. Cada vez mais eu me aproximava do dia em que tomaria o lugar de meu pai. Imaginava-me como um governante forte e justo, entrando em batalha com meu cão ao meu lado, nossos inimigos tremendo ao ver o par invencível.

Nunca me ocorrera pensar por que meu pai não tinha seu próprio cão.

A corte das fadas estava em visita, eu era examinado e estudado. Vi o príncipe adolescente e surpreendi-me com a diferença entre nós dois. Notei meu próprio tamanho, a rijeza de meu corpo. Eu já era um homem. E, durante aquela visita, eu passaria pelo rito de maturidade, entraria de uma vez por todas no mundo dos adultos. Eu não sabia como era o ritual, mas sabia que deveria me preparar para governar, ensinar-me na prática tudo que os tutores não conseguiriam transmitir com estudos. Envolvia espada e armadura, e eu estava pronto. Preparei-me durante a noite, com um banho de purificação e horas de reza, sozinho. Nem mesmo meu cão pudera me acompanhar.

E sozinho entrei no círculo de areia onde, durante os torneios, os cavaleiros duelavam. Eu estava a pé, paramentado com minha armadura, meu escudo e minha espada. Trazia o brasão de minha família no peito, mostrando-o com orgulho para a plateia sentada nas arquibancadas de madeira. Então, observado pela nossa corte e pela corte das fadas, por meu pai e minha mãe e o Rei Áulico e a Rainha Diva, observado por meu sósia, sob os olhos de todos, tornei-me um homem.

Meu coração batia forte. Eu sentia-o na garganta, reverberando na mão que segurava a espada. Se estava armado, então seria um duelo. Mas contra quem?

Fiz uma reverência a meu pai e minha mãe, à corte e às fadas.

Então vieram os tratadores, de trás das arquibancadas. Eram dois homenzarrões calvos, com braços peludos, barriga proeminente, calças de lã escura e peito nu. Tão

parecidos, poderiam ser fadas, ou irmãos gêmeos. Os tratadores traziam cães em coleiras de ferro. Presos por correntes, cada manzorra segurava duas ou três guias. Arrastaram-nos até o meio do círculo de areia, abriram os colares metálicos. Deixaram os animais livres.

Eu sabia aonde aquilo estava indo. Quis fingir que não, mas é claro que sabia.

– Falta-lhe aprender apenas uma coisa, meu filho – disse o duque. Uma pausa, e então: – Matar.

– Traga um inimigo! – gritei.

– Matar inimigos é fácil. Matar inimigos é salvar-se da morte. Matar seus súditos, matar quem você viu crescer. Isso é difícil.

Eu estava paralisado.

– Você terá de ser temido – continuou meu pai. – E terá de punir quem desobedece. Terá de guerrear por ordem da Igreja e queimar hereges. Este é só seu treinamento. Comece com cães.

Fui até eles, bufando. Era o nervosismo que me tirava a respiração, mas tentei mascarar com raiva. Os animais estavam encolhidos, todos juntos, no centro da área de combate. Dois deles me olharam de baixo para cima, com aqueles olhos muito pretos e imensos, que quase pareciam humanos.

Ergui a espada e abaixei. E de novo e de novo. Perdi a conta de quantas vezes. Eles gritaram, guincharam. No final, eu estava coberto de sangue. Eles estavam mortos.

Olhei para meu pai, nas arquibancadas.

– Aqui está! Pronto! Agora vamos comemorar, certo?

Nada.

– Sou um homem, não é mesmo?

Eu sabia o que estava por vir. Gritando bastante talvez pudesse evitar, ou pelo menos abafar minha certeza.

Um dos tratadores voltou, enquanto o outro recolhia os cadáveres. Já não era mais tão igual: olhava para baixo. Comprimia os lábios para evitar que um beiço se projetasse, como uma criança.

Na coleira de ferro, trazia o meu cão.

– *Não!* – berrei. – Eu me recuso! Não quero ser homem!

Meu pai não falou nada. Também não desviou os olhos. Manteve-se estoico.

– Fique com seu ducado! Fique com seu brasão! – Tentei arrancar a túnica, mas atrapalhei-me, e só consegui rasgá-la um pouco. – Não quero nada disso!

O tratador abriu o colar. Meu cão estava solto. Olhou para mim.

As lágrimas insistiam em correr, eu gritava com meu pai. Deixei a espada cair. Não queria olhar para meu cão. Se ele não estivesse lá, nada daquilo precisaria acontecer. Gritei e esbravejei.

– Por favor, não faça isso – disse meu cão.

Virei-me para ele. Ao vê-lo, por alguma razão, as lágrimas secaram. Ele tinha um sorriso triste, resignado. Passou a mão nos cabelos num gesto casual.

– Não é justo – eu disse.

– Não, não é. Você sempre soube. Nada é justo. Sua família é diferente, você é filho do duque.

– Mas por quê?

– Você tem brasão. Precisa amar seu brasão. Sua terra. Seus pais e, logo, sua esposa e seus filhos.

– E meu amigo.

– Um duque não pode ser amigo de um escravo, príncipe – ele riu.

Fui até ele e abracei-o. Lembrei de nossos jogos e nosso tempo juntos. Com suas palavras, parecia humano. Recolheu minha espada do chão e entregou-me. Peguei, com relutância.

– Vamos fugir – ainda falei.

– É nosso último momento juntos. Não o estrague.

Então, de repente, ele saltou e me atacou. Ergui a espada em reflexo e, quando notei, já estava cravada em seu estômago. Ele sorriu e piscou para mim.

Ali estava. Era o que eu deveria aprender, para ser um duque: por mais que fosse meu amigo, um escravo não era uma pessoa. Era apenas um cão.

E eu agora era um homem.

Mais um ano se passou, e meus pais arranjaram-me casamento. A cerimônia ainda não ocorrera, mas eu já conhecia minha noiva. Tinha bom sobrenome e era rica, e na verdade também não era feia. Diziam que sabia se portar muito bem, seria uma boa esposa. Seus quadris prestavam-se para muitos partos.

Eu voltara de uma visita às terras de meu futuro sogro, e encontrei a corte das fadas de novo instalada no castelo de meu pai. Já não havia mistério algum em como proceder com eles: todos conheciam os meandros de sua etiqueta, o que relevar e ignorar, em que prestar atenção. Há muito os guerreiros haviam desistido de tentar deitar com as damas de companhia, e há muito minha mãe descartara qualquer amizade com a Rainha Diva.

Como sempre, a visita da corte feérica era centrada em meu pai e no Rei Áulico, e em sua eterna busca pela perfeição de seu filho. Encontrei meu sósia sentado perto dos dois governantes, observando com a expressão ausente e a postura derrubada que as fadas assumem quando sua participação não é importante.

Saudei o Rei Áulico, mas Sua Majestade estava irritada.

– Imperfeito! – disse o rei. – Sempre imperfeito! Você está escondendo algo de mim, Alteza. Sempre esteve.

Meu pai olhava para os lados, em busca de algum servo que pudesse avisar, para que chamasse os cavaleiros. Pude ver sua mandíbula contrair-se quando entrei na sala: seu único herdeiro agora também estava ali. Talvez à mercê da fúria do rei das fadas.

– Nunca, Majestade – ele disse. – Tudo que meu filho é e foi sempre esteve à sua disposição.

– Então por que *meu* filho tem falhas? Por que não é perfeito?

– Ele é uma fada, Majestade.

Achei que, naquele momento, o sangue fosse esguichar. Pensei que o comentário insensato de meu pai seria o insulto que finalmente iria nos levar de volta à guerra. Mas não.

– De fato – disse o Rei Áulico, dedos no queixo. – E como posso torná-lo humano?

– Quem sabe dar-lhe um nome? – disse o duque.

– Ele tem um nome. É Meu Filho.

Um calafrio percorreu meu corpo. Troquei um olhar rápido com meu pai. Ao longo dos anos, havíamos nos convencido de que conhecíamos a corte feérica. Mas isso é impossível.

Os humanos recolheram-se para dormir. As fadas ocuparam seus quartos, mas sabíamos que nenhuma delas jamais desarrumara uma cama. Enfiei-me em meus lençóis e fiquei ponderando sobre minha cópia, sobre minha noiva, sobre o que me tornara o que sou – o que as fadas consideravam perfeito.

Acordei com um grito, então o estrondo da porta explodindo em estilhaços. Os cavaleiros feéricos moviam-se como o vento, e não tive tempo de reagir. Um deles agarrou minhas pernas, o outro ergueu-me por um ombro e tapou minha boca. Estavam respingados do sangue de meus guardas. Não tinham expressão enquanto me raptavam, não ofegavam nem faziam grunhidos.

Fui levado pelos corredores do castelo em pânico. Soldados atacaram os dois Pugna Marco Terceiro por todos os lados, tentando não me ferir, mas era inútil. Lâminas cortavam sua pele, mas resvalavam em seus ossos como se fossem feitos de pedra. Um safanão enviou um guarda vários metros corredor afora, indo aterrissar sobre o próprio pescoço.

No pátio, o Rei Áulico Primeiro lutava contra vários de nossos cavaleiros. Estava montado em seu corcel verde, brandia sua espada como um anjo, degolando os homens de meu pai sem dirigir-lhes muita atenção. A rainha, as damas de companhia e os servos feéricos tentavam se proteger, mas mesmo quando eram feridos não pareciam importar-se.

Minha cópia lutava também, matando humanos, golpeando com os movimentos que eu conhecia de mim mesmo.

– *Meu filho!* – minha mãe surgiu no portão, rosto vermelho e boca retorcida.

– Precisamos dele – disse o rei das fadas. – Meu filho precisa ser perfeito.

Botaram-me sobre um cavalo feérico. Fui levado embora.

Não sei o que eu esperava, mas não era aquilo.

As fadas viviam no meio da floresta, assim como sugeriam nossas lendas. Mas sua cidade, se é que posso chamar assim, era uma ruína. O que parecia, um dia, ter sido um pequeno castelo, agora pouco mais que paredes em decadência e montões de pedregulhos, cobertos por gavinhas e mato.

Também fiquei surpreso com a pouca quantidade de seus habitantes. Além daqueles que conhecíamos, havia mais um punhado de cavaleiros chamados Pugna Marco Terceiro, um guerreiro veterano que mancava muito, chamado Pugna Marco Primeiro, alguns servos chamados Fâmulo. Duas ou três cortesãs chamadas Diva completavam a população, junto com animais feéricos que pareciam tão apáticos e idiossincráticos quanto as demais fadas – um falcão, dois cães de caça, alguns cavalos. E havia mais um outro, alguém único, assim como o rei. Era um tipo entroncado e narigudo, sempre metido em uma sala quase intacta do castelo em ruínas. Seu nome era Professo.

Quando chegamos, Professo veio ao encontro do cortejo. Eu já desistira de escapar, mas ainda mantinham-me amarrado. Ele fez uma reverência ao Rei Áulico e à Rainha Diva, ao príncipe e aos demais, então voltou sua atenção a mim.

– Já era hora de vê-lo pessoalmente. Vamos, temos muito trabalho a fazer.

Naqueles primeiros dias, as fadas esqueceram de me alimentar. Protestei e lembrei meus captores, e por fim trouxeram comida. Primeiro, só pedaços de madeira. Expliquei o que comia, e me trouxeram um esquilo vivo. Fui mais específico, e consegui um pedaço de carne quase totalmente cozida e alguns vegetais. Mas nada disso foi importante, perto do que vi.

Professo trancou-me em sua sala e estudou-me. A sala estava cheia de ferramentas, pergaminhos, penas e tinta. Também uma forja e inúmeros frascos de substâncias alquímicas. Ele examinou cada centímetro de meu corpo, fez anotações meticulosas. Chamou dois servos para me segurar e aproximou um serrote de meu crânio.

– Não! – gritei. – Vou morrer!

Olhou-me com desconfiança.

– Tem certeza?

– Vou morrer. Humanos morrem se você lhes abrir a cabeça.

Não estavam convencidos, e chamaram o rei – aparentemente, o único capaz de ler os humanos a ponto de decifrar sua falsidade. Áulico decidiu que eu era sincero, e meu crânio não foi serrado. Em vez disso, continuaram os estudos.

Depois de alguns dias, o príncipe foi chamado à sala. Deitou-se em uma cama de madeira e submeteu-se também ao exame de Professo. Então, conheci nossos vizinhos sobrenaturais.

Professo pegou o serrote e aproximou-o da cabeça do príncipe. Achei que fosse protestar, mas ficou parado. O sábio então serrou, com a ferramenta magnífica, até vencer toda a resistência e poder retirar o tampo do crânio de meu sósia. Enxerguei lá dentro.

As fadas não se pareciam em nada com os humanos. Não possuíam cérebro, mas uma massa esponjosa, na qual flutuavam joias que piscavam. O interior de seu crânio não era osso, mas algum tipo de metal, no qual estavam gravados padrões visuais semelhantes àqueles que usavam nas roupas e armaduras. Professo vomitou um pouco de espuma colorida em uma caixa de prata. Mergulhou fios na massa esponjosa e afundou as outras pontas no interior da cabeça do príncipe. As joias piscaram selvagemente, mas então ele as pressionou em algum padrão complexo, que não fazia sentido para mim. Era como um músico tocando órgão.

Professo continuou sua dissecação. Cortou a carne do príncipe nos braços, pernas e estômago. Pude ver seus ossos, e eram também metal. Seus tendões eram muito elásticos, coloridos de azul brilhante. Não tinha tripas, mas um emaranhado de partes metálicas e massa esponjosa.

Ele desmontou o príncipe e reconstruiu-o, na minha frente.

Das substâncias alquímicas em suas prateleiras, fez pele artificial. Com esmero, fabricou fio a fio os cabelos e a barba, inseriu-os meticulosamente com uma pinça.

Quando acabou, a semelhança era magnífica. Dos maneirismos às cicatrizes, das linhas de expressão à postura, era impossível notar diferença.

Fomos nós três, escoltados por um Pugna, ter com o rei.

– Majestade, fiz tudo que pude – disse Professo. – Repassei todas as observações ao longo dos anos. Transmiti ao herdeiro tudo que pude ver, de minha própria memória. Até criei mecanismos para que ele libere água pelos poros da pele e pelos dutos lacrimais.

O rei examinou seu filho de perto. Até mesmo o cheiro fora obtido, através de um misto de ervas e muitos experimentos com produtos alquímicos.

– Então, finalmente, é perfeito? – disse Áulico. – É como humano?

– Falta algo – ousei falar.

Todas as atenções da corte feérica – de toda a população das fadas – voltaram-se a mim. Talvez eu estivesse louco. De qualquer forma, não tinha muito a perder.

– Ele não tem um cão.

Passei muitos anos com o príncipe. Professo mexeu em sua cabeça, e ele voltou a se interessar por brincar na lama e correr atrás de pássaros. Fizemos muito isso.

Dormimos na mesma cama (ele apenas quieto e deitado, pois não dormia), escapamos juntos de um Fâmulo que devia cuidar de nós. Eu aguardava paciente aos pés dele, e recebia petiscos de sua mão generosa. O príncipe nunca esqueceu de me alimentar.

As brincadeiras de faz de conta tornaram-se jogos e competições. O interesse por um mundo ficcional transformou-se em fascinação por cavalos, espadas, lutas – logo garotas, armaduras, castelos.

Acompanhei-o em tudo. Fui o melhor cão do mundo.

E agora escrevo tudo isto, para que alguém lembre de meu pai, minha mãe e meu cão. Para que os humanos conheçam as fadas, e as fadas conheçam os humanos.

Um Pugna Marco Terceiro fecha o colar de ferro ao redor do meu pescoço e puxa a corrente.

O príncipe vai se tornar um homem.

Ela **Fábio M. Barreto**

Conhecer era viver, viver era respeitar a dúvida para conhecer mais ainda e viver plenamente

Uma mancha escura contornada por bordas onduladas na névoa amarelada que envolvia o planeta era tudo que restava do trajeto da nave de transporte, agora um ponto negro distante que deixava a estratosfera do planeta de forma serena e a uma velocidade constante. A cada instante, sua forma já longínqua tornava-se indistinta e, em pouco tempo, desapareceu por completo.

Ela olhou curiosa por alguns instantes enquanto a espaçonave partia, mas logo perdeu interesse quando notou a existência da luz. Tinha conhecimento do amanhecer e foi surpreendida pela intensidade peculiar da energia e pelo modo como interagia com a superfície estéril do planeta. Sorriu. Também sabia da existência do sorriso. Sabia de muita coisa. Tudo culpa de sua longa preparação no núcleo de um sistema distante batizado por seus integrantes como, simplesmente, Conhecimento. Uma coletividade expansiva, cuja principal função era gerar vida e difundir suas diretrizes. Precisava saber. Ausência de conhecimento resultaria no caos e isto arruinaria sua missão. Não poderia errar. Tinha uma chance. Apenas uma.

Nada disso a preocupava enquanto sentia a areia em contato com seu corpo. Seus sentidos estavam apurados. Começava a interagir com o cenário ao seu redor. Sem pressa. Observava cada centímetro de terreno ou vazio da atmosfera com interesse similar e extrema dedicação. Cada um igualmente importante e fundamental. Conhecimento é fundamental, entretanto, não serve para nada sem a aplicação correta. Conhecia os parâmetros. Conhecia sua função. E, agora, aprendia a colocar tudo em prática.

Continuou a observar.

As montanhas vertiginosas erguiam-se imponentes no Leste. Seus picos quebrados e cordilheiras intermináveis se estendiam até o horizonte ou perdiam-se na névoa amarelada, iluminada por um Sol quase ineficaz por conta de sua distância. Um vento gelado vinha do Sul, acompanhando o corredor imenso criado pelas formações rochosas no vale gigantesco onde havia pousado. Os resquícios de um rio diminuto corriam no leito da depressão. Raso demais. Inconstante demais, abastecido apenas por uma pasta arenosa desprovida de água interligada muito mais por uma energia estática que por umidade em si. Inadequado. No Oeste, outra formação muito mais distante tomava o horizonte. Mais montanhas. Menos pontiagudas, mas igualmente altas e muito mais espessas. Imaginou suas possibilidades. Instintivamente fazia

associações e exclusões imediatas de acordo com suas análises.

Precisava compreender e antecipar. Vivenciar e traçar projeções. Imaginar.

Um conjunto imenso de fórmulas e padrões pré-definidos saltava à sua mente conforme materiais eram descobertos, catalogados e, imediatamente, assimilados às equações aprendidas durante o treinamento. O processo de rearranjo molecular era comum e, muitas vezes, inevitável em missões como essa. As sondas exploradoras geravam relatórios detalhados, entretanto sempre baseados numa varredura mais propícia a falhas, um problema insolúvel para o Conhecimento. Imperfeição não era tolerada, entretanto, os recursos necessários para enviar duas semeadoras ao mesmo lugar aplacavam o desgosto causado pela situação. As próprias semeadoras surgiram da evolução perante o fracasso das primeiras sondas e suas criações desbalanceadas, indesejadas e, por vezes, destrutivas.

Expandia seu campo perceptivo assim que cada centímetro era estudado, sem pestanejar. Não se esqueceria de nada quando chegasse a hora. Ela nunca se incomodou com o excesso de informação. Conhecia a emoção. Sabia de sua existência. Emocionou-se pela primeira vez quando descobriu o orgulho. Orgulhou-se por sua meticulosidade depois que estudou um deserto distante sem ceder à ideia simples, mas efetiva, de aplicar padrões modulares para acelerar a análise da área. Tudo era tão parecido e imutável há milênios que os modelos se repetiriam e criar a fórmula ideal baseada em algumas estimativas não afetaria a composição final, sua grande criação. Faria tudo direito. Ela só tinha uma chance. Sabia disso. Gostou de sorrir e o fazia sempre que descobria algo novo. Sorriu quando colheu frutos de sua decisão no deserto. Matematicamente, aplicar os padrões não feriria os parâmetros da missão, mas lhe teria privado de informações belíssimas e intrigantes sobre a composição dos cristais microscópicos e uma gigantesca floresta subterrânea de cristais sólidos escondida pelos detritos.

Projetou a evolução e descobriu a paixão. Apaixonou-se pelo brilho da luz refletida pelos cristais mesmo sem vê-lo. Claro que ela conhecia a paixão. Mas sempre foi alertada para tratá-la com cautela. Nada pode sobrepor o Conhecimento. Compreendeu o aviso. Sempre conviveu com seus dogmas. É sua realidade. Algo tão natural e estabelecido quanto a floresta de cristal. Imutável e incontestável. Sua própria existência era definida pelo Conhecimento. Quando deixou de ser uma fração da coletividade e ganhou nova perspectiva, a paixão também despertou a novidade e sua magia irresistível. Conhecia tudo; não sabia de nada. Tudo começava a fazer sentido. Termos encontravam equivalentes reais. Definições se reescreviam pelas regras daquele planeta.

Um lugar único e silencioso.

Novamente o vento. Lembrou-se da nave e pensou em voar. Reexaminou o desenho das montanhas, as correntes de ar provocadas por elas, acelerou o passo,

permitindo-se mergulhar pelos jatos de vento frio das montanhas íngremes, dar uma longa e progressiva volta pelos limites da atmosfera e descer em velocidade maior ainda pelo agradável sopro quente dos vales profundos. No ápice de sua parábola aérea, parou de analisar quando voltou seus olhos para o espaço. Então, descobriu a admiração e encontrou aplicação para a beleza. Compreendia sua essência e adoraria estudá-lo, mas sua responsabilidade limitava-se ao planeta abaixo e a suas características. Em algum lugar através da vastidão estava o lugar que uma vez chamou de lar. Nunca havia achado nada bonito. Um dos defeitos de seu treinamento solitário. Poderia descrever coisas belas e identificá-las, mas sem nunca ser arrebatada por nenhuma delas. Também gostou de conhecer a surpresa.

Surpreendeu-se com o fascínio causado pelas montanhas no Leste, que ocupavam boa parte de um gigantesco continente. Repletas de corredores íngremes, em parte escondidas por uma névoa eterna, outras tão altas que nunca deixavam de brilhar com a luz. Perdeu-se por seus labirintos como uma jovem curiosa e decidida. Ao término de cada nova formação, cenários estonteantes se apresentavam. Outros, por sua vez, assustadores. Ela ficou temerária quando chegou à base da montanha mais volumosa do planeta e encontrou conjuntos de cavernas nunca tocadas pela luz, com formações geológicas baseadas em regras próprias e todas, invariavelmente, claustrofóbicas. Vislumbrou a possibilidade de vida ali, mas, instantaneamente, viu seres oprimidos e sem futuro. Ou então, tão obstinados com sua necessidade por espaço ou saída, que destruiriam a montanha imponente de dentro para fora. Sabia do medo e o nutria na forma de cautela por sua missão. Tinha receio. Receio de falhar. De errar. Lembrou-se de suas diretrizes e superou o medo das cavernas subterrâneas e sua súbita escuridão. Limitou-se a imaginar ainda mais suas potencialidades, tão interessantes quanto as do mundo da superfície e sua intensa luz difusa

Onde há vida, há esperança.

Mesmo com os compensadores de inércia ligados à toda, os tripulantes da pequena esquadrilha espacial sentiam os efeitos da aceleração excessiva à qual seus corpos eram submetidos. Qualquer movimento causava grande desconforto, alguns sofriam com pequenos sangramentos nas longas narinas e pelo menos dois dos feridos na peleja inicial estavam mortos. Ninguém percebeu. Cada soldado pensava no próprio fim. Mentes e corpos aprisionados e abandonados em armaduras metálicas capazes de ampliar a eficácia dos melhores guerreiros, mas de pouca utilidade quando se fugia desesperadamente de uma frota inimiga. De um invasor desconhecido. Da morte.

Especialmente quando essa frota aniquilou tudo que conheciam e cujo único objetivo, naquele momento, era caçar as últimas quatro espaçonaves do que, há

alguns dias, era considerada uma das raças mais evoluídas daquele setor e a melhor força de combate espacial já construída. Foram subjugados de forma abrupta, aterrorizante e letal. Os alienígenas chegaram sem aviso. Sabiam onde estavam. Chegaram atirando, como um enxame infernal. Metade das naves foi destruída nos primeiros minutos. A outra metade lutou de forma desesperada, sem saber nada sobre seu inimigo. Apenas lutaram. Galantes e heróicos. Indefeso, a capital de seu império conquistado caiu dias depois. Todos mortos. Exceto pelas quatro sobreviventes.

Três.

Uma delas explodiu no hiperespaço enquanto o piloto olhava o túnel azulado pela janela. Sem razão aparente nem pedido de socorro pelo rádio, ela apenas se transformou numa imensa bola de fogo por uma curta fração de tempo e desapareceu, espalhando seus destroços ao longo de sua rota pelo vácuo. As naves haviam escapado, mas sofreram avarias. O piloto sabia disso. Foram atingidos inúmeras vezes por armas que nunca imaginaram. Raios que martelavam o casco dos veículos ignorando seus escudos e cujo impacto soava como algo sólido. Ou melhor, havia algo sólido em cada salva. Uma delas penetrou na lateral matando dois tripulantes e só não concluiu o serviço por não ser explosiva, logo, enquanto a atmosfera vazava, os soldados conseguiram selar a abertura até que os escudos se reerguessem, contendo o ar. E fugiram.

O piloto olhou pelo estreito corredor que ligava sua cabine ao restante da espaçonave. Podia ver a arma do inimigo. Uma grande seta metálica retorcida, adornada por letras estranhas e emitindo um inquietante brilho amarelado. Pulsava. Sua extremidade ainda estava cravada no peito do artilheiro que operava o console de uma das torres de tiro.

– Ei, Crog – chamou o piloto. Com esforço, um dos soldados olhou na direção de sua voz. – Perdemos o bombardeio. E agora? Desaceleramos? Pode ter sido o hiperpropulsor.

Ele deu de ombros. Estava ferido. Bem, todos estavam feridos e se conformavam com o inevitável.

– Humpf – bufou. – Eles ainda estão vindo? – perguntou, ignorando o gosto de sangue na boca. Seu nariz sangrava, sua cabeça doía e um de seus braços não se movia.

Rapidamente, o piloto inspecionou seu painel de controle e estudou os sensores. Estavam todos ali. Um enxame de sinais inimigos. Estavam ali e diminuíam a distância pouco a pouco.

– Sim – respondeu prontamente.

– Dá para acelerar mais, então? – devolveu Crog.

– Podemos explodir.

– E que diferença faz?

– Não vou facilitar para eles.

Não poderia ver o sorriso irônico do soldado, pois se concentrava nos comandos, e, além disso, ele vestia seu capacete de combate. Mas sabia que ele sorriu amargamente.

– Ei, Khroni! – chamou Crog. O piloto olhou para o fundo novamente.

– Acelera.

Ninguém respondeu.

Mergulhavam no túnel luminoso em direção ao outro lado da galáxia. Uma viagem sem volta e sem esperança, na qual nem mesmo a vingança conseguia encontrar força suficiente para germinar.

E ele acelerou.

Efetivamente, cada minuto da missão era repleto de surpresas. Nada inesperado, mas tudo absolutamente envolto numa aura de expectativa crescente, tentando-a a acelerar seus processos e, ao mesmo tempo, inspirando-a a manter o ritmo para apreciar cada nova informação. Eis que teve um novo modo de contato: a dúvida – algo que já conhecia e experimentara em seu treinamento. Dúvida aprimora o Conhecimento, reduz suas imperfeições e o torna possível. Um dia, alguém duvidou e debateu, depois pesquisou, debateu novamente e, então, soube da verdade. Conhecimento era verdade. Pelo menos, de onde ela vinha. Nunca absoluta, mas verdade. Conhecer era viver, viver era respeitar a dúvida para conhecer mais e viver plenamente.

Viver era o objetivo. Sem vida, não há Conhecimento. Por isso, eles colonizam.

Ficou em dúvida por pouco tempo, apenas o suficiente para deixá-la intrigada. E ponderava o assunto quando sentiu o toque da primeira gota de chuva. Sentiu a imensa névoa amarelada se movimentar de forma inusitada e se aglomerar sobre uma longa planície riscada pelo que, aparentemente, poderiam ser rios ou simples sulcos na terra capazes de receber e conduzir a água tão necessária à vida. A mistura entre a surpresa pela umidade inesperada e a temperatura morna da mistura lhe causou espanto. O material se assemelhava à pasta encontrada nos primeiros minutos de sua missão. O “líquido” do planeta não escorria. Movia-se lentamente como se se reconstruísse a cada milímetro percorrido. Também sabia que o espanto existia. Gostou da sensação nitidamente nova, contrária ao seu treinamento previsível. Não antecipava nenhuma umidade. Não naquela missão. Diminuiu seu ritmo. Repetiu a técnica de seu voo para compreender as possibilidades e também desvendou a estrutura molecular daquele líquido morto. Como a água poderia alterar seus objetivos. Uma nova dinâmica surgia. Sentiu-se ensopada. Completamente envolta na matéria daquele mundo pela primeira vez.

Reconheceu sua essência, contemplou suas conexões, desvendou sua história. Retraçar a história geológica dos planetas era trabalho das sondas exploratórias, mas Ela tinha a incumbência de aprofundar esse conhecimento e inseri-lo nas equações, além de respeitar as regras locais e alterar apenas o necessário. Entendeu, sem nenhuma dúvida, sua potencialidade. Ganhou muitas memórias de uma história não contada, de uma eternidade imutável, da existência por si própria. Simples, sem pro atividade, passiva. Basicamente observando, imóvel, os anos incontáveis. Dessa vez, assustou-se. E não gostou. Ficou perplexa ao encarar uma existência desprovida de Conhecimento. Desprovida de razão. Concluiu tratar-se da inexistência, algo para o qual foi preparada de forma ostensiva para antecipar e repelir. A missão dependia do contato bem-sucedido com essa condição, capaz de provocar o desespero e a ruína da enviada. Aconteceu no passado. Ela viu os resultados para ser remediada contra o pavor e o desespero. Entretanto se sentiu atribulada e ampliou sua dúvida.

Vacilou.

Nunca lhe permitiram sentir. Esse não era seu papel até o início da missão. Viver pelos dogmas do Conhecimento garantia uma existência plena e sempre dotada de propósito, faceta fundamental para o lugar autoapontado por sua raça nos meandros do Universo. Conheciam, logo existiam. E sua existência baseava-se na continuidade da vida e a na perpetuação do Conhecimento, num ciclo ininterrupto desde os primórdios – mesmo quando os erros aconteciam e as aberrações começavam a surgir em torno da coletividade. A evolução do Conhecimento a levou àquele momento, não a emoção. Mas a natureza solitária de sua missão num ambiente onde os parâmetros comportamentais aplicados durante o treinamento deixavam de existir, tornava o embate emocional não só inevitável como também fundamental. O sucesso da missão dependia exclusivamente do estado mental em que ela estivesse quando chegasse a hora. E seu tempo começava a se esgotar.

Resistiu ao desespero. Encontrou razão suficiente no treinamento especial. Contemplou aquela realidade e sentiu seus efeitos, mas colocou em prática uma sequência mnemônica dos parâmetros da missão e uma definição específica do objetivo escolhida por ela mesma. Ela repetia de forma mecânica e era incapaz de se lembrar da frase fora do exercício, mas sabia do que se tratava. Sua presença era o contraponto à inexistência. Seu sucesso acabaria com a agonia. Outra sensação que descobriu nesse processo. Por causa dela, ninguém mais precisaria passar por essa provação.

Continuou suas análises e, sem perceber, passou a encontrar peculiaridades em algumas descobertas, abandonando sua abordagem homogênea no processo de catalogação. Ao mesmo passo em que temeu pela vida nas cavernas, sorriu quando uma de suas sub-rotinas matemáticas detectou grandes reservas minerais e, prontamente, sugeriu a formação de um oceano com inúmeras espécies. Gostava de

sorrir, especialmente quando se lembrava do toque gentil da luz difusa e da brisa que a receberam.

Ela sorria quando viu sua atenção retornar ao ponto inicial. Abriu suavemente os olhos e viu a cordilheira interminável à sua direita. O pequeno córrego ocupava o mesmo fiapo esverdeado que corria no desfiladeiro abaixo. Novamente a brisa. Arriscou um olhar para a névoa – agora dispersa e indiferente – e, embora não compreendesse sua motivação, esperava ver algum vestígio da nave semeadora. Algumas ideias foram propositalmente omitidas durante a preparação para permitir à emissária confrontá-las de forma inesperada e efetiva. Elas precisavam surgir de forma natural, como conclusão de um processo de amadurecimento. As peças corretas precisavam se encaixar ou nada funcionaria.

Continuava revisando suas memórias para aumentar suas chances de sucesso. A missão era tudo.

Tinha orgulho de sua responsabilidade e nutria apreço especial por seu período de instrução. Emoções eram apenas conceitos. Ideias integrantes da quase inesgotável fonte de Conhecimento, até então, inconteste no Universo. Assimilou tudo aquilo. Era preciso. Obrigatório. Aprendeu a nunca questionar sua tarefa. Enquanto navegava pelas estrelas a caminho do planeta, reviu a lógica de sua existência, encontrou razão e sentido para cada minuto dentro da trama de informações que envolveu seu aprendizado. Desconhecia qualquer possibilidade de incongruência ou paradoxo. Mas também não antecipava a beleza das florestas de cristal ou a inexplicabilidade do que batizou como Vale das Estátuas – uma sequência de pedregulhos pontiagudos organizados de forma quase matemática ao longo de uma colina avantajada. Não havia sinais de civilização anterior à sua chegada, pelo menos não de habitantes nativos. As pedras estavam lá, desafiantes. Uma certeza sem razão lógica. Entretanto, durante sua viagem tudo deslizava perfeitamente na teia de eventos traçada na evolução do Conhecimento. Gostava disso. Segurança era importante.

E a necessidade de se sentir segura foi uma das últimas emoções que ela sentiu antes do fim. Nada poderia perturbá-la e, durante sua permanência no planeta, jamais vislumbrou qualquer ameaça a si ou à missão. A inteligência estava correta. Aquele planeta era completamente estéril. Nem planta nem animal vivia ali. A vastidão de espaço vago, com traços de uma atmosfera capaz de suportar vida, esteve abandonada por incontáveis eras até a chegada da nave semeadora. Até receber sua visitante. Ela. Solitária e obstinada. Trazendo consigo o legado do Conhecimento.

Sua hora se aproximava e precisava tomar uma decisão. Terminou sua revisão. Os eventos seguintes ocorreriam de forma praticamente instantânea por conta da quantidade e formato ideal das informações adquiridas. Era uma escolha óbvia. A

escolha esperada para a missão bem-sucedida.

Decidiu mentalmente e foi até a grande placa de metal deixada pela semeadora. Ali começou e ali terminaria. Nesse curto trajeto notou uma leve diminuição na temperatura ambiente e sentiu a luz de forma diferente. Aos poucos, o brilho deixava de envolvê-la. O longo dia do planeta chegava ao fim e com ele, a escuridão. Começava a sonhar com sua contribuição, enquanto projetava as recomendações adequadas para aquele local e definiu os parâmetros básicos para a construção de um novo mundo.

O que jazia morto amanheceria repleto de vida. Seres alados adaptados às vastas regiões montanhosas surgiriam num futuro não muito distante, depois que a vegetação e uma fauna básica se reinstalassem no novo ecossistema. Água em abundância voltaria a fazer parte dos desfiladeiros, rios e oceanos secos desde os primórdios. Tudo e todos imbuídos por absolutamente cada emoção e experiência vivenciada pela Criadora. Sua imagem e semelhança. Seus desejos e decisões se aplicariam minuciosamente a cada partícula daquele corpo celeste, cuja existência estava prestes a se tornar plena. Mais uma ramificação do Conhecimento, biologicamente incutido em suas formas de vida. Em sua essência. Uma nova semente na grande consciência galáctica.

Ela não podia remodelar o planeta. Simplesmente, tinha a capacidade de lhe dar vida adequada. Projetada. Desenhada para sobreviver e se desenvolver de acordo com seu ambiente e limitações físicas.

Estava quase tudo pronto; a missão praticamente concluída.

Começou a ouvir a música. O sinal de que o processo havia começado. Já sonhava com seus planos e suas criaturas, embalada pela melodia gentil da canção, também criada a partir de sons que preencheriam aquele mundo de vida.

A noite caiu e ela olhou para o céu enegrecido. Sorriu e se lembrou da luz. Sorriu pela última vez. Seus seres alados seguiriam suas sensações. Gostariam da luz. Voariam felizes pelos desfiladeiros, descobririam as florestas de cristal e seus magníficos prismas. Viveriam em harmonia com seu mundo. E, com o tempo, seriam envolvidos pela coletividade.

Mas antes disso, temeriam o espaço.

Os fugitivos lançaram suas naves em direção ao vazio do fim da galáxia. Nenhum explorador tentava investigar aquela região. Os sensores apenas indicavam uma gigantesca quantidade de nada. Ninguém acreditava em planetas ou em vida naquele quadrante, muito menos nos alienígenas até que uma nave deles foi capturada e, dias depois, os soldados viram sua civilização chegar ao fim.

Eram os últimos de sua espécie, embora não soubessem.

Uma grande explosão ecoou pelo rádio e atraiu a atenção dos sobreviventes. A

nave que voava na retaguarda do trio foi destruída. Khroni olhou para seus sensores e constatou o óbvio: a frota inimiga havia chegado e, de algum modo, suas armas eram efetivas até mesmo em velocidade hiperespacial. Eles destruíram o pequeno transporte de munição matando seus três tripulantes.

A nave sacudiu. Um disparo próximo quase acabou com eles.

A voz cansada de Crog apenas traduziu o que todos pensavam: – Querem morrer fugindo ou lutando? – disse, sem soltar seu grosso e pesado rifle de assalto.

Ninguém respondeu.

– E então? Ok, Khroni tire a gente do hiperespaço, chega de covardia. Se alguém sobreviveu, já teve tempo suficiente para fugir e se esconder – disse Crog, tentando se levantar, sem sucesso. – Sabe operar aquilo? – perguntou ao soldado que convalescia ao seu lado apontando para a torre de tiro; mal conseguia se mover, mas só precisaria fazer isso mais uma vez.

O moribundo confirmou com a cabeça.

Crog o ajudou a subir os três degraus e acionou os comandos. Khroni já estava quase terminando a contagem regressiva para desativar os motores sobrecarregados. Morreriam em instantes de um jeito ou de outro. Crog desviava dos companheiros mortos para chegar ao controle de ogivas quando o azul do túnel hiperespacial desapareceu deixando a nave mais escura. Restava apenas o brilho amarelado da arma inimiga, que brilhava com intensidade. Instantaneamente, a torre começou a atirar a esmo.

Eles estavam ali, uma força descomunal para eliminar um reles grupo de fugitivos. Deixaram a velocidade da luz atirando com suas armas inusitadas. O caça de longo alcance que acompanhava Crog e Khroni foi pulverizado na primeira salva, enquanto manobrava para se jogar contra uma das grandes belonaves. Khroni viu um gigantesco planeta amarelo em seu campo de visão.

– Crog, vou tentar pousar – foram suas últimas palavras, antes que uma grande explosão desintegrasse metade da nave. O artefato que os mantivera vivos até aquele momento explodiu. Os escudos ainda estavam intactos e podia-se ver uma leve camada de pó amarelo flutuando no ar. Mesmo com o sacolejo, Khroni apontou a espaçonave na direção do planeta.

Era o fim.

Um brilho inexplicável rasgou o céu e um objeto incandescente chocou-se contra o planeta. Ela sentiu o exato ponto de impacto. A assimilação já havia sido iniciada. Sua consciência não precisou se expandir desta vez. Bastou acessar os primórdios de uma delicada rede sensorial que havia atribuído a seu planeta e observou o objeto. Seu planeta. Tentou sorrir. Não conseguiu.

Conheceu uma última emoção: medo.

A espaçonave destruída no solo carregava uma raça inexistente na vasta complexidade do conhecimento. Uma explosão lançou pedaços do veículo em várias direções e o medo se fez presente quando uma criatura moribunda arrastou-se para fora dos destroços em chamas. Seu traje metálico e despedaçado garantiu-lhe alguns minutos a mais de vida e sua perigosa arma de projéteis explosivos não passava de uma muleta ineficaz. Pouco a pouco, a vida deixava seu corpo. Sangrava.

Ela só observava. Contava seus próprios segundos. Podia sentir o aumento da conexão com a rede neural do planeta e cada vez menos identificava sua individualidade.

Suas experiências seriam as linhas guias de todo o planeta. Até agora experimentara elementos capazes de gerar prosperidade e beleza pela eternidade, mas se via diante de um dilema insolúvel ao sofrer com um turbilhão de novas sensações sendo transmitidas diretamente ao código genético e à memória biológica de suas criações. A Criadora contemplou uma tentativa sem precedentes para interromper o processo, mas perdeu um tempo precioso quando a criatura tomou a atitude que a definiria para o conhecimento e amaldiçoaria um planeta inteiro.

A Criadora ainda observava a criatura sentada, esbravejando numa língua desconhecida. Batia contra sua própria cabeça com o punho funcional. Algo a atormentava. Parou por alguns segundos e lentamente, o viajante espacial pegou sua arma, apontou contra a própria cabeça e puxou o gatilho. Um som metálico foi emitido quando o grosso projétil foi lançado com tremenda velocidade e encontrou seu alvo imediatamente após sair do cano. A explosão foi silenciosa e acompanhada por um forte brilho azulado, cujo resultado simplesmente pulverizou a criatura, numa pequena implosão. Crog desapareceu conforme a luz se extinguia.

O medo da Criadora aumentou. Ela não podia mais interromper o processo, assim como não tinha como transmitir esse evento de proporções galácticas à nave semeadora, que partira há muito em direção a outros planetas para dar início a novas criações, para propagar o conhecimento, para semear a vida. Deveria estar sonhando com sua criação e reforçando os conceitos do Conhecimento, que existiriam eternamente no planeta que, dentro de instantes, assimilaria sua alma.

Amedrontou-se perante tamanha agressividade e estupidez. Compreendeu a natureza do pensamento daquela raça e sua essência caótica. Vislumbrou sua possível jornada de desenvolvimento até aquele momento numa trajetória de exploração, guerra e desconfiança entre seus iguais. Vida e caos coexistindo. Existência desprovida do verdadeiro Conhecimento; existência violenta e virulenta. Mas também entendeu que algo maior e mais forte havia sido responsável por sua ruína. Algo que, no momento, pairava no espaço sobre seu planeta. Ela os observou e aprendeu o que pôde sobre eles pelo tempo que pôde. Temeu pelo futuro de sua criação.

E tomou sua última decisão. Seus seres alados lutariam em prol do conhecimento. Eles tinham minérios em grandes reservas e os cristais da floresta subterrânea estavam entre as fontes de energia mais potentes nos registros do Conhecimento. Seu planeta existiria para impedir a propagação dessa consciência caótica que rasgaria o firmamento em direção à índole pacífica dos planetas daquela galáxia, levando trevas a um reinado milenar de aprimoramento e vida. O conhecimento corria risco. E ela sabia.

Seu planeta lutaria. Suas asas e armas protegeriam o conhecimento. Seu planeta lutaria. Ela lutaria.

Mas, antes disso, precisaria abrir mão de sua própria existência quando sua individualidade dissolveu-se no artefato deixado pela nave semeadora e se espalhou pelo planeta. Uma simbiose perfeita. Uma consciência nascida do conhecimento para uma entidade renascida. Eles eram um só.

E eles lutariam.

O Anel e a Pérola Solitária **Georgette Silen**

– Acha que ela já sabe? – a primeira voz perguntou.

– Shhhh! – outra voz censurou, irritada. – Vai acordá-la!

Silêncio...

– Mas... Acha que ela percebeu *alguma* coisa? – a primeira voz tornou a questionar, num sussurro.

– Claro que não! – a outra respondeu. – Se soubesse não estaria assim, dormindo com a lua cheia do verão. Ainda vai levar mais um tempo... Talvez!

– Mas então... É certeza? – a primeira parecia ansiosa. – Consegue ver alguma coisa? Alguma luz? Ouve? Ela tem chance?

– Como vou saber? – a outra respondia, irritada. – Foi *você* a responsável por isso! Correr tamanho risco! Eu já lhe disse, pode ser uma faca de dois gumes. E o lado que cortar será o definitivo.

Outro silêncio...

– Ah! Por favor! – a voz irritada exclamou baixo. – Pare com isso! Está sendo ridícula!

– Não posso evitar! – a primeira voz chorava baixo. – Estou com medo. Um medo terrível!

– Medo? De quê? Por aqui não há nada que possa ameaçar sua segurança – a voz irritada parecia ter mudado de posição. – Pelo menos você teve o bom senso de evitar expô-la.

– Não é *desse* medo que estou falando – o nariz fungava. – E se acontecer o pior? E se o que eu temo se confirmar? O que vai ser dela?

– Será o que tiver de ser, e sabia disso desde muito antes de começar – a voz irritada recriminou, mas com mais suavidade. – Todas nós avisamos. Agora temos que esperar. É o único jeito.

Silêncio...

– Quando será? – a voz irritada perguntava.

– Na próxima lua cheia... – a chorosa suspirou.

– Então melhor avisar as outras – a voz irritada decretou.

E subitamente os sons das vozes silenciaram. Em seu lugar, algo como um bater de asas e o deslizar suave de uma serpente preencheu rapidamente o ambiente. E também sumiu. Não houve som de portas ou janelas movendo-se.

Apenas quando teve certeza da absoluta solidão que Moira criou coragem para abrir os olhos e encarar o vazio rosa pastel das paredes do quarto, fracamente iluminado pela luz azulada da enorme pérola prateada em que a lua se transformara, presa do lado de fora da janela. E somente quando conseguiu sentir, com um instinto

tão aguçado que chegava a dar calafrios mesmo no verão, que suas "observadoras misteriosas" não voltariam mais essa noite, foi que seu corpo atreveu-se a levantar meio palmo do colchão. Apoiou um cotovelo no travesseiro florido, e com a outra mão acendeu o abajur de fadinha, que a acompanhava desde bebê.

A luz iluminou o rosto de Moira. Mirou-se pálida e assustada no espelho de corpo inteiro, com moldura branca, que ficava em frente à cama tubular também branca. Os cabelos estavam presos na trança castanha clara, descendo pelo ombro descoberto, e os olhos verdes piscavam depressa. O nariz arrebitado, levemente pontudo e coberto de sardas, como o do pai, inflava-se com a respiração rápida e assustada, enquanto os dentes mordiam as pontas do lábio inferior. Uma ruga de preocupação quase unia as sobrancelhas claras acima dos olhos e a vontade de roer as unhas voltou com força total. Mas Moira não levou a mão à boca, preferindo encolher as pernas junto ao corpo e rodeá-las com os braços, balançando-se de leve para tentar se acalmar.

Desde a mais tenra infância, antes mesmo de começar a compreender os adultos e o mundo ao redor, Moira *sabia* das vozes. *Conhecia* todas elas. Eram frequentes nos últimos quatorze anos, quase o tempo todo. Mas sempre ficavam mais insistentes no verão e nas noites de lua cheia. Como hoje! Sussurradas e abafadas, calmas e irritadas. Por muito tempo Moira pensou tratar-se de sonhos mal despertos. Ou de duendes, gnomos e fadas, iguais aos dos livros de histórias que o pai lia para ela e que a espreitavam depois pelas frestas da janela, debaixo da cama ou de dentro do armário branco de flores cor-de-rosa.Chegou mesmo a ter medo de dormir sozinha, mas o pai a tranquilizava. Cobri-a com os lençóis e sentava-se na cadeira de balanço antiga, com o sorriso largo e o cheiro de colônia de pinho de barbear.

– Não precisa temer a noite, nem a lua ou as estrelas, fadinha! – afagava sua cabeça com os dedos quentes – Sabe Moira, o dia tem sua beleza, mas *a noite* tem seu encanto. E muitas vezes ela nos reserva surpresas agradáveis e inesquecíveis... – e Moira adormecia ouvindo o rangido leve da cadeira, que ia e vinha.

Depois que cresceu, que deixou de ser criança, Moira não pediu mais ao pai que ficasse ali. Acreditou que as vozes iriam embora junto com a infância. Mas enganou-se. Mais e mais elas vinham. E a cada vez tornavam-se menos estranhas e mais... familiares. Quase como parentes distantes que se vê de tempos em tempos: você sabe que existem, eles aparecem, soam como velhos desconhecidos, mas que você sempre conheceu de alguma forma.

Moira passou a conviver com todas as vozes, reconhecer seus timbres, disfarçar a consciência desperta num corpo que fingia o sono profundo, tudo na tentativa de compreender: *por que* isso acontecia em sua vida? Aplacar a curiosidade que substituiu gradualmente o medo, à medida que entendeu que nenhuma das vozes lhe faria mal.

E que alguma coisa importante estava para acontecer! Disso, Moira tinha certeza.

Devagar se deitou, puxando o lençol fino sobre a camisola de malha, e apagou o abajur. O olhar de Moira voltou-se para a janela, para a bela lua redonda e de aspecto cremoso que se enquadrava com perfeição ao vidro recortado. O sono estava a quilômetros de distância, o corpo inquieto e elétrico. Por algum motivo desconhecido e absurdo, Moira queria deixar a cama, atravessar o batente da janela e saltar até o jardim, descalça, para sentir a grama fofa entre os dedos.

Mordia os lábios e fechava fortemente os olhos, tentando afastar a enorme vontade que sentia de sair dali... E ir dançar!

– Feliz aniversário, fadinha! – o pai a envolveu naquela manhã de final de verão num abraço perfumado de pinho.

Quando terminou, algo brilhante e delicado apareceu de suas mãos, deixou repousar suavemente sobre o pescoço delicado, amparando o fecho dourado.

– Ah, pai! É lindo! – e olhou-se no espelho do armário, admirando o cordão dourado de onde pendia a pérola solitária. Como uma lua cheia de verão.

– Não. Linda é você! – ele consertava a afirmação de Moira, dando-lhe um beijo estalado na testa, tocando as tranças repartidas cuidadosamente. – Não é todo dia que se faz quinze anos – e admirou-a, sorrindo triste. – Logo logo eu posso perder a minha fadinha... – e abraçou a filha com força junto ao peito, deixando-a sem fala.

O caminho até a escola era o mesmo, o de todos os dias. Exceto pelo amontoado de alunos curiosos que formavam um muro de corpos próximos à entrada do parque da cidade, uma área verde que ficava ao lado da escola. Um local especial para Moira, que emprestava beleza em tons de verde chá, verde menta, verde oliva, verde misturado de verde, salpicado por todas as outras cores do espectro, pintadas com capricho nas flores de verão.

As vozes chegaram aos ouvidos de Moira, mesmo a distância.

– Olha só isso! Deve ser coisa de ETs! – exclamava um.

– Que nada! Eu já vi na TV. É um truque que fazem para enganar bobos! – outro dizia.

– Sei não, isso dá medo! – uma garota se encolhia na mochila.

– Medo? Ah, medo disso? – apontava o garoto alto, que Moira logo reconheceu.

Carlos! Seu colega de sala. O corpo dela ficou rígido ao vê-lo. Sem chamar atenção, procurou chegar perto. A grama verde dourada da alameda do parque estava cheia de círculos, uns próximos aos outros, perfeitamente simétricos e alinhados, como se vários pés tivessem amassado simultaneamente e sistematicamente o local, achatando a vegetação o mais próximo possível do solo. Moira sentiu um arrepio.

– Olha só quem está aqui! – Carlos apontou para ela, fazendo gestos com as mãos – É a esquisita! Será que pode dizer o que é isso? – mostrou o chão, enquanto os

garotos a fitavam dando risadinhas.

Moira olhou-o com raiva, sentindo o velho desejo de castigar o petulante garoto e seus colegas, que a perseguiram por todo o ensino fundamental. Trincou os dentes, esfregando as palmas das mãos com os dedos, como se coçassem.

– Não sei do que estão falando – respondeu friamente, marchando para a escola.

– Como não? – o corpanzil de Carlos colocou-se entre ela e o caminho – "Esquisitos" reconhecem "esquisitices", não é? – zombou rodeando, puxando uma das tranças pelas costas – E você é esquisita! Olhem a esquisita! – berrou, dando um puxão forte, que fez a lágrima dolorida brotar-lhe dos olhos.

Moira tentou se desviar, mas outro garoto a empurrou para longe.

– Sai de perto de mim! – deu-lhe um cutucão na costela e ria alto. Todos riam.

O empurra-empurra fez de Moira uma bola, sendo jogada de um lado ao outro sem dó. Os que não empurravam incentivavam a confusão com gritos e assovios. Um último empurrão forte fez Moira cair, quando Carlos desviou o corpo propositalmente. Sua mochila se abriu, espalhando livros e cadernos no gramado, e o cordão de ouro partiu-se. A pérola rolou pela lama. Os olhos de Moira ficaram duros nessa hora. Levantou-se rápido, sua calça estava enlameada. Com um tranco desviou-se das mãos de Carlos, que tentava pegá-la.

No céu um falcão planou baixo, piando alto. Moira olhou para os garotos à sua frente. Seu corpo todo tremia e vibrava com energia. Por um momento sentiu que mudara, algo nela transbordou pelos olhos, escorreu pelas tranças castanhas e escorregou de seus dedos finos. Fechou as mãos com força, encarando Carlos. O garoto empalideceu de repente, dando passos incertos para trás, pisando dentro de um dos anéis amassados na grama.

Assim que Moira viu aquilo, ergueu uma das mãos cerradas e falou com uma voz que não parecia ser sua, mas que também era sua!

– Que todas as criaturas os tratem com a mesma benevolência com que têm me tratado! – os dentes bateram uns nos outros ao pronunciar a frase.

Sentia que estava terrível, bela. Poderosa. Todos se afastaram surpresos. E como que por "mágica", os garotos tropeçaram nos próprios pés, caindo ruidosamente ao chão, enquanto a roupa encharcava-se com a lama do solo. Sons estranhos encheram o ar, como sibilos e silvos leves. Pequenos movimentos revolviam a grama e o solo, movimentando-as, criando ondulações na terra fofa e úmida. Era como um tremor delicado, suave mas constante, e que provocava murmúrios assustados e revirava os olhos dos garotos em todas as direções, procurando a origem do fenômeno.

E elas surgiram. Grandes e negras! Formigas gigantescas brotaram do chão, por entre grama e pedras, escorregando pelos galhos das árvores, cobrindo as flores coloridas com seu negrume. Vinham de todos os lados possíveis, cercando, rodeando, um manto escuro e denso que avançava inexoravelmente. E todas iam em

direção aos garotos assustados na entrada do parque. Moira viu as formas negras deslizarem pelos membros estendidos de Carlos. Num instante ele também os viu, e no outro gritava apavorado.

– Sai! Sai! Ai!!! – berrava o garoto, os ferrões torturando a carne branca.

A gritaria foi geral. As formigas entravam pelas meias, calças, ignorando tênis e qualquer coisa que cobrisse a pele. Meio tropeçando e levantando, Carlos deixou o lugar correndo, lutando contra os insetos que se agarravam a ele, desaparecendo na esquina aos berros. Outros fizeram o mesmo, sofrendo a cada picada, e dispararam para qualquer lado. Os poucos alunos restantes fitaram Moira, assustados e pálidos como bonecos de cera. Apressadamente saíram dali, fugindo para qualquer lugar.

Para longe dela!

Moira nunca matou aula. Nunca!

E por isso sentia-se culpada, sentada no galho alto da árvore do parque, onde chorou por mais de uma hora. Os cabelos estavam soltos, desfeitos das tranças que a incomodavam nos últimos tempos, e escondiam o rosto envolvido pelos braços, os joelhos colados ao corpo. Os tênis repousavam na mochila. Por algum motivo todos esses detalhes a prendiam, limitavam. Até mesmo as roupas.

Esfregou os olhos inchados com as costas da mão e suspirou. O vento balançava seus longos cabelos, criando uma cortina contra o mundo. Moira imaginou-se, por um instante, como uma extensão desse vento. Soprando e voando livre, sem destino, ao sabor da monção. Como os pássaros que sobrevoavam sua cabeça agora, planando contra o fundo azul-bebê do céu. Um falcão elegante estava pousado no galho de um jequitibá antigo próximo, e seus olhos miravam-na. Vigiando, quase fazendo perguntas.

Num gesto impaciente, Moira colocou as mechas de cabelo atrás das orelhas e fechou os olhos com força. Podia parecer loucura, sabia disso, mas alguma coisa, como um homenzinho parado em seu ombro sussurrava: *o que aconteceu com Carlos e os outros é culpa sua! Ela* havia causado aquilo. Quanto mais o homenzinho falava, mais a ideia absurda criava raízes em sua mente, como as da árvore onde estava sentada. E sua mente confirmava a verdade daquelas palavras fazendo seus pensamentos buscarem antigas imagens: uma flor morta que renascia ao toque de seus dedos gorduchos, os pássaros que vinham até suas mãos, a grama que brotava onde suas lágrimas tocavam o solo seco... Estranhas recordações, cada uma...

“Esquisita, esquisita!”. A voz odiada de Carlos ainda a machucava.

Teria que falar com seu pai, *outra vez*. Moira sabia disso. Não podia mentir para ele. Seu pai sempre entendeu esses “problemas”, sempre tinha uma explicação e palavras de consolo. Nesse momento, seu coração dolorido sentiu o velho aperto

indecifrável, o oco aberto que nunca fechava.

Moira não conheceu a mãe...

O pai a compreendia melhor do que qualquer pessoa no mundo, mas hoje, como em outros momentos semelhantemente estranhos, ela desejou, com todo o fervor, que tivesse uma mãe. Uma amorosa mulher em cujo colo pudesse repousar, e onde as lágrimas poderiam verter como rios que secariam ao simples toque das mãos encantadas.

O falcão levantou voo devagar, elegante, e planou acima da árvore de Moira. Piou duas vezes, agitando as asas contra o vento e seu olhar rapinante procurou seus olhos verdes. O vento voltou a agitar seus cabelos, dessa vez com mais força. Sem saber por que fazia isso, Moira ficou em pé no galho, por impulso. Seus dedos dos pés esfregaram o musgo verde do velho tronco e a mão esticou-se ao céu, como se quisesse tocar as penas da ave. A mesma ave, que se abaixou aos poucos, a cada batida de asas aproximando-se e encarando-a. E esse olhar trazia não só significados, mas também sensações estranhas ao seu corpo, presa como estava pelas pupilas brilhantes da ave. Um formigamento, como se toda a circulação sanguínea de repente invertesse seu fluxo, espalhou-se pela pele arrepiada. Por um instante, Moira passou a enxergar o mundo por outros olhos.

Os mesmos que agora sobrevoavam o parque em voos rasantes! Moira tinha plena consciência de sua mente alerta e atenta, das imagens e lugares que observava com uma nitidez redobrada, do vento que a impelia cada vez mais para o alto. E de todas as penas que recobriam o minúsculo corpo do falcão em que se transformara! Podia ver as pernas e garras em seu tronco, tinha ciência dos sons que produzia, escapando do bico fino e curvo, sentia cada batida acelerada do pequeno coração e apreciava a liberdade e a leveza de cada movimento.

Os raios do sol nunca brilharam com tantas cores, nem o vento fora tão generoso antes com Moira, envolvendo-a com seus dedos delicados e fios invisíveis. Ela planou sobre o mundo, de repente imenso, pela primeira vez entendendo uma parte de si mesma antes desconhecida e oculta. Ao seu redor outros falcões planavam, uns sobre os outros, acompanhando-a. Saudando sua presença entre eles. Dando boas vindas ao seu primeiro voo. Eram como irmãs! Aquelas que Moira nunca teve, mas sempre ansiou por conhecer. Um pensamento estranho, quase sem nexo, mas persistente. No campo aberto, abaixo dela, belos cavalos corriam velozes, alvos como as nuvens, e, de alguma forma, Moira entendeu que também a acompanhavam.

No céu e na terra, em todo lugar!

Moira ainda desfrutava essa sensação, tentava organizar os pensamentos na sequência que a levara até ali, quando o peso repentino de suas asas travou seu deslizar pelos céus. Antes leves, agora pareciam feitas de chumbo, o peso espalhou-se devagar pelo restante do corpo. Sentiu a mesma inversão de fluxo sanguíneo, só

que mais intenso, e mergulhou, sem controle. A cada momento mais próxima do chão, consciente do que iria acontecer.

Mas antes que qualquer parte do seu corpo tocasse o solo, sentiu as garras do falcão que a sustentaram ao ar. As mesmas que gentilmente a pousaram no torso de um dos cavalos mágicos, que a levou dali, enquanto a consciência aos poucos deixava a mente entorpecida.

Moira não tinha a menor noção de onde estava. Tudo que seus olhos viam era a lua, que brilhava em um céu límpido e azul escuro. Junto à lua, outras cores, tons que nunca suspeitou existirem, estavam presentes. Halos multicoloridos e pontos brilhantes, como esteiras de poeira dourada e prateada, faiscavam ao ar. Com os dedos das mãos, sentiu a fofa cobertura de folhas secas na qual estava deitada e seu nariz captou os odores da noite de uma maneira nova, diferente. Podia distinguir facilmente cada tipo de folha ou de flor pelo cheiro. Sentia as vibrações dos minúsculos insetos e seres noturnos que vagavam por perto, via os movimentos claramente, mesmo no escuro, e o vento morno era mais intenso na sua pele do que nunca foi.

Quando se sentou, percebeu que estava vestida, não com o *jeans* ou a camiseta da escola que usou naquela manhã (teria sido aquela manhã mesmo?). Seu corpo estava envolto em um vestido leve, fino e delicado, como se o tecido fosse composto por linhas produzidas por aranhas fiandeiras. Tocou o próprio corpo com uma curiosidade inesperada, como se cada pedaço estivesse renovado, refeito, encaixando-se com perfeição harmoniosa. Viu os dedos dos pés desnudos, admirou as pernas, alisou a barriga e os braços. Sua pele parecia luminosa ao luar, faiscando com milhares de grãos de purpurina. Moira movia os dedos, fascinada e perplexa, cada gesto provocando um rastilho de brilho, descobertas e surpresas.

Seria outro de seus sonhos mal despertos?

Pensava dessa maneira quando ouviu a cadência, sentiu o ritmo, escutou a melodia. Percebeu a movimentação no ar abaixo, só então se dando conta de que a cama de folhas entrelaçadas repousava num amplo espaço côncavo de uma antiga mangueira do parque. Arrastou-se até a abertura entre os galhos protetores, em direção à origem da vibração. Seus olhos se arregalaram: belas formas de mulheres, brilhantes e faiscantes ao luar, moviam-se em círculos umas com as outras, no chão lá embaixo. Piscou algumas vezes, rápido demais, e percebeu que elas... dançavam!

Não havia som, nem música, mas isso não era necessário. Moira *podia ouvir* a melodia cadenciada e suave que reverberava no silêncio do lugar. Mesmo o mais habilidoso musicista ou cantor não poderia produzir aquele som. Os sorrisos delas eram como joias preciosas, os cabelos flutuavam em cachos etéreos e bruxuleantes, os corpos delicados dançavam ao luar obedecendo ao ritmo, seguindo a melodia,

criando harmonia e beleza sem tamanho! Uma luz suave brotava das mulheres e iluminava o local, marcava o chão onde pisavam... descalças!

Moira sentiu no sangue o desejo, no corpo o espasmo, na alma a vontade de juntar-se a elas... E dançar! Uma alegria familiar e desconhecida a inundava mais que o brilho delas.

– Vejam! Ela acordou! – uma delas chamou de repente, apontando.

Os rostos voltaram para cima e Moira retraiu-se rapidamente, encolhendo-se como fazia em sua cama, os braços rodeando as pernas num abraço apertado. Em segundos, várias cabeças douradas e cintilantes miravam-na, as expressões belas, curiosas e sorridentes dependuradas nos galhos e em volta da cama de folhas. Não eram uma ameaça, sentia isso, mas o susto devia estar estampado em sua face. Elas mantiveram-se afastadas. E admiradas! Uma reação tão clara em seus rostos que deixou Moira confusa.

– Ela é linda! – exclamava uma das mulheres, em meio aos murmúrios das demais.

Moira a fitou incrédula. Tentava entender: em que universo aquela mulher poderia achar que Moira fosse bonita, quando exibia tamanha beleza ela mesma? Aliás, *todas* eram deslumbrantes, não havia como dizer quem era a mais bonita.

– Lívia, ela está maravilhosa! – outra mulher, de cabelos claros como palha e rosto de ninfa, dizia voltando-se na direção de um par de olhos verdes que se grudavam em Moira, visivelmente emocionados.

Essa voz! Eu conheço essa voz! Moira subitamente prendeu a respiração a essa revelação. Sua mente voltou-se para todas as noites em que o som invadiu a escuridão de seu quarto.

"– Se soubesse não estaria assim, dormindo com a lua cheia do verão. Ainda vai levar mais um tempo... Talvez!"

A voz irritada!

Mas foi a outra mulher que cativou a atenção de Moira. Os cabelos longos e vermelhos retorciam-se em cachos que escorregavam na pele iluminada. O rosto perfeito, vindo de um sonho bom, sorria como a claridade da manhã de um dia bonito, aquecendo e aconchegando. Em gestos medidos, a forma flutuante, esguia e perfumada, aproximou-se. Cada movimento, uma sinfonia de cores e sons à luz da lua. Por algum motivo instintivo, ao encontrar com os olhos verdes, Moira *sabia* qual era a voz dela!

– M-Moira... – o timbre choroso tremeu de leve. – Achei que nunca veria esse dia... Que ele nunca chegaria... – lágrimas pesadas rolaram pela face, fazendo sulcos no pó iluminado. – Mas você está aqui... M-Minha... Filha...!

Moira abriu a boca, espantada.

– Conheci seu pai, em nossa terra natal, há dezesseis anos. – Lívia explicava. As outras mulheres se aconchegavam ao redor para ouvir também.

Ou melhor, outras "Veelas", como Moira agora sabia o que eram. Peles brilhantes e translúcidas, fadas, encantadas, todas sobrenaturais. Seres que podiam mudar de forma, esgueirar-se como cobras pelos pastos e troncos, correr como lobos pelas montanhas, galopar como cavalos selvagens pelas planícies... E voar como falcões pelos céus.

– Seu pai decidiu caminhar à noite em nossos bosques. – Lívia continuou – E nos surpreendeu dançando ao luar de verão. Sempre fazemos isso, está em nosso sangue. Quando o vi, acreditei que tinha ficado encantado pelo feitiço que nossa dança exerce nos humanos, e que teria morrido se eu não o libertasse. – a voz de Lívia era mágica – Achei que ficaria bem, mas na noite seguinte voltou e nos encontrou no mesmo local, e seguidas noites repetiu o gesto. Sabia que os humanos podiam perder a razão em contato conosco, ficarem entorpecidos e esquecidos de tudo, mas seu pai era diferente... Não fazia aquilo por força da nossa magia. Já estava tomado pelo verdadeiro amor! – os olhos verdes brilharam como pedrinhas. – E confessou esse amor a mim numa dessas noites. Eu sabia que não podíamos ficar juntos. Éramos diferentes: ele era humano e mortal e eu sou o que sou – sua voz ficou carinhosa. – Mas a força do sentimento que me arrebatou foi mais forte que tudo o que eu conhecia... – o sorriso era feliz e saudoso. – Seu pai e eu ficamos juntos por todo o verão... – um suspiro frouxo acompanhou as últimas palavras.

Moira ouvia com a mesma fascinação que sentia quando o pai lhe contava histórias sobre fadas e seres encantados. Agora entendia por que sempre foram as narrativas prediletas dele.

– Você nasceu numa linda manhã de primavera – o olhar de Lívia era doce. – Uma pequena e miúda criaturinha, fruto de dois mundos. Nem eu, nem seu pai, nem nenhuma de nós sabíamos se você seria totalmente humana ou uma Veela. Só o tempo poderia dizer. – a tristeza tingiu a bela voz – Por isso, quando foi desmamada, decidimos que seria melhor que fosse criada pelo seu pai, longe de nossa terra natal, onde possuíamos inimigos naturais. Você era vulnerável, tão pequenininha! – seus olhos marejaram em lágrimas e o coração de Moira doeu de uma saudade desconhecida.

A Veela de voz irritada, Dieda era seu nome, colocou um braço nos ombros de Lívia.

– Se você fosse totalmente humana – continuou depois de um momento –, nosso mundo não a alcançaria. Viveria feliz e na ignorância de nossa existência. Seria o melhor para você, filha. Mas se fosse uma Veela, pelo menos em parte, então precisaria de nossa ajuda para entender sua força, compreender as mudanças que sofreria, e poderia viver também entre nós, como uma de nós – os olhos verdes,

iguais aos de Moira, brilharam de felicidade. – Eu poderia me revelar a você, sem medos ou receios... Mas desde o início, quando partiu com seu pai para essa terra, não conseguia me manter afastada. Era insuportável, impossível ficar longe de você! Por isso deixei minha terra, com algumas de minhas irmãs, e velamos toda a sua infância, seu sono. Cuidamos e protegemos, sem a ciência de seu pai. Quando completasse quinze anos, seria o momento da verdade. Tudo se decidiria e a vida seguiria o curso, humano ou não.

Moira absorvia cada uma das palavras como uma esponja seca num copo d'água. Sua mente buscou as visões passadas e elas fizeram total sentido agora. Sabia que era diferente, intuía secretamente, mas isso era... Uau! O homenzinho em seu ombro fez as malas e foi embora, para sempre!

Não percebeu o movimento, apenas o cheiro de jasmim e acácias que vieram dela, o brilho que irradiava da pele e iluminava o rosto lindo. As mãos quentes e suaves tomaram as suas e os olhos verde mato fixaram-se em seu rosto.

– Filha... Moira... – a voz era emocionada. – Espero que compreenda o que tive de fazer. Que foi para o seu bem, meu amor! Jamais poderia me perdoar, pela eternidade, se falhasse com você, meu único bebê! – o olhar ficou imenso como a lua. – Amei seu pai por todo esse tempo. Nunca deixarei de amá-lo, sei disso. A semente dele me deu você, que é a minha maior criação! Minha magia perfeita! Eu a amo muito, filha. Todo o sacrifício que fiz, até que esse dia chegasse, foi para olhar em seus olhos e perguntar... – a curva dos lábios de Lívia tremeu e uma das mãos tocou de leve o rosto de Moira. – Poderá me amar algum dia? Como amo você, minha filha? Poderá me perdoar? Será capaz de entender e me aceitar? – a ansiedade na voz de Lívia era indisfarçável.

Assim como no rosto de todas as Veelas. Gentis e tensos, aguardando o veredicto. Moira as olhava com admiração, um rolo compressor de emoções revolvendo seu interior, expandindo e obrigando o peito a encontrar espaços para comportar cada nova sensação experimentada. Antes eram apenas ela e o pai. O mundo era bem menor. Agora havia toda uma família para conhecer, entender... E amar.

"– Não é desse medo que estou falando. E se acontecer o pior? E se o que eu temo se confirmar? O que vai ser dela?"

"– Mas então... É certeza? Você consegue ver alguma coisa? Alguma luz? Ouve? Ela tem chance?"

"– M-Moira... Achei que nunca veria esse dia... Que ele nunca chegaria... Mas você está aqui... M-Minha... Filha...!"

Lembrou de todas as vozes no escuro, conhecia todas. Mas a dela era a mais querida! E como acontecia sempre, por intuição, Moira compreendeu que seria capaz de tudo isso. E ainda mais!

Mirou-se nos olhos verdes como os seus, sabendo agora de quem os herdara!

– Mãe... – falou devagar, experimentando o sabor de cada letra, o gosto de toda a palavra. E o calor e aconchego que calcaram em sua alma.

Tomou nas suas as mãos da mulher linda que chorava como uma criança, e que ao ouvir esse nome, também pela primeira vez, abraçou-a com força, soluçando...

As Veelas dançavam! Felizes! A música muda enchia o ar e seus corpos ágeis e brilhantes fulguravam com os reflexos da lua cheia de verão.

– Bem, claro que se algum humano idiota, como aqueles hoje pela manhã, a ofenderem – Dieda resmungava, com sua voz irritada –, você tem todo o direito de atirá-los às formigas! Embora eu ache que escorpiões, cobras e lagartos sejam mais adequados! Sobre as transformações, isso não é difícil, só é necessário prática. Prever o futuro é mais complicado! Eu mesma nunca consegui dar uma resposta para sua mãe a seu respeito – e sua pele perolada reluzia. – Ah! Deve tomar cuidado com os machos humanos! Eles se apaixonam por nós mortalmente. E quando digo "morte" é no sentido literal da palavra! Eles podem morrer de amor, ficar sem comer, dormir, beber...

Dieda explicava, enquanto Moira sacudia a cabeça.

– Diga isso por você, Dieda – ela riu. – Duvido que algum garoto se apaixone por mim, não sou lá essas coisas. Existem meninas mais bonitas! – *Não eu, a esquisita!,* completou em pensamento.

Dieda levantou o dedo em frente ao nariz mirando Moira com os olhos azuis faiscantes, surpresos e ofendidos.

– *Ninguém* é mais bonita que uma Veela! *Nenhuma* humana pode se comparar a nós!

Moira ainda sacudia a cabeça.

– Acho que precisamos *mostrar* a verdade a ela, Dieda – Lívia dizia com os braços em volta da cintura da filha. – Lembre-se, ela fez quinze anos ontem!

Moira não viu de onde surgiu o espelho trabalhado que Dieda colocou em suas mãos. E muito menos estava preparada para a visão que se refletia nele. Mirou-se devagar, o coração quicando mais do que uma bola de basquete em final de campeonato. Seus traços estavam lá, ela podia reconhecer: o nariz levemente arrebitado, os olhos verdes, as maçãs cheias do rosto, o queixo fino, tudo. Mas Moira não sabia dizer *de onde* havia aparecido a luz que se estampava em suas feições, para onde foram todas as sardas da pele, como seu cabelo havia adquirido aquele aspecto ondulado e lustroso, descendo em cachos graciosos. E muito menos como cada ângulo de seu rosto conseguiu se harmonizar, de tal maneira, que tudo o que Moira podia ver era: perfeição! Os lábios cheios abriram-se de surpresa e ela prendeu o fôlego.

– Viu? Eu lhe disse! – Dieda exultava, ficando ainda mais bonita – Os machos

humanos podem se apaixonar mortalmente.

Moira sorriu para seu reflexo inesperado, tocando o rosto com as mãos perfeitas. Depois fitou a dança que se exibia na clareira.

Seu pai, a escola, sua antiga vida, tudo passou rapidamente por sua cabeça. Haveria muito a fazer, ela sabia. Mas, por hora, isso poderia esperar...

– Mãe... Dieda... – voltou-se para as duas, um velho desejo tomando seu corpo – Eu quero dançar! Me ensinam?

– Não há o que ensinar! Está em seu sangue. – Lívia levantou-se, a beleza cintilando pelo ar – Venha! – convidou.

E Moira foi, os pés descalços tocando a grama fofa, o corpo no ritmo da música que só elas poderiam ouvir, flutuando e levitando. A lua cremosa rodopiava no céu azul escuro de verão.

E o corpo iluminado de Moira girava graciosamente em seu primeiro anel de fada no chão.

Primeiro de Abril: Corpus Christi **Luiz Bras**

Os monges que conversam com os pássaros foram embora há muito tempo e a última onda migratória levou para longe toda a esperança. Nuvens de maconha e haxixe perambulam pelos cânions catatônicos, iluminados de alto a baixo, enquanto o musgo e a ferrugem disputam as paredes e o asfalto (é o que dizem). Na extremidade oeste do bairro, o Chapeleiro Louco e o Homem de Lata saem do elevador de gelatina sintética, correm até a sala de reuniões deserta – tão abandonada quanto as outras cento e vinte do edifício – e começam a testar todos os terminais de rede que encontram. Na extremidade leste do bairro, a Mulher Maravilha e o Gato de Botas fazem a mesma coisa: invadem um edifício governamental deserto, correm até a sala de reuniões mais próxima e começam a testar todos os terminais de rede que encontram. Na extremidade oeste, o Chapeleiro Louco toma dois analgésicos, duas anfetaminas e se prepara para se conectar à rede. O Homem de Lata tira do abdome um adaptador tailandês e avisa, vai doer, vai doer pra caralho, camarada. Na extremidade leste, quem se prepara para se conectar é a Mulher Maravilha. O Gato de Botas também tira um adaptador pirata de sua pochete e não diz nada, nem mesmo boa sorte. Felinos não gostam dessas frescuras sentimentais.

Quatrocentos anos atrás, Primeiro de Abril foi fundada – não exatamente no dia primeiro de abril, mas dez dias depois – entre os rio Tigre e o Tietê. Duzentos anos atrás, a cidade foi comprada e fatiada pelos conglomerados do centro-oeste. E integralmente informatizada. Dois anos atrás ela se tornou um organismo autoconsciente, e isso não é uma figura de linguagem. Primeiro de Abril literalmente ganhou vida e se insurgiu contra as autoridades que a governavam. Há duas semanas, noventa por cento de sua população já havia fugido para as cidades vizinhas. Há duas horas, o que sobrou da força-tarefa do Fantasma da Ópera, apoiada pelos mercenários do Chapeleiro Louco, deu início à operação Amigo-Urso. Os belos e gentis monges que conversam com os pássaros tiveram que abandonar há muito tempo as gaiolas de oxigênio e fugir pelos túneis do metrô. Com eles, também foram embora a delicadeza e a inocência – a seiva? a linfa azul? – da maior metrópole do hemisfério austral. Os cânions carmesins e perfumados agora estão tomados pela vulgaridade e pela grosseria dessas criaturas meio homem meio máquina que o Fantasma da Ópera arregimentou – onde? – nos lixões do próprio inferno, só pode ter sido aí. Contra a vontade do diabo (é o que dizem).

Na extremidade oeste do bairro, todas as câmeras de segurança apontam para a testa do Chapeleiro Louco. Zumbidos desconfiados percorrem o interior das paredes, a cidade está alerta e expectante. O Chapeleiro Louco conecta os pinos do tentáculo

direito no adaptador e o Homem de Lata conecta o adaptador num terminal de rede antiquado, mas ainda em bom estado. O sistema neural do Chapeleiro Louco une-se ao sistema neural do edifício. A chuva de jujuba são os protocolos de conexão caindo em cascata. Na extremidade leste do bairro, todos os sensores de calor e movimento apontam para a testa da Mulher Maravilha. Murmúrios ariscos percorrem galerias e encanamentos, a cidade está atenta e ansiosa. A Mulher Maravilha conecta os pinos da antena esquerda no adaptador e o Gato de Botas conecta o adaptador num terminal de rede novo em folha, mas chamuscado nas laterais. O sistema neural da Mulher Maravilha une-se ao sistema neural do edifício. Os efeitos colaterais da antiga interface ciborgue-cidade são logo sentidos nos dois lados da fronteira que separa o pensamento de carne e o pensamento de silício. Uma onda de cristais fosforescentes quebra nos músculos tesos de um rochedo orgânico, quase derrubando o Chapeleiro Louco e a Mulher Maravilha.

Conectado, o Chapeleiro agora pode tentar conversar com as vozes sibilantes da cidade. É a primeira vez que um mestiço máquina-homem faz isso. Espontaneamente, eu quero dizer. A conexão direta é sempre perigosa. Antes disso, experiências com criminosos condenados à morte resultaram em dano neurológico permanente, no mínimo. Também conectada, a Mulher Maravilha agora pode viajar no fluxo eletrônico, subir e descer alamedas de pólen e flocos de neve, visitar catacumbas floridas e perfumadas. Mas não há pólen, flocos de neve, flores ou perfume de verdade. Esses elementos são a representação reconhecível, mais humana do que cibernética, de fenômenos internos, metropolitanos, que só a cidade compreende. O Chapeleiro Louco sente as mandíbulas queimarem. Vomita verde e amarelo. Grandes pirilampos vêm farejar seus olhos gordurosos. Ele pede sem erguer a voz, mensageiros, preciso falar com a grande alma de Primeiro de Abril. Os pirilampos explicam que não existe uma grande alma em Corpus Christi. Existem três.

Corpus Christi, repete em silêncio a Mulher Maravilha. É como a cidade chama a si mesma, pensa o Chapeleiro Louco. A *cidade* não, a *colmeia*, corrigem os pirilampos. Estática, enxaqueca. A Mulher Maravilha ajoelha e pede mais analgésicos. Sua cabeça dói muito. É apenas para ela que os pirilampos explicam que a colmeia é controlada por três legiões, por três classes de indivíduos: os loucos, os sonâmbulos e os céticos. Cada classe lida com a informação à sua maneira. Os loucos são os que iniciam os novos fluxos de informação. Os sonâmbulos são os que aceitam assimilar e repassar automaticamente os novos fluxos recebidos. Os céticos são os que se recusam a assimilar e a repassar automaticamente os novos fluxos recebidos. Louco é quem cria um novo fluxo e vê a sua repetição aos milhares e aos milhões nas redes de comunicação. Sonâmbulo é quem reproduz o novo fluxo aos milhares e aos milhões nas redes de comunicação.

Cético é quem filtra o novo fluxo de informação, assimilando os dados confiáveis e descartando os irrelevantes. Os loucos formam novas opiniões. Os sonâmbulos reforçam as novas opiniões formadas. Os céticos examinam minuciosamente as novas opiniões formadas.

Na extremidade leste do bairro, A Mulher Maravilha, saturada de informação, também vomita verde e amarelo. Seu braço esquerdo está paralisado. A face esquerda também. Um acidente vascular cerebral? Ela pede ao Gato de Botas que interrompa a conexão. Na extremidade oeste do bairro, o Chapeleiro Louco recebe uma descarga emocional e desmaia. Em seguida convulsões felpudas atravessam sua espinha dorsal de titânio. Meio atordoado, o Homem de Lata interrompe a conexão e as convulsões param. Lá fora, o bairro começa a ondular feito um oceano vivo. Feito uma imensa criatura gelatinosa tentando se livrar de seus carrapatos. O Gato de Botas quebra o voto de silêncio, formata um canal seguro de comunicação e explica ao Fantasma da Ópera, somos nós, chefe, os piolhos somos nós. O Fantasma da Ópera quer saber como está o Chapeleiro Louco. Chiado e estalos atrapalham a telepatia acústica. Morto, chefe, *bzzz*, seu crânio tá soltando fumaça, *bzzz*, torradinho, *bzzz*, o Homem de Lata responde pela terceira vez, vencendo a estática. A conexão é rompida.

Segue-se uma série de breves convulsões superficiais, epidérmicas. Várias avenidas serpeiam, muitas torres de transmissão se curvam, alguns edifícios trincam e por pouco não vêm abaixo. Gemido geral: o complexo urbano uiva. Na extremidade oeste do bairro, os semáforos e os painéis luminosos emitem alertas em código, alfanuméricos, morosos, alertas que só os caixas eletrônicos e as catracas do metrô conseguem decodificar. Quando as máquinas de café e as de guloseimas começam a vibrar furiosamente, o Homem de Lata é forçado a fugir, deixando pra trás o corpo do Chapeleiro Louco. Na extremidade leste do bairro, uma teia de curtos-circuitos lança faíscas em todas as direções. O edifício governamental abre as portas e as janelas e é inundado pelo fogo revigorante e pela eletricidade purificadora. A Mulher Maravilha consegue escapar rastejando, mas o Gato de Botas é tragado pela corrosiva nuvem de fagulhas e fumo, e não sobrevive.

Duas horas depois, os poucos sobreviventes da convulsão urbana procuram refúgio a céu aberto, longe da rede elétrica e dos túneis do metrô. O Fantasma da Ópera, ferido na esteira direita e na embreagem, roda com dificuldade para o centro do parque Strawberry Fields. A Mulher Maravilha, meio paralisada e dispondo apenas da bateria de reserva, vai para a praça Penny Lane e de lá tenta entrar em contato com o comandante da força-tarefa. Na escuta, mas em pontos diferentes do bairro, também estão o Capitão Gancho (a ventoinha e o alternador inutilizados) e o Capitão América (os deltoides e os trapézios rompidos). A Mulher Maravilha consegue resumir, driblando a estática, a curta conversa tida com os pirilampos

mensageiros. O Fantasma da Ópera está muito irritado, e perdendo fluido hidráulico, e sangrando. Ele não quer saber se Primeiro de Abril se autodenominou Corpus Christi ou se a cidade é na verdade uma colmeia, ele não quer saber se os loucos, os sonâmbulos e os céticos formam uma tríade coesa ou se é cada um por si, ele só quer saber como pôr fim a essa insanidade. As eleições se aproximam e a Mulher Maravilha desconfia que o Fantasma da Ópera tem medo do governador distrital. Ela também desconfia que o governador distrital é o verdadeiro pai do Fantasma da Ópera. Mas isso é totalmente impossível de ser provado, a máfia política não deixaria.

Bzzz. O sinal está fraco. *Bzzz*. A dor tem um aroma de cafeína e nicotina, ela é excitante, mas insuportável. *Bzzz*. A Mulher Maravilha sente que vai apagar e engole mais estimulantes do sistema nervoso central. A paralisia começa a ceder, o calor vai voltando ao braço esquerdo e à face. Vagas lembranças da infância quicam e escorregam. *Bzzz*. Para combater a sonolência, o Fantasma da Ópera toma mais um comprimido de metilfenidato, contra a síndrome de déficit de atenção. Subitamente o chiado desaparece e o canal mais limpo possível da telepatia acústica é sintonizado e estabilizado. A mercenária e o comandante passam a discutir via satélite a situação. Nesse momento, não importam o vigor solitário da praça e a solidão vigorosa do parque. A Mulher Maravilha transmite suas primeiras impressões enquanto enfaixa o antebraço perfurado e fraturado:

< A colmeia está em crise. Ela está profundamente deprimida. >

< Por quê? >

< Na verdade são os loucos que estão deprimidos. Mas seu baixo-astral está envenenando os sonâmbulos e os céticos. >

< Qual é o problema com os loucos? >

< Ao longo dos séculos eles analisaram cuidadosamente as pessoas, as cidades e a natureza, e descobriram algo terrível. >

< Algo terrível? >

< Eles descobriram, horrorizados, que a realidade não é lógica e racional. Ela é cega e irracional. >

< Como? Que papo é esse? >

< Eles descobriram que a teleologia racionalista é uma balela. Que o princípio fundamental do cosmo – a força que move a vida, as cidades e as galáxias – é a vontade irracional, única, metafísica, cega, sem plano nem finalidade. Não só isso. Essa vontade cega e inconsciente, os loucos também descobriram, é a fonte de todo o sofrimento do mundo. Pois todo o querer se origina da necessidade, portanto da carência, do sofrimento. Pior: a vida, sendo pura vontade, é esse querer perpétuo que jamais será plenamente saciado. Afinal, cada desejo satisfeito dá lugar a outros dez, que uma vez satisfeitos dão lugar a outros cem. Infinitamente. >

< E é essa *grande descoberta* que está provocando toda esta confusão? >

< A colmeia inteira está muito mal. Ela não está conseguindo lidar com essa constatação profundamente pessimista. Duvido muito que os cidadãos possam voltar a viver aqui em segurança. Não antes das próximas eleições. Nem mesmo depois. >

O Capitão Gancho e o Capitão América conseguem acompanhar a conversa só até esse ponto. A partir daí a ligação afunda numa enxurrada de *bzzz* e o contato não é mais restabelecido. Sombras sobrevoam o bairro. O céu está escuro e baixo, ameaçando outra tempestade (foram três nas últimas vinte e quatro horas). Agora o Capitão Gancho e o Capitão América sabem exatamente o que está envenenando a cidade. É o mesmo *nonsense* feiticeiro que os envenena desde que foram ressuscitados para a segunda vida. O universo não liga para o destino doce ou amargo das criaturas minúsculas que o habitam. O cosmo não existe apenas para satisfazer as nossas necessidades. Que se fodam todos, gritam o tempo e o espaço. Que se fodam as plantas e os animais, os monges que conversam com os pássaros, os homens e os ciborgues, que se fodam as muitas consciências da colmeia urbana. As quatro forças que sustentam o cosmo são totalmente indiferentes a nós e às nossas carências. A força gravitacional, a força eletromagnética, a força nuclear forte e a força nuclear fraca não sabem nada do medo e do apetite orgânicos. O que está envenenando Primeiro de Abril é essa ausência de uma ordem moral universal. O Capitão Gancho conhece bem o gosto nojento dessa peçonha nojenta, dessa substância nojenta que o tornou uma criatura nojenta. O Capitão América também. Afinal são gêmeos genéticos nessa segunda e aflitiva vida.

A chuva desaba distribuindo arco-íris verticais entre as estalagmites de retransmissão espalhadas ao redor da praça Penny Lane. Ah, tanta energia disponível nas artérias subterrâneas da cidade e tão pouco nas da Mulher Maravilha. Sonolência cinza. Sua bateria de reserva está no fim e seu antebraço perfurado e fraturado devagar vai se dissolvendo na água ácida. É hora de fazer as últimas orações. As células estão entrando em colapso e a segunda vida está próxima de acabar. Que o Éter Onisciente, Onipotente e Onipresente receba e cuide bem de seu fluxo infinito de energia vital. Nos últimos momentos antes da morte, o córtex cerebral da Mulher Maravilha acelera e permanece duzentos segundos num nível muito alto de atividade. Os neurônios ficaram sem oxigênio, perderam a capacidade de reter energia e começaram a disparar em sequência, num efeito dominó que está provocando alucinações rápidas e sucessivas. Esse colapso leva a Mulher Maravilha por um túnel de luz branca, no fim do qual ela reencontra os parentes e os amigos já falecidos. Então a luz apaga, os parentes e os amigos desaparecem, o cérebro morre e a praça Penny Lane será seu túmulo.

O Fantasma da Ópera, também mergulhado na chuva intensa, perdeu muito sangue e quase todo o fluido hidráulico, por isso já não roda mais. Sem a esteira direita,

sem a embreagem, agora sem o virabrequim e a câmara de combustão corroídos pelo aguaceiro, tudo o que pode fazer é curvar a cabeça, recolher a cauda e os tentáculos, e seguir em frente, em sonho, pelo túnel de luz branca. E apagar para sempre, pouco depois de rever os parentes e os amigos mortos. O parque Strawberry Fields será seu túmulo e isso ele já sabia no momento em que, em fuga, passara do asfalto hostil para o gramado adormecido. Mergulhar numa nuvem definitiva de silêncio e solidão pode ser algo maravilhoso. Na maioria das vezes não parece plausível, mas pode ser. O Fantasma da Ópera jamais desejou a segunda vida, mas a decisão não cabia a ele: seu corpo e seu espírito sempre pertenceram ao sétimo batalhão da infantaria ciborgue. E o exército jamais abre mão de seu patrimônio. Então, pressentindo que não sairia mais do parque, foi com certa alegria que ele finalmente passou do asfalto para o gramado: seu túmulo e sua liberdade.

Bzzz. *Bzzzzzz*.

Os sensores de Corpus Christi estão atentos. Famintos. Os loucos querem saber mais sobre a segunda vida, sobre essa técnica delirante desenvolvida por humanos e ciborgues. O que é a segunda vida? Como começa a segunda vida? Qual é a função da segunda vida? Quanto tempo dura a segunda vida? No líquido amniótico do útero urbano, os loucos são os que iniciam os novos fluxos de informação. Também não sabem nada sobre a morte, esses fetos, esses inocentes loucos feitos de luz e *bits*. Por isso parecem tão interessados nos bárbaros. Nos guerreiros de carne e metal. Nos ferozes mamíferos mecânicos. A segunda vida pode representar a novidade das novidades para toda a colmeia. Por isso as avenidas, os quarteirões, os túneis e as pontes – o bairro todo – não voltaram a ondular feito um oceano vivo. Feito uma imensa criatura gelatinosa tentando se livrar de seus carrapatos.

Bzzz. *Bzzzzzz*.

O canto gregoriano da chuva, vitorioso e sensual, enfim cessa. E a enxurrada embriagada, sem rosto nem rastro, desaparece nos dutos inferiores. E o Capitão Gancho, isolado, sem comunicação, fica pensando na oculta sabedoria da morte. E o Capitão América, também isolado, igualmente sem comunicação, fica pensando na escura solenidade da morte. E as nuvens de maconha e haxixe voltam a perambular pelos cânions catatônicos, iluminados de alto a baixo, enquanto o musgo e a ferrugem disputam as paredes e o asfalto (é o que sempre dizem). E os sensores da cidade contemplam o Capitão Gancho e o Capitão América, apartados da força-tarefa desmantelada. E os monges que conversam com os pássaros foram embora há muito tempo e a última onda migratória levou para longe toda a esperança.

(É o que dizem por aí.)

(Também dizem que o Homem de Lata nunca foi encontrado.)

Névoa e Sangue **Nazarethe Fonseca**

O ataque foi como uma pancada nos sentidos. Não causou dor, só entorpecimento, a perda de mobilidade, algo como cair no vazio e não sentir o impacto. Debatia-se como alguém que se afoga, lutava desesperadamente, braços e mãos empurrando, contorcendo-se enquanto sentia a pressão dos dedos de seu agressor sobre sua boca. Mantinha os olhos arregalados, perdidos na face sobrenatural da criatura que a continha sem grande esforço.

Parado no centro do beco, debaixo da fraca luz do lampião, o assassino observava sua vítima e se deliciava com cada gesto. O aroma agridoce invadiu suas narinas e o fez deslizar a língua sobre os lábios cheios, ansiando por um pouco mais. O coração da jovem contida em suas mãos batia ligeiro. Um sussurro de puro deleite escapou dos lábios pálidos, famintos.

Banqueteava-se com a cor da pele, o vestido simples, os cabelos claros, os olhos verdes, as lágrimas que molhavam sua face, o movimento dos seios sob a seda vagabunda. Podia ver dentro da retina a súplica, o medo que exalava pelos poros. Desejou acariciar sua boca, sabia-lhe os lábios extremamente delicados, mas gritos escapariam a plenos pulmões, o que roubou de seu prazer do hálito vivo, morno.

Moveu-se, deteve a vítima pelos ombros. O vestido cedeu ao puxão, a carne estava exposta como a ceia ao faminto. O corpo da mulher tremia. Houve luta porque ele assim permitiu, divertia-se com a sua agonia. Provou a carne com uma lambida lasciva na altura do seio desnudo. Ela parecia pronta agora, soluçava, não conseguia gritar, mesmo livre da pressão dos dedos. Os olhos estavam enormes agora e dentro deles os olhos de seu algoz. O coração parecia prestes a explodir. A mordida lacerou a carne, o sangue surgiu como se brotasse de uma fonte. Os lábios sugavam esmagadores o seio farto, ele apertava sua cintura, as nádegas. A mulher gemeu estremecendo, morria.

Afastou-se como se tomasse ar, fitou a carne ferida, a marca de seu beijo. Percebeu a mão delicada crispada sobre sua capa. Houve prazer e dor. Deixou o beco, e num gesto despreocupado puxou a capa sobre os ombros, ajeitou a cartola.

Os passos de Edward ecoavam pela rua deserta, em dado momento seus movimentos tornavam-se estranhos, levemente artificiais, inumanos. A cartola e a capa estavam agora salpicadas com o orvalho. A mão enluvada segurava o cabo da bengala. Os olhos castanhos fitaram o horizonte enevoado de Londres com certa melancolia e ansiedade. O cabelo cortado com esmero tocava as orelhas, o pescoço. O rosto parcialmente oculto era misterioso e sombrio.

Mary movia-se à sua frente. Sua sombra frágil desapareceu no fim da rua, mas o

brilho dos cabelos ainda manchava de dourado os olhos de Edward. Silenciou os passos e até mesmo sua sombra sumiu do calçamento. Apertada dentro do casaco justo, Mary sentia o coração acelerado. Andar sozinha, mesmo num bairro elegante àquela hora era perigoso. Sentiu um arrepio de medo subir pela espinha. Parou e percebeu o silêncio à sua volta. Subiu na calçada e ouviu o chicote sobre o dorso dos cavalos. A carruagem negra e lustrosa passou ligeira e por muito pouco não a colheu em suas rodas. Voltou à rua e observou a carruagem sumir. Nesse momento, sentiu-se observada, um olhar quente sobre sua nuca, a respiração próxima. Olhou para o chão vagarosamente e viu uma sombra enorme e negra cobrir a sua. Mary voltou-se num giro rápido, mas a botinha ficou presa numa pedra irregular. O chão absorveu seu corpo de modo severo. Um gemido escapou de seus lábios pálidos. Tocou o quadril e a perna dolorida. A escuridão a cobriu. A mão enluvada surgiu e ela aceitou, ficou de pé, mas fraquejou. Torcera o tornozelo, não conseguia manter-se sobre o pé sem dor. Lágrimas inundaram seus olhos claros. Edward a puxou para junto de si num movimento repentino. As mãos mostraram-lhe o quanto aquela criatura era delicada, vulnerável. Só por um momento pensou em apertá-la e esmagá-la enquanto saboreava suas lágrimas de dor, silenciando seus gritos com beijos. Em vez disso, olhou Mary nos olhos e a ergueu nos braços.

– Acalme-se, logo chegaremos à casa.

Sem alternativa, Mary Elizabeth se deixou levar, estava em seus braços. Seu rosto estava vermelho, o coração batia apressado, tinha os olhos baixos. Estar tão próximo de um cavalheiro jamais esteve em nenhum dos seus sonhos, nem mesmo no mais ousado deles. Era uma criada, não deveria ter ilusões. Ela observou o rosto de perto, enquanto segurava seu ombro delicadamente. A sensação de prazer veio como uma onda e a fez baixar a vista envergonhada.

Sua chegada causou alvoroço, que foi contido com as ordens diretas de Mr. Edward. A situação foi vista com preocupação e reprovação por parte das criadas. Raymond, o cocheiro, surgiu e de imediato se ofereceu para tirar Mary dos braços do patrão, mas foi afastado com um simples olhar. Edward a carregou até a sala de visitas, seguiu pelo corredor, passou pela cozinha, entrou no pequeno aposento que dividia com mais duas criadas, e só então a colocou sobre a cama. Afastou-se para chamar a governanta, que surgiu completamente aborrecida com aquele incidente:

– Senhora Hill. – E sem tirar os olhos de Mary, continuou. – Mande Raymond buscar Dr. Wolf, o doutor.

– Não há necessidade, Mr. Bennett, eu posso cuidar disso.

– Não permitirei que nenhum dos meus criados sofra um acidente e não seja socorrido – afirmou, aproximando-se do leito, enquanto falava.

Mary Elizabeth viu novamente aquela sombra assustadora cobrir seu corpo e uma onda de medo a varreu, impedindo-a de falar. Ela movia os lábios, mas nada saía

deles. Edward levou o dedo à sua boca e a silenciou. Tirou a capa, a cartola, as luvas e as passou a Polly, uma das criadas. Sem constrangimento, desatou os cadarços livrando Mary da pressão do borzeguim, debaixo de seu olhar envergonhado, suplicante.

Dr. Wolf surgiu algum tempo depois, examinou seu tornozelo e constatou a torção. Ele enfaixou e a prendeu na cama por três dias. Jacob seguiu Edward até a sala e lá se trancaram para conversar.

– O que fez, Edward? Empurrou-a para tornar tudo mais fácil?

O jovem médico perguntou num deboche cortante, sorvendo a dose de *Brandy* que Edward havia lhe servido. Jacob era um homem comum, mas seu olhar verde possuía a frieza que nem mesmo sua expressão mais suave conseguia disfarçar. Apesar de pequenas, suas mãos eram extremamente fortes.

– Não costumo matar meus criados, Jacob. E para ser franco, não gostei do modo como a olhou. Ocupe-se com suas amigas, esqueça minha criada.

– Pensei que matasse e não as protegesse? Veja a que ponto chegou! – comentou cínico. – Me chamar para cuidar de uma de suas criadas! É um absurdo! Visite-a hoje e prometo-lhe uma certidão de óbito plausível. Ninguém me contestará.

– É o poder que o torna tão descuidado, "Jacob"?

– Do que fala...?

– Posso sentir o cheiro da morte daqui. Há sangue em seu casaco. – disse, tocando a mancha.

– Tome. Divida comigo este prazer.

Dizendo isso, Jacob puxou de sua maleta o bisturi enrolado em um lenço ainda sujo de sangue.

Edward o recebeu e sem nenhum pudor e cheirou. Imediatamente a visão da prostituta lhe veio à mente. O ataque foi brutal, o corte, seu sangue sujando os sapatos de Jacob, seu olhar demoníaco, a sarjeta inundada com o sangue de mais uma vítima.

– Que desperdício. – Edward lamentou.

– Pense no que lhe disse. – comentou, recebendo o bisturi de Edward.

– Volte para East End, onde pode espalhar tripas e medo, aqui é meu território – avisou suavemente.

– Podemos dividir, Edward, afinal, quando nos conhecemos, você estava com uma das minhas vítimas entre os dentes.

Edward riu da lembrança e o conduziu até a saída.

– Sempre me pergunto, o que o move, Wolf? – Edward questionou-o, realmente curioso.

– O mesmo que você, sangue. – Wolf sorriu.

Mary Elizabeth se recuperou, mas Edward não. Notou sua beleza há vários meses,

mas conteve-se, não costumava matar seus criados e levantar suspeitas sobre si. Todavia, tê-la nos braços e ouvir seu coração mortal acendeu dentro dele um desejo primitivo. Ele ardia de fome por aquele ser. Podia sentir seu corpo frágil, macio junto ao seu, nesses momentos fechava os olhos e tocava o peito onde a tivera tão próximo. Passou a evitá-la, tentando não correr riscos, mas a sede de sangue só crescia. Em uma noite de nevoeiro, voltou mais cedo do que de costume e assim que entrou, ouviu seu coração. Aquela batida ele nunca esqueceria, seu cheiro simples. Ouviu a respiração dela concentrada, o sabor de seu suor no ar enlouquecendo-o. Espreitava-a como um tigre numa floresta de bambu. Seria fácil possuir seu corpo, beber seu sangue quente, mas por que agora? Ela era tão fraca, pálida, indefesa. O que lhe roubaria além da vida? Nada. Era tão miseravelmente bela em seu camisolão de algodão grosseiro. Ocultou-se nas sombras ao vê-la erguer a vista. Parecia ter sentido sua presença, a ameaça à sua existência. Mary Elizabeth finalizou o bordado e preparou-se para dormir. Edward tirou o relógio da algibeira e constatou o adiantado da hora. Faltavam somente três horas para o dia nascer.

Jogou-se sobre a poltrona de damasco em seus aposentos e sopesou os prós e contras, mas tudo sumia ao lembrar-se de seu corpo, os seios perfeitos e róseos debaixo daquela terrível camisola, os pés pequenos descalços, a linda totalidade da boca, onde a linha do bordado mergulhava e ele não... O cabelo, pensou por fim. Deslizando pela nuca como fios de ouro...

Toda noite a encontrava acordada bordando à luz do lampião. Diversas vezes teve ímpetos de arrastá-la e possuí-la no chão, junto à lareira. Os laços da camisola não saíam da mente, eles o separavam de um mundo de descobertas...

Ela parecia tão cansada... Precisava resolver isso, assim jamais se alimentaria dela, não com aquele ar de morta-viva! Resolveu dar-lhe um aumento, dobraria o seu pagamento pelo ótimo trabalho que fazia em suas camisas. A governanta ficou chocada e tentou dissuadi-lo da ideia delicadamente, dizendo que as demais criadas ficariam descontentes. Edward resolveu a questão dando aumento para toda a criadagem. Mary Elizabeth e as demais criadas ficaram realmente surpresas. Na manhã seguinte, algumas delas até cantavam naquela casa silenciosa e quase vazia, já que o senhor dormia o dia todo. No seu dia de folga, Mary seguiu para a Rua Lambeth, um lugar pobre, onde famílias inteiras viviam com frio, em quartos abafados, sem higiene. Lá, o carvão era um luxo e havia muito pouco para comer.

Edward seguia seus passos onde quer que fosse, e naquela noite a viu entrar no quarto pobre. Pouco depois, ela alimentar uma velha cega, com o que pôde comprar de melhor com seu aumento de salário. Subitamente, percebeu que estava cheio de escrúpulos. Se saciasse sua fome, aquela velha seria jogada na rua. Não ouvia sua consciência há séculos, mas aquilo era culpa de Mary Elizabeth! O rosto bondoso o perseguia, assim como seus sorrisos e o sangue na ponta da agulha cada vez que

furava o dedo. Sim, ela continuava bordando pela madrugada adentro e ficando cada vez mais pálida e doente. Assim jamais a possuiria!

Esbarrou propositalmente com ela na rua assim que deixou a mãe. Recolheu seus pacotes, enquanto ela se desculpava. Dentro da carruagem, não falou muito, monossílabos baixos, enervantes! Edward analisou seu vestido barato, o xale gasto, os sapatos grosseiros. Precisava aproximar-se dela!

Não saiu aquela noite. Recolheu-se no seu aposento e por volta de uma da manhã, desceu à cozinha. Decidido a matá-la, surpreendeu-a dormindo sobre a mesa da cozinha. Ouviu suas desculpas e a assegurou que não seria despedida. Mary Elizabeth estava calma, mas sua presença a incomodava. Mostrou-lhe o bordado a seu pedido, e ali em suas mãos estava o motivo de sua dedicação. Mary Elizabeth, a sua Mary Elizabeth, bordava seu enxoval! A fronha exibia duas letras. “M e R”, Mary e Raymond, o seu cocheiro. A revelação deixou Edward furioso. Olhou seu rosto feliz e até rosado e sorriu. Desejou-lhe boa noite e sumiu.

Matou Raymond na noite seguinte. Despedaçou-o como um animal furioso e dois meses depois, a velha cega. Mary Elizabeth tornou-se um fantasma vestido de negro, seu trabalho continuava o mesmo, mas dentro de sua alma morava um imenso vazio. Não bordava mais, todavia ficava sentada na mesa tocando o enxoval inacabado, enquanto as lágrimas rolavam por seu rosto apático.

Edward surgiu na cozinha como um anjo demoníaco, devasso, e tentou consolar a dor que havia causado sem nenhum pesar. Logo Mary estava em seus braços, molhando seu ombro com lágrimas. Ele estava satisfeito. Finalmente tinha Mary à sua mercê, do modo que sua mente cruel, fria e temerária havia idealizado.

Mergulhou em seus lábios detendo-a junto ao corpo com força. Mary Elizabeth gemeu tonta, sem ar, ajeitou-se em seu colo, abraçou-o, e tudo que conseguia fazer era dizer o nome de Edward. E depois de seis meses de espera e desejo, beijou-a. Apertava o corpo delicado com ansiedade, sentindo o tecido grosseiro de sua camisola de algodão. Ela deixou os lábios tocarem a garganta de Edward que gemeu diante da carícia. Sem conseguir mais se conter, carregou-a escada acima, direto para o quarto. Manteve as luzes apagadas, para não amedrontá-la com sua verdadeira face. E na semi-escuridão, despiu-a lentamente. Queria mais que sangue. Precisava ver seu corpo nu, sentir a textura de sua pele sob os dedos sensíveis, sob o corpo, absorver o calor, emaranhar os dedos nos seus cabelos feitos de sol.

Quando não suportou mais a fome e o desejo, mordeu sua carne feroz, deixando o sangue inundar sua boca. Sorvia vagarosamente, saboreando cada gole como se fosse o primeiro e o único. Havia uma grande profusão de sons. A respiração fraca de Mary. O coração resistindo à luta, o corpo delicado tremendo. Afastou os caninos ainda sujos, os lábios entreabertos e buscou a boca delicada de Mary num beijo sôfrego. Arfava pleno, satisfeito. Matou sua fome, possuiu-a. Manteve-a no leito em

seus braços, enquanto ela dormia mortiça, Edward fazia planos e em nenhum deles estava a morte de sua criada.

Despertou num estado de felicidade sem igual, enquanto vestia-se com a ajuda de seu criado particular. Por um momento, fitou o leito e lembrou-se dos momentos de prazer vividos com a mortal com felicidade. Sequer chegou à escadaria e foi tomado por uma sensação de vazio, pavor, desamparo. A Sra. Hill aproximou-se e deu-lhe a notícia:

– Mary Elizabeth se foi. Era o único modo de lidar com a situação. – disse, envergonhada.

– Do que está falando?

– A encontrei adormecida em seu leito, Mr. Edward.

– O que fez? – rugiu, fechando as mãos sobre a velha.

– Cuidei da situação de modo sigiloso.

– Idiota! Saia de minha casa ou a matarei.

Durante dias Edward a procurou. Corria pelas ruas, o vento batia na face descorada com força. Então decidiu procurá-la no último lugar que gostaria poder encontrá-la. Whitechapel surgiu. Um bafo frio e de odor forte o atingiu, aquelas ruas sinistras e úmidas o atormentaram. Havia muitas delas nas ruas, mas nenhuma delas se parecia com Mary Elizabeth. Seios à mostra, espartilhos de todas as cores, assim como as cabeleiras, as faces pintadas com ruge como se fossem bonecas vivas. A névoa acumulava-se nos becos, dos esgotos saía um cheiro nauseante. Os olhos escuros de Edward vasculhavam ruas e rostos. Parou e tocou a parede de um dos bordéis. Sentiu-a, era Mary em seu coração, seu cheiro, a ligação entre eles agora era maior. Invadiu a casa e chegou ao salão principal pronto a ferir o primeiro que encontrasse ao seu lado. A sensação se foi... Onde ela estava?!

Correu pelos corredores do bordéis chutando portas, revirando os quartos. A porta dos fundos! Chutou a porta, se viu num beco escuro, vultos ao longe. Sumiram. Seu coração!

– Mary! – a voz de Edward cortou o beco.

O sabor de sua pele estava no ar se misturando ao vento frio. Condensava em orvalho e as gotas gritavam: – “Medo”.

Um grito de terror, o cheiro de sangue invadiu suas narinas e o alimentou.

Aquele sobretudo negro! As mãos pequenas, fortes, fina erguida no ar, o bisturi. Jacob! O empurrão o jogou longe, seu corpo caiu pesadamente sobre o calçamento polido, o bisturi escorregou de sua mão tinindo ao tocar o chão.

Mary tinha o vestido rasgado e um corte leve no colo. Edward a puxou de encontro ao peito aliviado, tocando-lhe os cabelos dourados em desalinho, o rosto coberto pelas lágrimas, o terror na face. Jacob estava de pé e muito aborrecido.

– Ela é minha, Edward!

– Aqui tudo me pertence, Jacob, até mesmo sua vida.

– Ela é uma prostituta! Uma maldita e barata prostituta! – seus olhos estavam enormes e a pouca humanidade que possuía parecia haver desaparecido. – Uma vadia imunda. Londres inteira a teve. – gargalhou alucinado.

Jacob avançou sobre Edward e os dois se atracaram. Mary foi empurrada ao chão.

Edward lutava com toda sua força de vampiro, mas dentro do corpo humano de Jacob havia um demônio tão feroz e violento quanto ele. Chocavam-se contra as paredes virando velhas caixas, rolando pelo chão. Jacob armou-se novamente com uma estaca, um resto de madeira e avançou sobre Edward com força total, quando a ouviu:

– Jacob – foi um sussurro.

Jacob voltou-se e fitou os olhos claros de Mary Elizabeth.

A lâmina deixou um caminho luminoso no ar e abriu a garganta de Jack, o estripador. Caído aos pés de Mary Elizabeth, Jacob morreu sufocado em seu próprio sangue. Edward se aproximou, tirou o bisturi das mãos sujas de Mary. Abraçou-a e beijou-a, enquanto ela fitava o homem morrer com verdadeiro fascínio.

Um mês depois

Whitechapel, East End, via impassível mais um assassinato. As estrelas e a lua estavam dentro dos olhos de mais uma vítima. O cheiro de sangue tomou a rua escura. O corpo estremecia, o ataque abriu um corte profundo irreparável, de orelha a orelha. A madrugada ia alta, logo o sol nasceria e revelaria o horror da cena.

O assassino afastou-se, bisturi na mão, os dedos sujos de sangue que levou à boca e desenhou o contorno dos lábios carnudos. Os lábios delicados agora tingidos de sangue perderam o tom sempre pálido. No olhar uma expressão indefinida, enquanto fitava o corpo alquebrado da sua vítima. A cabeça quase separada, o vestido rasgado. Ergueu o rosto, havia mais alguém na rua, voltou-se para encarar Edward.

– Mais uma, meu amor? – Edward perguntou aborrecido. – Necessita parar, Mary. Isso não a alimenta, precisa comer, está tão pálida. – disse, beijando sua testa fria. – O que faço com você? – perguntou enquanto a mantinha entre os braços.

Procurava-a há horas, sempre que sumia podia encontrá-la onde ele tantas vezes evitou buscar alimento. O cheiro daquele bairro miserável o deprimia. Mary estava faminta, mas não se alimentava, apenas matava.

Fitou o corpo da prostituta sob o olhar atento de Edward, que notou a mancha no vestido de seda. Ele ofereceu o pulso sangrento à amante, que aceitou prontamente, sugando faminta e quando finalmente se afastou, pareceu mais lúcida.

Os olhos claros de Mary estavam muito distantes. Neles ardia um fogo misterioso

e eterno, o fogo da morte.

O Incrível Congresso de Astrobiologia **Cris Lasaitis**

Era uma jovem fêmea *Homo sapiens* chamada Lima C..

Lima, no caso, é um tipo de fruto terrestre azedo, rico em ácido ascórbico, também chamado pelos terráqueos de vitamina C. Não se sabe por que os humanos têm o costume de dar aos exemplares do sexo feminino nomes de plantas como Rosa, Violeta, Margarida; mas nunca o nome dos compostos químicos responsáveis pelo perfume ou sabor dos mesmos, como Glicose ou Etanoato de Etila. Sabe-se que Lima C., embora seja um nome refrescante, não é lá muito comum para os *Homo sapiens*, mas era assim que a humana em questão assinava os artigos científicos que publicava no seu mundo de origem, o que nos leva a deduzir que é deste modo que ela preferia ser chamada.

Lima C. era bióloga. Isso significa que ela passara quatro anos de sua vida estudando o que é a vida, para passar o restante do tempo tentando entender o que tinha estudado. Ela nunca conseguiu compreender a vida de fato, pois a ciência humana ainda se encontra em um estágio demasiadamente primitivo, mas tudo indica que, ao menos no domínio das ciências biológicas, Lima C. era menos ignorante do que o restante da sua espécie. Ela se formara pela Universidade de São Paulo, que era um centro de estudos científicos situado em uma das maiores manchas demográficas do planeta Uvs-Plagh! – a que os seres humanos costumam chamar de Terra – e se orgulhava muito daquilo.

O planeta Uvs-Plagh! é o sexto na órbita próxima da estrela Angh-Uh!, embora seus habitantes acreditem que seja o terceiro, pois a sua tecnologia incipiente ainda não os permite identificar astros parabrânicos. O planeta é o único no seu sistema a apresentar traços de vida pluricelular e os seres que ali habitam estão em evolução há aproximadamente um bilhão de anos uvs-plagh!ianos. Em um período evolutivo desta magnitude, é previsível o surgimento de uma espécie como o *Homo sapiens*, que divergiu do entroncamento evolutivo dos primatas como os únicos seres do planeta capazes de provocar suicídio coletivo autoconsciente, o que configura o nível –8 na escala Tofh-Aah! de inteligência.

Por quinze milênios nos mantivemos em observação contínua nas fronteiras parabrânicas de Uvs-Plagh!, onde temos estudado a evolução dos *Homo sapiens* atentamente, embora esta nos parecesse uma das espécies semi-inteligentes mais desinteressantes do universo. Por todo esse tempo, nunca havíamos tentado contato com os humanos, até porque eles ainda são muito primitivos para compreender o significado da diplomacia, e poderiam entender a nossa intromissão como entendem uns aos outros: como uma ameaça.

A nossa política para com a humanidade terrena mudou quando nos deparamos

com o exemplar Lima C.. E a razão para que este único espécime nos tenha despertado a atenção dentre dez bilhões de seres humanos foi um atributo a que ela mesma chama de intuição: a sua capacidade de fitar o céu noturno e desconfiar da nossa presença, passando a desenvolver um interesse notável pela vida além de Uvs-Plagh!.

Lima C. se dedicava à astrobiologia.

No seu planeta natal, a astrobiologia ainda é matéria de ficção. Uma ciência calcada em especulação pura, uma vez que os *Homo sapiens* jamais encontraram indícios de vida em outras regiões do universo. Em seu pequeno hábitat no Instituto de Biociências, Lima C. passava seus dias lendo obras de ficção científica e observando a natureza enquanto teorizava sobre formas alternativas de organização molecular capazes de gerar a vida em ecossistemas não-terrestres.

Nós analisamos suas publicações e afirmamos: seus chutes teóricos passavam longe da realidade, mas o conjunto da obra era surpreendente por nos revelar que a capacidade imaginativa do *Homo sapiens* é muito maior do que a sua inteligência.

Apesar do insucesso teórico e da inutilidade que a sua carreira insinuava aos olhos dos outros humanos, nossas antenas telepáticas sinalizavam que o interesse de Lima C. na vida extraterrena era legítimo. E levando em consideração o sentimento sincero que a cientista humana nos devotava, decidimos que estava na hora de fazer contato com a sua espécie.

Foi assim que um convite de honra para o MCXI Congresso de Astrobiologia chegou à caixa de e-mails de Lima C.. De início, ela ficou estupefata pelos 1.110 congressos de astrobiologia dos quais jamais ouvira falar. Por outro lado, sentiu-se orgulhosa por ser cotada como uma presença indispensável, sinal de que era reconhecida como uma das maiores autoridades do seu mundo no assunto, e para não frustrar o bom juízo dos organizadores, apressou-se em preparar o seu melhor artigo para apresentar no congresso.

O congresso aconteceria no auditório de um prédio com formato de disco voador, a que os humanos daquela localidade chamavam de Anhembi.

Discos voadores são objetos aéreos fictícios, que os humanos acreditam se tratar de meios de transporte de civilizações extraterrestres. A mente humana não consegue se dissociar facilmente das dimensões espaço-tempo, então pensam que nos transportamos linearmente sobre a brana, como eles mesmos o fazem. Mas o Anhembi não era um disco voador, nem mesmo uma construção móvel, e no dia e hora marcados, Lima C. apareceu com o seu convite de honra impresso e o seu pôster debaixo do braço, encontrando na entrada do prédio um luminoso com a seguinte saudação:

BEM VINDA, DRA. LIMA C., AO MCXI CONGRESSO INTERGALÁCTICO DE ASTROBIOLOGIA!

Parada à porta, boquiaberta, só então Lima C. percebeu que ela era a única pessoa inscrita no congresso, se não é que o congresso fora preparado exclusivamente para ela.

– Mas eu avisei que o meu nome é Cláudia Lima!

E os dizeres do luminoso plasmaram-se em novas letras, que aos olhos da humana pareciam gelatina de néon:

DIRIJA-SE AO AUDITÓRIO, POR GENTILEZA,
OS ORGANIZADORES A AGUARDAM.

Surpreendida, foi o que Lima C. fez.

Ela caminhou ao longo do saguão vazio, desconfiada de que fora vítima de uma galhofa humana. Por curiosidade, os humanos são muito dados a brincadeiras de mau gosto, bem como a vinganças; Lima C. era humana e sabia disso, tanto que gastou cinco milhões de potenciais sinápticos planejando vingar-se do autor da brincadeira, caso o pegasse.

Ela não percebeu e não tinha como notar os conversores parabrânicos que havíamos instalado ao longo do saguão, nem mesmo desconfiou das distâncias que transpunha a cada passo que dava. De forma que, quando alcançou o auditório, havia cruzado três branas, indo parar a três universos de distância de casa.

Nós estávamos lá para recebê-la.

E ao nos enxergar através da névoa, vendo-nos nadar em bolhas de metano com nossas antenas telepáticas refulgindo amigavelmente através dos gases, ela parou e nos observou com os olhos apertados. Retirou os óculos, esfregou-os na blusa, recolocou-os no rosto, e só então retesou com as órbitas saltadas e os poros eletrizados em alta condutância, encarando-nos feito uma bactéria à sombra de um frasco de antibiótico…

– Aaaaaaaahhh!! – saudou-nos com espanto.

E depois de se aterrorizar conosco, Lima C. virou-se para procurar a porta do auditório e percebeu que não havia mais auditório, nem porta, nem planeta Uvs-Plagh!…

Tentamos acalmá-la:

– Ughws-vs-Uugh! Plagh-grvs-Ih-Blagh! Igh! Tp-tp-Aaah!

Mas o pico galvânico emanado por sua pele denunciou que nossas palavras não surtiram o efeito desejado, então foi necessário que nos comunicássemos com ela por meio de sua linguagem interna.

E foi assim que Lima C. começou a ouvir seus pensamentos como se eles não pertencessem a ela, surgindo no fluxo de suas ideias como uma vaga cascata sináptica de estimulações aleatórias. Assim, fizemo-la entender quem éramos e para que a trouxemos ali.

A terrestre se acalmou.

– O Congresso? – balbuciou em seu linguajar gutural. – Eu vou participar do Congresso? Com vocês…?!

Sim, iria participar do maior congresso de astrobiologia de todos os universos! Ela tinha compreendido, seu raciocínio era lento, mas ela possuía o nível crítico de inteligência para entender. E sorriu maravilhada.

Prendemos nossa amostra de *Homo sapiens* dentro de uma bolha de oxigênio e a levamos para o campo unificado de conferências interbrânicas, junto com o restante dos espécimes por nós recolhidos no universo Pugh-Oh!.

As inteligências nível 1 de todas as branas conhecidas do paracontinuum infinito se reclinaram curiosas sobre o minúsculo verme humano. Não que ele fosse mais interessante ou inteligente do que as outras amostras coletadas, mas descobriu-se que sua mente tinha uma profundidade emocional inigualável por qualquer outro ser que habitasse o abismo da existência entre o Tudo e o Nada.

Os humanos são seres de vida curta, mas a habilidade que a sua mente possui para imprimir emoções aos ínfimos ciclos de existência é capaz de perpetuar suas memórias ao infinito, abstraindo-os da dimensão temporal para mergulhá-los em uma efêmera eternidade psíquica.

Uma capacidade única!

E nós, os habitantes das interbranas, muito nos empenhamos em entender a mente emocional do frágil espécime que tínhamos à frente. Discutimos. Debatemos. Analisamos… E enquanto o congresso seguia, a fêmea *Homo sapiens* emitia trinados agudos, reflexos galvânicos e tempestades sinápticas que irrompiam da membrana da bolha para estremecer nossas antenas telepáticas. Tempos depois, ela se calou e deixou de reagir, foi quando percebemos que devia estar sofrendo. E em estudar o seu sofrimento, lembramo-nos de que a agenda do MCXI Congresso de Astrobiologia se cumpriria em seis ciclos galácticos, que era um período muito maior do que o tempo de uma vida humana.

Seria necessário preservá-la…

E então Cláudia Lima abriu os olhos e saudou a rachadura no teto do seu quarto. Ela nunca tinha ficado tão contente em ver a rachadura ali, era um sinal reconfortante de que estava em casa. Alívio inefável acordar após um longo e bizarro pesadelo em que se viu levada como amostra para um congresso de astrobiologia de seres de outra dimensão.

Não queria mais pensar no sonho. Não queria mais saber de astrobiologia. Queria estar em casa e em casa ficar.

Sentou-se na cama dando vazão a um bocejo prolongado após um cochilo despreocupado em uma tarde de sábado. Os raios vermelhos incidindo nas paredes do quarto, refulgindo sobre os pôsteres dos congressos passados. Na janela, a cena

deliciosa da cidade imersa na névoa alaranjada da fuligem ao pôr do Sol.

Um pôr do sol que perduraria pela eternidade. Uma memória ativada e reativada e reativada e reativada por contínuos estímulos elétricos na mesma área do giro denteado do hipocampo, enquanto o corpo comatoso se conservava em uma gota de plasma a tremular por muitos ciclos no Museu de Astrobiologia do 3º Universo à direita do abismo…

Brazil Reloaded **Antonio Luiz M. C. Costa**

Alheio ao imponente cenário de Manhattan, dominado pelos mil e quinhentos metros da Huoreng Tower, Jamal só tinha olhos para o localizador e o cronômetro embutidos nos oculares escuros. Estava no lugar exato e faltavam cinco minutos e trinta e dois segundos para o contato que podia mudar sua vida, ou acabar com ela. Junto ao parapeito, com as árvores já meio desfolhadas do Liberty State Park atrás de si, tentava parecer distraído e despreocupado enquanto andava de um lado para o outro e esfregava as mãos, esforçando-se para espantar o frio da manhã de outono, que se infiltrava como se a puída jaqueta *jeans* não existisse.

Nascido de mãe solteira e pobre, mas inteligente e talentoso, talvez tivesse sucesso em um tempo menos conturbado, ou se fosse um pouco mais certinho e menos temperamental. Na festa na qual comemorava a conquista da bolsa de estudos, bebeu além da conta, apesar de menor de idade.

Deu azar.

Era um tempo de histeria em relação à criminalidade juvenil. Prefeito, promotor e delegado haviam chegado a seus cargos prometendo tolerância zero em relação a adolescentes bêbados e turbulentos. Sua farra foi interrompida por uma inesperada batida policial e os policiais divertiram-se em aterrorizar e humilhar a garotada. Furioso e meio alto, Jamal vingou a si mesmo e à namorada com uma vigorosa garrafada na cabeça de um policial, que mandou o tira para o hospital e ele mesmo para Attica, em vez de Princeton.

Foi condenado a cinco anos de prisão e estigma perpétuo. Ninguém o empregaria, mesmo se houvesse lugar para um ex-presidiário sem curso superior em alguma parte dos Estados Unidos da América Atlântica. A tentativa de montar uma banda trop-anarcho fora um furo n'água, não tinha como pagar jabá para blogueiros.

Sua mãe morrera enquanto estava na prisão, de um câncer cujo tratamento o seguro de saúde deu um jeito de não cobrir. Não tinha moradia nem namorada fixa, nada que o prendesse ali. Restava-lhe emigrar e começar uma vida nova. De preferência para o Brasil, ou pelo menos para o México ou outro país da Unaclam. Alguns conhecidos de infância haviam migrado para São Paulo, Rio, Buenos Aires e Lima, estavam se dando bem e podiam lhe dar uma força se chegasse lá. Mas não tinha meio legal de conseguir o dinheiro do qual precisava. Então...

O auricular tocou outra vez, interrompendo-lhe o pensamento. *Telemarketing* da Guangzhou Solar Panels, porque ele olhara, ao acaso, para um edifício portuário coberto por esses troços. Como se tivesse onde instalá-los. Mas tinha de ouvir sem desligar, pelo menos dez horas por dia, ou perderia a linha gratuita da Beijing Mobile.

Nisso, um homem branco se aproximou e Jamal deu-se ao luxo de interromper a ligação. De cabelo branco, porte atlético e oculares espelhados, trazia um *cyberbull* com mandíbulas de aço capazes de estraçalhar um touro a um comando mental. Tinha a pinta de veterano e ex-mercenário. Melhor nem pensar no que podia haver debaixo do sobretudo negro, a esvoaçar no vento frio. Provavelmente o suficiente para derrubar um pelotão.

– Bonita vista da cidade, com o Huoreng – disse Jamal ao recém-chegado, que se pôs a seu lado, fitando o horizonte. Era a senha combinada com "Mr. Bruce Miller", nome falso, claro.

– Era mais bela no tempo das torres gêmeas. E era mesmo! – continuou, exaltado, não satisfeito em dar a contra-senha. – Não havia todos esses chinas, russkies, indianos e cucarachas para fazer de Lady Liberty uma piada!

– Bem... – disse Jamal, com receio de contrariá-lo. – Pode ser, não sou desse tempo...

– Com certeza! – disse o homem de cabelo branco, entre dentes. – Mas eu cheguei a vê-las. Era garoto quando os cabeças-de-trapo as derrubaram, acompanhei pela tevê com mamãe e eu chorava, junto com ela. Pensei que era o pior dia da minha vida... mas tive de ver o suicídio do presidente Beck no *bunker* das Rochosas, a capitulação de Sarah Palin, a ocupação que jamais terminou! Você, Jamal Barack King, nasceu em 17 de novembro de 2030, com a pátria ocupada pelos vermelhos, não faz ideia do que foi o jeito americano de viver!

O jovem sentiu um arrepio ao ouvir seu nome e data de nascimento na boca do coroa. O arsenal ambulante fazia questão de avisá-lo de que sabia tudo sobre sua vida.

Já o tal *American Way* não significava nada para Jamal. Sua mãe não tinha essa nostalgia, nem as amigas dela. E ele, pessoalmente, não tinha más lembranças da ocupação pelas tropas do Pacto de Xangai. Todos eram solidários na escassez e na humilhação e os invasores não privilegiavam ninguém. Depois que devolveram a administração aos locais, os rancores voltaram a borbulhar.

Jamal, atento à política, apostava que, não fosse a pressão externa e a presença das bases estrangeiras, o Partido Nacional-Libertariano, fachada legal do proscrito Partido Republicano Patriótico, estaria no poder. Apesar das promessas de "não discriminar entre verdadeiros americanos" e ter alguns negros em suas fileiras, Jamal acreditava que o núcleo duro do PRP sonhava com restaurar o *apartheid* dos anos 2020. Se algum dia isso acontecesse, queria estar longe, ao sul do Equador. Tinha de ir em frente.

– Bem, estou disposto a fazer o negócio. Estava combinado que eu receberia um adiantamento, em moeda forte...

– Sem dúvida. Nada desse papel higiênico que hoje leva o nome de dólar –

resmungou o homem branco, amargo – Tenho comigo dez mil yuans, em notas de séries alternadas. Se completar a tarefa, mais noventa mil, no lugar combinado.

Dez mil yuans, quase cinquenta mil dólares. Dava e sobrava para a passagem para Salvador. Se recebesse o resto, teria um pé-de-meia para começar uma vida por lá. Mas tinham a intenção de lhe dar o dinheiro, ou um disparo de flechete na cara? Não valia a pena pensar nisso agora.

– Então estamos combinados. Me dê a grana.

– Saiba que se nos trair, nós o pegaremos, onde quer que esteja. E você vai se arrepender de ter nascido. Muito. Lembra-se de DeShaw?

Jamal lembrava. Depois de arrancados os genitais, os olhos, o nariz, o escalpo e a língua, o cara tinha sido fatiado como *carpaccio* de baixo para cima, com lâmina monomolecular. Segundo o CSI, bem devagar – e de alguma maneira o tinham mantido vivo até chegar ao coração. Oficialmente não havia indícios dos culpados. Mas no submundo, todos sabiam que ele tinha vacilado em um serviço para os Dark Knights, a ala terrorista do PNR.

Passou-lhe dois pacotes. Jamal entreabriu um e conferiu agilmente as vermelhinhas de cem, com o retrato do Grande Timoneiro. Teria preferido notas de reais, mas aquelas também eram bem aceitas. O outro era a muamba: uma ampola transparente cheia de um pó branco. Lembrava heroína. Claro que não era nada tão inocente.

– É um *mix* de vírus especialmente desenvolvido por um dos nossos *biohackers*. Na maioria das pessoas, causa uma virose desagradável, nada que dois ou três dias de cama não resolvam. Mas em pessoas com determinado perfil genético, estão programados para provocar uma febre hemorrágica fatal em menos de 24 horas. Senadores e deputados cujos nomes você não precisa saber agora, mas se quiser poderá conferir na *web*, no dia seguinte. Só queremos que entre em qualquer parte do Congresso, pode ser no banheiro, deixar cair essa ampola, pise e quebre. Ninguém vai notar. Não tem perigo de ser apanhado, nem de pegar a febre, se não se demorar demais: as nanocápsulas levam vinte minutos para abrir. Depois, é só passar na hora e lugar marcados, pegar o resto do pagamento e esquecer tudo.

O rapaz fazia ideia de qual seriam os congressistas visados – provavelmente alguns nos quais gostaria de votar, se a sentença de prisão não lhe tivesse cassado o direito ao voto. Não importava. Fez um sinal de assentimento e o homem afastou-se, sem olhar para trás. Claro, pensou Jamal, de alguma maneira o vigiariam. Talvez o *cyberbull* trouxesse ciberpulgas para pularem em sua roupa e transmitirem seus passos para os Dark Knights. Ou algo mais sutil. E o inseto que zunia por ali, seria robô deles? Ou da polícia? Ou uma vespa comum?

Bem, agora não adiantava hesitar. Tinha de ir ao antigo complexo das Nações Unidas, que a organização, depois de se mudar para Xangai, doou ao governo dos

EUAA para lhe servir de sede provisória até que os índices de radioatividade de Washington caíssem o suficiente para permitir a reconstrução da antiga capital.

Caminhou para a saída do parque ouvindo no auricular loas aos chicletes Jinjiang, café expresso Santos, *hot-dog* Rostovskaya e panipuris Srivastava, à medida que passava pelos respectivos robôs vendedores que circulavam pelas alamedas. Exasperado, bloqueou a função. A companhia podia tolerar algumas horas de desligamento e queria se concentrar nas indicações do localizador. Mesmo durangos criados na rua, como ele, não sabiam mais se orientar sem a ajuda de oculares e do sistema chinês Compass ou de seus concorrentes russo, euro e brasileiro. Até porque ninguém, mas absolutamente ninguém respondia a perguntas, pelo menos em Nova York. "Busque no Baidu", era a resposta padrão.

Para relaxar, pôs a canção favorita para tocar no auricular, cuja letra em português entendia bem. Gostava de estudar a língua desde garoto e continuara a praticá-la na biblioteca da prisão. Foi pensando em amarrar sua rede em coqueiros que dão coco, noites claras de luar e fontes murmurantes para matar sua sede que entrou na estação Exchange Place e conseguiu enfiar-se no maglev lotado, passando distraído pela Huoreng Tower e mais sete estações, antes que o Compass o avisasse que chegara à Grand Central.

O localizador insistia em sinalizar todas as oportunidades de consumo pelo caminho, mas fantasias tropicais de alegria e liberdade continuaram a embalá-lo por quatro quarteirões de ruas gélidas, apinhadas de cidadãos sorumbáticos e irritáveis. Aquele ainda era um dos melhores setores da cidade, o humor dos nova-iorquinos nunca fora dos melhores, e nada fizeram por melhorá-lo a mudança climática, a derrota na guerra, a nova ordem mundial que mudou o centro do mundo para outras paragens e o caos e superlotação após a chegada de milhões de atordoados refugiados da Virgínia, Maryland e Israel.

Chegou à United Nations Plaza. De repente, a enormidade do que estava fazendo lhe caiu em cima como um piano do alto da Huoreng Tower. Fora para aquilo que a mãe o criara? Para ser um instrumento na mão de criminosos, ainda por cima assassinos de alguns dos políticos menos indecentes do país? Era ele filho da puta a esse ponto? Bem, tecnicamente era, mas não nesse sentido. Ms. Shanice King vivera tempos difíceis, vendera o corpo quando jovem e assim nascera o pequeno Jamal. Mas nunca vendera a alma como fizera o filho desnaturado naquela manhã.

A decisão de Jamal evaporou-se de repente. Deteve-se em frente à entrada, pulso acelerado, boca seca, calor no rosto apesar do vento frio. Não ousava ir em frente e não ousava recuar. Pensou na mãe. Pensou em DeShaw. Começou a imaginar qual o suicídio mais indolor. A ponte do Brooklyn? Um arranha-céu? Mas a cápsula não se romperia de qualquer forma? Deu um passo para frente, outro para trás, indeciso. E se os Dark Knights o estivessem vigiando?

Dois homens saltaram sobre ele de direções diferentes, um negro, outro branco. Aterrorizado, Jamal ia correr para dentro, mas num piscar de olhos o alcançaram, agarraram e carregaram pelos braços, feito boneca de pano, para o que parecia ser um carro-forte estacionado. Alguns transeuntes olharam espantados, sem dizer nada, outros fingiram não ver. A força e agilidade sobre-humanas desencorajavam comentários, mesmo sem levar em conta as pesadas submetralhadoras que empunhavam com as mãos livres. Agiam como as tropas de elite biocibernéticas dos noticiários e dos holos de Bollywood.

A porta do veículo abriu-se e fechou-se num instante. Por dentro, parecia uma UTI móvel. Jamal foi jogado sobre uma espécie de maca e berrou, apavorado, certo de que iam fatiá-lo ali mesmo. Prontamente, uma garota de avental branco e traços orientais lhe aplicou uma espécie de pistola de vacinação no pescoço e deixou-se estar, relaxado, como se aquilo não fosse mais com ele. Despiam, o prendiam na maca, estudavam suas roupas e lhe passavam uma espécie de aparelho no corpo. Deixou até que o inserissem no ânus sem protestar.

– Que diz, Mariko? – perguntou o negro troncudo, com o tom de quem chefiava a equipe. Em português, percebeu Jamal.

– No corpo, nada de mais, capitão Ramiro – respondeu ela na mesma língua –, piolhos, muita sujeira, três microtransmissores, um ocular-auricular barato. Mas tiramos a sorte grande na jaqueta. Uma cápsula daquelas, além de um pacote de yuans e mais micros.

– Já tem análise, doutora tenente? – perguntou o outro homem, ansioso.

– Cristalografia em progresso, sargento. Para uma avaliação exata da periculosidade, faltam detalhes da estrutura molecular. Mas é o que esperávamos.

– Pode ter outros. Atento, sargento Nascimento! – disse o capitão para o subordinado. – De olho na temperatura, pulso e resposta galvânica de quem passa por aqui, qualquer gaiato nervosinho pode ser outro avião. Enquanto isso, bato um papo com este aqui. O gringo pode falar, Mariko?

– Tranquilizado, mas bem consciente, capitão – disse ela. Soltou as amarras de Jamal e começou a metê-lo numa roupa limpa. Um uniforme de presidiário.

– Não precisa me ajudar... – engrolou Jamal em português – mas ela o ignorou. Sua força era surpreendente, para uma moça tão miudinha.

– Ei, fala a nossa língua? – surpreendeu-se o capitão, enquanto a tenente aplicava o par de algemas. – Muito simpático. Mas pode falar inglês, se for mais fácil. Você está muito, mas muito encrencado, filhão. Mas se falar tudo que sabe, direitinho, podemos aliviar para o seu lado. E se testemunhar em juízo, pode até não se dar mal. Talvez nem precise usar esse modelito por muito tempo.

Jamal duvidou, mas não tinha nada a perder. O grandão não era um Knight e talvez até cumprisse a promessa, ou parte dela. A moça recolheu a maca e o fez sentar-se

num banco retrátil. Sentou-se e gaguejou toda a história, misturando inglês, português e gíria de gueto. Quando terminava, a oriental mostrou um *e-paper* para o capitão, que assobiou baixinho.

– E sobre o nosso amigo? – perguntou o capitão. – O que nos diz?

– Cronometria de resposta e doppler transcraniano perfeitos. Ele disse o que pensa ser a verdade e não tentou esconder nada. A menos que tivesse treinado como driblar a máquina por anos, mas não é o caso. Veja a biografia dele.

– Nascimento – disse o capitão –, verifique se há coberturas de satélite ou das nossas mutucas para a área do Liberty State, ponta nordeste, entre as sete e as oito. Vamos ver se conseguimos rastrear o tal do Miller.

– Bem, filhão – voltou-se, então para Jamal –, parece que estamos nos entendendo. Está claro, você é só um pobre coitado que entrou nessa roubada por falta de opção. Mas não tem ideia do tamanho do perereco.

– Sei que pretendiam matar uns caras do Congresso, mas não sei quem...

– Você não sabe é nada, filhão. Isso aí – apontou o cofre onde guardaram a ampola – não é o que lhe disseram. Nada de assassinato de figurões escolhidos com vírus engenheirados. Isso é a praga cinzenta, *gray goo*, como vocês dizem. Quando você quebrasse a ampola com o pé, as microcápsulas se dissolveriam instantaneamente com o oxigênio e soltariam os nanobôs para devorar você todinho a partir do calcanhar e usá-lo como matéria-prima para mais nanobôs. Levariam trinta ou quarenta segundos para acabar com você, depois comeriam tudo em volta, reduziriam a pó o Congresso e todos dentro, depois os prédios vizinhos. Se tivessem nos pegado de calças curtas, só a essa altura começariam a evacuar Manhattan e chamariam os capacetes azuis de Fort Hamilton para pulverizar a área com antinanos e tentar segurar a praga. Com sorte, daria para segurar essa merda no East Side, depois de arrasar centenas de quarteirões e matar umas cem mil pessoas. Se os antinanos não resolvessem, teriam que cauterizar Manhattan com bombas de nêutrons, para salvar o resto da cidade e do país. Morreria um milhão, talvez mais.

– Eu não sabia... – disse Jamal, sinceramente chocado.

– Pois é. Mas nós, sim. O rastreamento dos chinas pegou no ar e na web o zunzum sobre um atentado com nanobôs no Congresso. Mas eles sabem que não são bons para operar no meio do povo, ainda mais em uma cidade como esta. Os russos são ainda piores, porque nem desconfiam do quanto são toscos. Como de costume, sobrou pra nós...

– Capitão! – chamou o sargento, todo oculares e auriculares – Achei! O tonto foi num carrão preto todo "cheguei", imagine! Foi pelo túnel, seguiu pelo Brooklyn e Queens para Long Island e parou numa mansão em Glen Cove, quase no momento em que catamos o nosso amigo aqui. Os chinas acabaram de pegar um pico de comunicação em código na mesma área e três limusines pretas saíram e estão

pegando a estrada de Bayville, sentido leste. Picapau Amarelo e Arara Azul pedem reforços, acham que vão enfrentar um monte de gente bem armada.

– Hum... Pode ter outro avião vindo pra cá, mas não podemos deixar os filhos da puta escaparem. Não tem jeito, diga a Periquito Verde para ficar e redobrar a vigilância. Cardeal Vermelho a caminho! – e dirigiu-se para o homem e a mulher na cabine de piloto – Tenente Gouveia, Aspira Roberta, pra cima e avante!

– Este é um trabalho para o Capitão Ramiro! – brincou o piloto.

Ouviu-se o som de turbinas. O capitão e a tenente puseram os cintos de segurança, o sargento encarregou-se de Jamal e o aeroblindado decolou.

– Pra onde irão? – perguntou a oriental.

– Se estivesse na pele deles – respondeu o capitão –, eu ia querer um mini-sub ou dois. Tem dúzias de marinas ao longo da ilha e teriam uma chance de desembarcar em surdina no continente antes que a gente chegue lá com um sonar.

A Jamal, incomodavam menos as algemas que a falta dos oculares e auriculares. Sem acesso ao mundo, sentia-se já preso, cego, surdo e sem noção de espaço ou de tempo. Não saberia dizer se passaram cinco minutos ou meia hora antes da coisa pousar e as portas traseiras abrirem e fecharem. O sargento e a aspirante saltaram para fora e correram, cada um para um lado. O capitão saltou para o assento do co-piloto. Pela janela dianteira, Jamal viu uma estrada na qual um grande carro preto parou de repente, cantando pneu, seguido de perto por outros dois. Cinco ou seis homens de preto saltaram de cada carro e começaram a disparar, enquanto tentavam correr para o mato. Algumas balas desenhavam teias de aranha no vidro blindado, outras ricocheteavam na carroçaria. Para um holo de Bollywood, só faltava a pipoca.

O capitão apertou um botão e um minimíssil saltou de alguma parte do aeroblindado para o carro da frente, cujo motor explodiu numa bola de fogo. Outro veículo parecido disparou dois outros enquanto pousava mais adiante, inutilizando os outros carros. Um terceiro veículo chegou pela esquerda e cortou a rota de fuga para dentro de Long Island, varrendo a área com flechetes e encurralando os terroristas entre a estrada e o mar.

– Senhores Knights, eu não quero machucar vocês, eu não quero que vocês saiam daqui machucados, entenderam? – gritou o capitão em inglês, pelos altofalantes. – É só largarem as armas e pôr as mãos ao alto.

– *Fuck you!* – Jamal ouviu alto e claro, pelo amplificador, a voz conhecida.

– Você é um fanfarrão, Miller! – retrucou o capitão. – Nascido Charles Norris Duke, filho de dona Martha e do seu Thomas, major dos marines que, três anos prisioneiro em Kamchatka, puxou o saco do sargento Yushin para entrar pra guarda e ganhar ração extra! Tenho a ficha toda! Perdeu, *playboy*!

A resposta foi um micromíssil que explodiu contra o lado do blindado e o balançou violentamente. A blindagem resistiu, mas o alerta vermelho soou e saiu

fumaça do painel. O capitão continuou, pelo alto-falante, enquanto o tenente Gouveia acionava freneticamente o extintor:

– Só por isso, vou contar pra tua turma *como* você agradava o sargento Yushin toda noite...

– Capitão! – gritou o piloto. – Está vazando gás de refrigeração! Temos que sair, isto vai ficar irrespirável!

– A historinha fica pra depois que lhe quebrar a cara! – resmungou o capitão.

Apertou um botão e as portas traseiras abriram automaticamente. Ele e o Gouveia saltaram fora com armas pesadas em punho, enquanto a tenente agarrava Jamal pelo braço e o arrastava, indefeso, para fora, com uma pistola na outra mão.

Ramiro e o piloto ziguezaguearam na direção dos Knights em saltos humanamente impossíveis, enquanto a tenente levava Jamal para trás do muro de pedra de uma casa de campo e o mandava ficar agachado. Ele espremeu-se contra o chão de cimento o mais que podia, apavorado com os estrondos demasiado próximos da batalha. Ela ficou de guarda do outro lado da entrada, de tocaia contra algum Knight que por acaso aparecesse por ali.

De repente, um homem de preto saltou sobre o muro e caiu bem em cima da tenente, deixando-a como morta. Miller, Duke, ou como quer que se chamasse, lançador de minimísseis de repetição na mão, olhou, ameaçador, para Jamal.

– Então te pegaram, *nigger* inútil! Ah, se não tivesse de poupar munição...

Sem perder mais tempo, deu-lhe as costas para correr agachado, na direção da casa. Jamal notou, então, a pistola da doutora, caída ao seu alcance. Agarrou-a com as mãos algemadas, mirou e atirou.

Deu sorte.

Charles Duke sobreviveu para ser julgado numa cadeira de rodas. O projétil o atingiu numa vértebra lombar, deixando-o paraplégico. A colaboração de Jamal para sua captura, bem como o testemunho, renderam-lhe um perdão presidencial ao fim dos oito meses que durou o processo. Depois de um pouco de pressão por parte da embaixada do Brasil, é verdade.

A perspectiva de liberdade o deixou apavorado. A célula nova-iorquina dos Dark Knights estava desbaratada, mas a organização ainda existia em outros estados e lhe mandava seus recados, até mesmo dentro da cela de segurança máxima. Para onde iria e quanto tempo duraria lá fora?

Acalmou-se um pouco quando o capitão Antonio Ramiro, usando o uniforme das forças especiais do Exército Brasileiro e com três de seus companheiros, veio pessoalmente tirá-lo do xadrez. Trouxe-lhe um conjunto de roupas civis decentes e um par ocular-auricular. Jamal pôs os aparelhos com a sofreguidão de um viciado que consegue droga depois de uma longa abstinência e deu um longo suspiro de

prazer. Era da brasileira Tá, com banda dez vezes maior e localizador Orum, melhor que o velho Compass. Foi então se trocar.

– Não sei se lhe devo mesmo um favor – brincou o capitão, quando Jamal voltou do vestiário. – Por um lado, derrubar eu mesmo o miserável me renderia uma grande alegria e alguns pontos a mais no currículo, no mínimo. Por outro, acho que você salvou a vida da Mariko. Sem sua intervenção, talvez não a tivéssemos socorrido a tempo. *In dubio, pro reo*, como dizem os advogados...

– Que vai ser de mim? – interrompeu Jamal, nervoso. – Não tenho onde cair morto, o que não vai demorar muito...

– Não se preocupe, filhão, não vamos te deixar na mão. Podemos te arranjar uma identidade e aparência novas, para começar. Quem sabe, você tem a fantasia de virar uma loira sueca estonteante? A Mariko é especialista nesses truques...

– Por favor, sem gozação!

– Não é gozação, é um exemplo. Já fizemos coisas mais difíceis. Mas podemos discutir outras alternativas no caminho pra embaixada...

Dois meses depois, Jamal King trabalhava num cubículo do escritório comercial da embaixada do Brasil na Sexta Avenida, registrando e acompanhando processos. Era um funcionário exemplar. Nunca faltava no serviço, chegava sempre na hora, não perdia tempo tomando café ou batendo papo. Os mais antigos, que no começo consideraram o novo colega um queridinho da chefia, reconheceram que era eficiente. Mais que isso, era um caxias, um chato insuportável, que sequer passava recibo das piadinhas, apelidos e insinuações que recebia.

Ao terminar o expediente, deixava a mesa perfeitamente arrumada e seguia sempre a mesma rotina, atravessando calmamente o Central Park de ponta a ponta para chegar a um apartamento no Harlem, no bulevar Malcolm X. Não parecia nada preocupado com o risco de ser assassinado ou sequestrado por terroristas. Se alguém o observasse com muita atenção, talvez notasse que ele era sempre acompanhado por uma mosquinha, embora se apresentasse impecavelmente limpo e alinhado. Mas ninguém notava.

Jamal, ao caminhar pelas alamedas do parque, tinha excelentes razões para não se preocupar. Em primeiro lugar, a mosquinha não era o que parecia. Era o que o capitão Ramiro chamava de M.U.T.U.C.A. – Minirrobô Universal Transmissor Urbano Circunvoador Autônomo – e estava em conexão permanente com o Serviço Brasileiro de Inteligência.

Em segundo lugar, mas não menos importante, Jamal também não era o que parecia. Não era o mesmo jovem negro que testemunhara contra o cabeça dos Dark Knights de Nova York. Na verdade, não era nem humano. Tratava-se de um replicante, um androide coberto com tecidos humanos clonados do Jamal original e

moldado à sua perfeita imagem e semelhança, da verruga na ponta do queixo ao sinal de nascença na virilha, no laboratório da doutora Mariko. Era uma isca com a qual os agentes do SBI esperavam desentocar mais Dark Knights.

Quanto ao doador das células a partir da qual fora feita a clonagem, naquele momento observava de uma sala de embarque do aeroporto JFK o caminhão-tanque da Gazprom que se afastava depois de abastecer de hidrogênio o Embraer 995 da Tupi, o avião feito gigantesca arraia branca que o levaria a seu destino.

Não se chamava mais Jamal. Sua mãe, se viva fosse, não o reconheceria, embora tivesse feito questão de continuar a ser homem e negro. Estava sete centímetros mais alto e seu queixo, nariz, dentição e orelhas tinham agora outra conformação. Um computador também não o identificaria, pois também as impressões digitais, cordas vocais, retinas e íris haviam sido modificadas. Nem mesmo um exame de laboratório poderia provar qualquer conexão com o ex-presidiário de Attica, pois até o código genético havia sido alterado.

A ele próprio já custava acreditar que um dia havia se chamado Jamal. Parecia-lhe cada vez mais real a biografia fictícia inventada pelos brasileiros, segundo a qual nascera em Montego Bay, Jamaica e chamava-se Desmond Nesta Garvey. Depois de se graduar com ótimas notas no ensino médio, decidira adiar o curso universitário para conhecer o mundo, viajara pelos cinco continentes ganhando a vida com empregos temporários e agora planejava retomar os estudos, criar raízes e tornar-se um escritor. Nunca vira as escolas jamaicanas em que supostamente estudara, mas suas notas eram as mesmas que Jamal realmente tivera na Harlem Renaissance High School e a doutora Mariko lhe garantiu que, com elas, não teria dificuldade em conseguir uma vaga em uma universidade federal brasileira.

Com o passaporte da Jamaica, país integrante da União das Nações Caribenhas e Latinoamericanas – Unaclam – tinha todo o direito de morar, trabalhar e estudar no Brasil, para onde o chamavam agora a embarcar. Desmond entrou na fila e pôs outra vez o som de Ary Barroso no auricular, para ouvi-lo enquanto caminhava para a vasta aeronave pela longa ponte de embarque. Pela primeira vez desde o dia em que o arrastaram de uma festa para uma cadeia, teve a sensação de estar indo para casa.

Bons inimigos **Claudio Brites**

O cheiro da carne fritando faz os homens se encolherem. Frita no óleo, na frigideira preta, com um pouco de sal grosso. A mesa é uma aparição na sala mal iluminada, arrumada diante deles com toalha e pratos brancos de porcelana e talheres de cabo de plástico, também brancos. Três lugares, só dois estão ocupados. O terceiro homem está à beira do fogão, fritando a carne com capricho cirúrgico, seus olhos arroxeados parecem salivar, ao contrário dos outros, encolhidos como se sofressem de alguma cãibra no estômago. Ele sorri, assobia e adiciona mais e mais pedaços de carne, conforme a porção anterior chega ao ponto.

– O segredo tá na frigideira e no calor do fogo. Na frigideira e no calor – diz, jogando a carne para o alto.

– Pelo amor de Deus, nos poupe de seus comentários. Serve logo isso, antes que eu desmaie com o cheiro – diz o mais velho.

– Pra mim não parece porco – murmura o outro, um gordo aerado, a cara pálida coberta por uma película úmida que escorre pelo pescoço. Um suor misturado com um lacrimejar incessante.

– O sabor que é de porco, o sabor – cantarola o cozinheiro.

– Dizem que tem gente que vive de luz – o gordo comenta, olhando para luminária.

– Luz do sol – cospe o mais velho.

– Eu não acho que devemos comer, devemos esperar, as pessoas podem ficar dias sem uma refeição – continua o gordo.

O cozinheiro ri.

– Aposto que você nunca ficou vinte minutinhos sem comer.

O gordo abaixa a cabeça.

– Cê não entende? Não tem jeito. Daqui uns dias a carne apodrece e é pior – murmura o velho, abandonando um pouco o ar ríspido.

– Há quanto tempo estamos aqui? Não deve ser muito. Temos que achar outro modo de...

O gordo desiste de argumentar. Se ele fosse uma panela de pressão, deveria ser tirado do fogo imediatamente. O cozinheiro recomeça a sua cantilena, está lambuzado de uma alegria convulsiva, como se fritar a carne, colocar os cubos crus na frigideira e removê-los, organizando-os em pequenas porções numa grande tigela, fosse um jogo de pintar com o dedo.

– Pois esse porquinho está ficando uma delícia, vamos comer tudinho e sair daqui, sim? – diz, adicionando a última porção. – É isso que vamos fazer.

O inimigo é puxado pelas índias que esfregam suas xanas e riem de seu pinto encolhido. A muçurana na cintura, esticada e ele quieto, sem demonstrar medo.

– Nde roo, xe mokaen será kuarasy ar eyma rire – elas balem dançando ao seu redor e cospem, enquanto as crianças batem nele, jogam terra em seus ouvidos.

Ele olha para o sol e sabe que o que gritam é verdade, mas não teme ou amaldiçoa seu destino, mantém o orgulho no queixo serrado, entregando seu corpo, reforçando seu valor e por que é digno de toda aquela atenção.

Fora dos olhos do prisioneiro, um outro grupo de mulheres prepara a ibirapema, o porrete com o qual o matarão. Uma delas, escolhida na noite de lua minguante, unta a madeira com a pasta feita da gordura da anta, enquanto mais duas trituram os ovos da macaguá. Logo que eles virarem pó, serão usados para pintar a base engordurada do porrete com as listras cerimoniais.

A felicidade se espalha como a poeira vermelha que sobe das danças e o crepitar da fogueira que afasta todo tipo de espírito ruim. A vitória tardou, foram centenas de luas de humilhação e desaforo. Sem pesca ou paz na hora de dormir. Esse inimigo é a promessa de tempos de fogueiras altas e de sossego na aldeia.

Sem temor, o chefe grita e o canto aumenta, assim como os gritos das mulheres e as risadas dos homens animados pela bebedeira que começara no dia anterior.

Só um guerreiro se mantém silencioso em sua rede, preparando-se para a honra da missão que cumprirá mais tarde.

Ele não devia ter aceitado aquele último copo de batida. A cabeça é uma supernova indecisa. Mais um porre daqueles, mais uma festa daquelas e talvez não acorde. E onde está? O cheiro frio o deixa angustiado, sem saber por quê. Não está em casa e nem em um muquifo conhecido, está em algum buraco negro e tem alguém deitado ao seu lado. Estende os braços e a pouca luz revela os dedos enrugados e finos, consegue focar dois, três, um, cinco.

Há um enjôo, que ele acredita mais do cheiro do lugar que do álcool.

Ainda está com o casaco. Ainda vestido. Seja quem for o anfitrião, não curtiu. Percebe que estão no chão, num colchonete. Decadência. Dobra o pescoço e vê perto uma mesa de onde vem o único ponto de luz, uma luminária circular pendurada no teto, com uma única lâmpada. Por estar baixa, ilumina só a mesa e algumas cadeiras. Gira o pescoço, que range pelo desconforto da alcova e pressente que a sala é bem maior do que o círculo faz parecer, mas ele só consegue distinguir mesmo a mesa e as cadeiras, um volume sobre a mesa e, talvez, um fogão.

O homem ao seu lado é uns dez anos mais novo do que ele. Todo à vontade no colchonete.

Não se lembra dele na festa, não se lembra de nada, só dos inúmeros copos, risos e a batida final.

– Um boa noite cinderela, depois de velho? Vem me foder, vem me foder... – sussurra, levantando de uma vez e esticando o corpo. O pulmão se enche com o cheiro alcalino. Aperta os olhos, tentando espantar os martelos que se apossam de suas têmporas, tentando não vomitar. Os olhos se acertam e ele pode notar que a mesa é maior do que parece e sobre ela, o volume, é um homem.

– A coisa foi boa – murmura, tentando espantar a péssima impressão.

Em resposta, uma voz vaporosa sopra de um canto:

– Estamos presos aqui.

– Quem tá aí? – pergunta, ignorando o susto.

No raio da luminária se materializa um homem. Parece um sapo-boi, com os olhos opacos e suados.

– Nós estamos presos aqui, tipo uma sala, um cofre, sabe? E estamos presos.

O velho está acostumado com pessoas aditivadas, adocicadas, insanas. Sua vida boêmia não permite que qualquer coisa o espante, mas aquele gordo o deixa nervoso com sua boca pequena falando tremido, usando a voz grave de forma contida.

– Que cê tá falando?

– Eu já tateei tudo, sou eu, você, o fogão, aquele cara ali, a mesa, três cadeira e um armarinho, ali – o gordo aponta prum canto, onde o velho descobre o armário pequeno, desses de cozinha – tem uma faca, talheres, pratos, duas panelas, óleo e sal, dentro dele.

Brincadeira mais sem graça, o velho se enfada. Voz protocolar, prestativa, agourenta.

– De quem é a kitche? Como eu vim parar aqui?

– Não sei, acordei aqui, que nem você e esse outro deitado do seu lado. E, esse senhor aqui – indica o gordo, apontando pro homem que dorme na mesa – está morto.

Os mais jovens terminam de construir a cabana onde o prisioneiro passará a sua última noite. Amarram a muçurana no tronco que serve de pilar central.

– Debe mara pa, xe remiu ram begue – amaldiçoam antes de sair.

A mulher que vai servi-lo entra e lhe dá de comer mais uma vez. O pinto murcho se alarga um pouco. Ela vem com a boca larga e séria raspando as sobrancelhas dele com pedra e espalhando cinzas por seu corpo. Outras índias entram e o enfeitam com penas. Há um canto interrupto, que exala de suas gargantas com agudos que cortam a pele do prisioneiro, que irritam sua alma, mesmo diante daquela beleza e atenção.

A serva prepara uma rede para ele, com pétalas de flores e o escalpo de uma fera. Então ela sai, vai se banhar e tomar da bebida feita da água da mandioca para quando deitar com ele a sua semente não vingar. Se engravidar do inimigo, o rebento,

quando jovem, terá o mesmo destino do pai, ainda que numa fogueira menor.

As mulheres saem e ele descansa, guardando sua virilidade para mais tarde.

O chefe começa a entoar o canto final para que os homens se recolham. As crianças são recolhidas com dificuldade. Todos precisam descansar para retomarem os trabalhos ao alvorecer. Os convidados chegarão cedo e ainda há muito por fazer.

O gordo está curvado sobre o corpo do homem. Não aguenta mais sentir o cheiro da carne fritando, falar de comida. Seu corpo dói, mas ele não compartilha a dor, no mínimo será desprezado pelo grupo que colocará a dor cruciante na lista de exageros de um gordo faminto.

– Como foi que o Borras morreu? Era esse o apelido dele, não é? Borras? – fala, tentando suprir a cantoria do cozinheiro.

– Acho que foi suicídio mesmo, aquela costura no pescoço – responde o velho, aproximando-se do cadáver, aceitando a mudança no rumo dos assuntos. – Eu não sou médico, ou açougueiro, mas aposto que ele cortou a própria garganta, olha só. De uma orelha para outra

O cozinheiro ri. Depois gargalha. O gordo pergunta o que tem de tão engraçado num suicídio.

– Sim, ele cortou a garganta, depois o peito e arrancou os intestinos, estômago, fez uma limpeza bem cuidadosa, inclusive; uma múmia que se auto-mumificou. Teoria interessante, interessantíssima.

O gordo volta os olhos para o velho que levanta as sobrancelhas, sem saber o que dizer. O cozinheiro diz algo em francês e desliga o fogo, coloca a última porção na tigela e a lança sobre a mesa, entre os pratos, sentando logo em seguida. Tudo tão teatral, pensa o gordo.

Eles trocam olhares. Mesmo diante da hiperatividade do cozinheiro, se alguma música estivesse tocando seria um *jazz* melancólico, com cheiro de vime e a densidade do sabão, aquele feito de gordura animal.

Os dois sentam.

Mas por que ele ia querer isso, afinal, que graça tem não estar aqui para ver?, pensa o gordo, meio em voz alta. O velho fala de alguns rituais antigos, sobre reconhecer as pessoas de valor experimentando delas.

– Vamos fazer uma oração? – pergunta o cozinheiro, ignorando a conversa.

– Cê é o único que merece estar aqui – o velho range, servindo o próprio prato.

– Ele está certo, acho que devemos dizer algumas palavras, pode ser a nossa última refeição. E, se é pra ser um ritual, que seja completo.

O velho encara a tigela e a proposta do gordo. Desacredita da beleza daquela porção de carne fritinha, reforçada pela fome e tudo o mais que aconteceu nos, talvez, três ou cem dias que eles estão trancados nesta sala.

Veja esse menino de camiseta verde, ele sabe que não adianta mais fugir. E o outro menino, calças *jeans*, sabe que o menino de camiseta verde sabe. E por isso o menino de *jeans* para de correr e começa a andar para piorar o desespero do menino de verde encurralado, no fundo da sala.

– Vou comer seu rabo, seu maricas, com um cabo de vassoura!

– Po-por favor, me deixa ir, não foi por mal...

– Não foi por mal, ô caramba – o menino de *jeans* alcança o menino de verde e lhe dá um soco no estômago. – Você tem que aprender que quando eu peço cola é pra você passar e não dar uma de viadinho e contá pra professora.

O menino de verde se encolhe. Coloca os joelhos junto da boca e tenta buscar o ar. Sente um calor que enferruja seu ânus.

– E-eu num con-contei, ela viu.

– Mentira! – grita o menino de *jeans*, dando mais um soco, agora na cabeça do menino. Pelo ponto que atinge, se fosse mais forte, teria desmaiado o menino de verde. – Você contou, eu vi.

Ele não tinha contado, não tinha contado mesmo, mas agora, a cabeça atrapalhada pela dor, ele quase tinha certeza que fizera a denúncia ou quisera fazer. O menino de *jeans* não dá tempo para o menino de verde organizar os pensamentos, pega-o pelo colarinho e o levanta. Acerta sua boca com uma cabeçada e o devolve ao chão. As pessoas dão realmente cabeçadas? O menino de *jeans* fica olhando, ele estirado e se contorcendo, não é a primeira vez que bate nele, mas dessa vez há um prazer que lhe faz suar. O menino de verde começa a chorar baixinho. Não queria, mas começa. O outro o chuta nas costas, uma, duas, três, sete vezes.

– Cê é um lixo. Seu cagão de merda, viadinho de voz fina. Sua florzinha gorda. É pior que uma privada.

O menino de verde só faz chorar e se encolher, ele quer aguentar um pouco mais as porradas, ele sabe que a raiva do menino de *jeans* sempre passa, no fundo, o menino de *jeans* não tem coragem de ir muito longe, o menino de verde sabe disso, ou pelo menos reza pra isso.

– Eu não vô comê seu rabo, cê é privada.

O menino de *jeans* para de chutar, viu? Mas não é o fim e o menino de verde saberia disso se não estivesse com a cabeça rodando e o corpo doendo, o menino de verde teria ouvido o zíper do *jeans*, teria escutado pano desabotoando antes de sentir um líquido quente sobre sua cabeça e suas costas. O menino de verde teria então, talvez, protegido a boca e os olhos. Mas não ouviu e não protege.

– Não vou comê você, seu privada.

O velho grita para que o gordo cale a boca, não tem ácido que justifique a babaquice, já é demais, é melhor largar de falar besteira ou cadeiras vão voar.

– Não está respirando, eu chequei. Achei que você estava morto, mas ronca e o outro aí não para de se mexer. Mas esse aqui, morto.

O velho dá dois passos, mas percebe que prefere não checar o que o gordo diz. O outro deve estar com a pulsação baixa, coma alcoólico faz isso, não é? Diminui a respiração?

– Não tem pulso.

O gordo não entende nada, nem médico é. Não pode ser.

O homem que ainda dorme começa a resmungar e levantar. O velho se distancia – se o gordo está doidão assim, o outro deve estar também. Até pior. O cara no chão levanta em etapas, se desdobrando, arruma os cabelos negros, tirando-os da boca. No começo parece não se espantar com sua condição, mas então vê o velho e dá um pulo.

– Quem é você? O que tá fazendo na minha casa?

O gordo ainda vasculha o ambiente, como se algum detalhe que transformasse aquele cubo em uma casa realmente lhe tivesse escapado. O que responder para uma cara que acorda com você num filme ruim? *Sou o coelho branco e você deve me seguir, Alice* funcionaria em outras circunstâncias, mas sua cabeça está explodindo e um cheiro de querosene tem se apoderado de sua língua. O velho não consegue se conter ante o absurdo e anda até o homem na mesa. O gordo fala a verdade.

– Quanto tempo você tá acordado? – o velho pergunta pro gordo, indo em direção aos cantos escuros, procurar uma porta, ou sei lá, pular pra outro sonho menos louco. Paredes azulejadas e uma porta de aço. Um frigorífico?

– Uma hora, eu acho, num durmo bem à noite, sinto fome e meus joelhos adormecem no frio, doem, então...

– Dá para alguém me ouvir, caralho?! – o cara de cabelos negros grita – Onde eu tô? Quem são vocês?

Bem, pelo menos ele reparou que não está em casa, estamos evoluindo, pensa o velho abrindo os armários e conferindo o inventário do gordo.

– Sou gerente de banco – diz o gordo, sacando alguns cartões de visita.

Os homens acordam para desfazer a cabana.

O chefe recebe os convidados, saudando um por um e os chamando a partilharem da refeição.

A madrugada vai se desfazendo diante do filho mais velho de Kuandú, que vai espalhando seu calor. As crianças acordam caladas. As menores acalmadas pelas tetas das mães.

As mulheres mais novas começam a pintar o rosto e o corpo do prisioneiro. Fazem linhas em centenas de direções, zigue-zague e curvas, assim como na

ibirapema. Para quando o porrete acertar, os desenhos se confundirem. Trocam também as penas da sua última noite por aquelas que vão orná-lo em seu último dia.

A muçurana é retirada da cintura e atada aos braços. Alguns jovens e convidados se dividem na tarefa de puxar a corda, muito, assim, pro meio do seu corpo ficar esticado, firme. O prisioneiro mantém os olhos abertos, calado.

Quatro mulheres pintadas se colocam diante do prisioneiro. Elas tacam pedras em si, fazendo pequenos cortes em seus corpos. Gritam e riem da dor. O que farão, ao final da cerimônia, merece ser vingado e, além do mais, sem esse desabafo, o sangue do prisioneiro não ficará bom, ficará escuro de rancor.

Quando as pedras acabam, os homens acendem uma fogueira em frente. O inimigo é obrigado a olhar para as chamas. As quatro mulheres então vão buscar a ibirapema, uma delas volta dançando e guinchando, levantando as penas na frente do prisioneiro e lhe mostrando o porrete. Depois da desforra, de atiçar a ele e ao fogo, ela entrega a ibirapema a um guardião. Ele caminha até o centro e fica olhando uma oca próxima, de lá sai um guerreiro que está calado há três dias. É acompanhado de outros treze guerreiros que colorem seu corpo com cinzas e o levam ao portador do porrete, que o entrega a ele.

O canto termina e pela primeira vez o inimigo encara seu executor.

– Amém.

– Quem começa?

O cozinheiro nem espera alguém responder e já se serve. Coloca uma bela porção da carne, arrumada com elegância no prato branco. Falta um alecrim, alecrim com carne, sim, muito bom. E um vinho, tinto, ou seria branco? Não há cardápio fixo para esse tipo de situação, ele pensa, poderia ser uma coca, ajuda na digestão. O gordo se serve de três cubos, o velho só um.

– Só vai comer isso? – pergunta o cozinheiro, fazendo biquinho.

– Vá se foder.

– Você acha que ele vai ficar satisfeito só com isso?

O gordo consente e coloca mais alguns pedaços. O velho o segue, a contragosto. O primeiro a provar da carne é o cozinheiro. Mastiga com calma, como se fosse escapar de sua boca. É uma questão cultural, ele sabe, culturalíssima. Temos medo de perder o sagrado que nos envolve, temos medo de nos tornar recicláveis. Sustentabilidade, ele pensa, sustentabilidade. Eu deveria ter colocado mais sal, mas, sem sombra de dúvidas, é porco. Um porco que merece reconhecimento, quer reconhecimento, então, mastigar, isso, cento e vinte vezes cada pedaço.

O velho levanta da mesa, um som de ânsia, derruba o fogão, o armário e começa a urrar e chutar as paredes. O cozinheiro dá um rizinho:

– O Borras, realmente, era admirável – e continua a comer, acompanhado pelo

gordo.

O rapaz está apavorado. Encurralado e apavorado. Não acredita ter sido pego, não acredita que tem uma arma apontada para a cabeça. Ricardão um dia acaba se fodendo, dizem seus amigos, acaba tomando bala nos miolos. Mas o que ele pode fazer? É um vício, mulher dos outros, sabe? Precisa de tratamento, porque só sente prazer na cama alheia. Sempre foi cuidadoso, sempre comeu com parcimônia. E o marido, um merda, todo mundo sabe.

– Olha, senhor, olha, não é o que você tá pensando, ok? – diz o encurralado, pelado, com sua boca fina tremendo. – Eu não comi tua esposa, eu ia comer, mas não comi.

O homem não responde nada, a mão treme um pouco, mas ele todo está calado. Alguém desatento pode confundi-lo com um decalque no ar. O rapaz espera o aceite, o argumento é bom, pecado não consumado não é pecado.

– Eu juro, cara. E foi ela, ela que me arrastou pra cá. Acredita em mim!

Não tem muita imaginação, o jeito é vomitar as frases feitas, aquelas ouvidas na novela das oito, nos filmes vagabundos para onde arrasta as amantes. O homem com a arma continua parado, assim, sem querer saber. Sentindo a brisa fria que faz o corpo do rapaz pelado arrepiar, encolher-se, quase um eunuco.

– Para com isso, não estraga sua vida por conta de um bosta que nem eu, vai? Manda ele abaixar essa arma!

A mulher não está nem aí, deitada na cama, coça a virilha e assiste a cena com cara de tédio. O corpo nu rígido, com mais de quatro décadas de vida, mas devidamente mantido pelo dinheiro sempre vasto do marido.

– Vamos, atira logo, ou para com esse circo. – ela se manifesta.

O homem, sem tirar a arma da cara do pelado, olha pra voz nasalada.

– Que você tá olhando? Vai atirar em mim também? Atira logo. – senta na cama, segura os seios, aumenta o espaço entre eles. – Atira aqui no meio, ó.

O rapaz no chão começa a chorar, mais pelo frio do que pelo medo.

– Eu fui no restaurante, falei pra ele que queria trepar e ele veio. Eu chamei.

– Viu, cara? Foi ela, não disse.

– Faz dois anos que trepamos e você nunca desconfiou, por que essa viadagem agora? E onde arranjou essa arma?

– Mentira! Foi a primeira vez – ele começa a soluçar, puxando os cabelos pretos. – Eu juro, cara, eu nem comi essa boceta velha.

A mulher levanta num rompante e pega a arma da mão do marido, que nem tem tempo de reagir. E aponta para cara do amante.

– Que boceta velha, hein? Ajudante de cozinha de merda. Hein? Seja homem e assume.

O rapaz começa a bater os punhos no chão e dizer coisas que nem Deus consegue entender.

– Tó – entrega a arma na mão do marido. – Mata esse mané e depois paga alguém pra limpar tudo, eu vou tomar banho de banheira, minha mãe sempre disse que eu tenho azar pra pinto.

Ela começa a sair em direção ao banheiro. O rapaz chora mudo, de tanto desespero, tenta rezar. O marido levanta a arma e dispara no pescoço dela, rompendo a jugular.

Depois de um tempo quebrando o fogão, o velho volta para mesa com os punhos arranhados. O gordo está azul, como se a carne fosse para o pulmão, em vez de pro estômago. Não é o sabor de porco, o problema é o tempo sem comer, muito mais do que alguém pode aguentar, ainda mais um gordo como esse. Não tem problema de tireoide, não tem diabetes ou qualquer doença que o faça engordar. Seu estado físico é culpa só sua. Ele sabe disso e não liga. Não quer incomodar ninguém com suas justificativas. Não se importar com o que deliciosos lanches e saborosos doces fazem com ele. Não liga em ter problemas para respirar, contanto que possa dar um belo arroto toda vez que toma um copo de refrigerante durante as refeições. Gosta de comer, como alguns gostam de escalar. Para ele esse é seu esporte radical. Seu arroto, aquela sensação que tem ao arrotar, é seu orgasmo, a liberação do espírito para o que realmente importa. Só deseja trabalhar, fazer seu trabalho direito para ter seus trocados e comer o que bem entender, e não ter que provar nada para ninguém, pois ele não se importa.

Claro que percebe a cara de nojo das pessoas, ele a vê impressa em todos os que vão ao banco onde trabalha, nas pessoas que pegam o mesmo ônibus que ele, nos familiares. Ele sabe, mesmo sendo cheiroso, mesmo cuidando das roupas, do cabelo e limpando os óculos, sendo competente e tendo boas maneiras, sabe que o repudiam. Leproso. Mas não liga para a geração saúde. Sabe que se fosse em outra época seria rei, valorizado. Seria sinônimo de saúde e por isso tem certeza de que não está errado, os costumes que mudaram, os bons costumes que deixaram de ser.

Às vezes tem a impressão de que seria expulso do mundo se não tivesse o cargo que tem, se não fosse realmente bom no que faz. No banco, é eficiente, *muito* – exímio no corte, na avaliação, no cálculo, no balanço. Comedido, mas sabe dar ordens suaves, sem desperdício de energia e tempo. Tudo o que o sistema precisa. Quando o gerente foi transferido não tinham quem indicar a não ser o caixa que sempre esteve no topo da lista de funcionários do mês, era inegável. E lá foi ele. Em um mês ganhou treze quilos. Uma lenda, nunca saía da sua sala, nunca tratava direto com cliente. E a agência sempre no máximo de sua operação, tudo em ordem. Não podemos empreender esforços desnecessários, dizia, e dar voz pro cliente é esforço

desnecessário, sejam como um cirurgião e cortem com suavidade, o cliente nem vai perceber. Inclusive, ele vai pedir por isso, pedir para ser controlado, conduzido. A voz vaporosa ouvida por poucos que começaram a temê-lo e assim a obedecer. Sempre.

Dizem que um idoso insistia todos os dias em falar com ele. Algo sobre sua aposentadoria, um cartão de crédito que não tinha solicitado, dívidas que não eram suas. O idoso era insistente, fazia barulho. Chegou a persegui-lo no estacionamento. O gerente nem fez questão de olhar em sua cara, entrou no carro e quase passou por cima dele. Por mais que fizesse seu trabalho bem-feito, sempre havia um que reclamava de uma coisa ou outra. Desde que não ultrapasse os indicadores de produtividade e desempenho da agência, o gerente achava normal um percentual mínimo de clientes insatisfeitos. Fazer o quê? Ninguém agrada a todo mundo. A vida passa e a gente esquece os antigos rancores, ainda mais depois de uma aplicação caprichada.

O velho volta a comer.

– Incrivelmente tenra – sussurra o cozinheiro.

O gordo para de suar.

O velho fica tentando cavar um buraco nas paredes do lugar. Mas não tem jeito, as paredes azulejadas não oferecem janela alguma e a única porta é a de metal, trancada.

– É um tipo de câmara frigorífica? – pergunta o homem de cabelos negros. – Será que ele morreu antes ou depois de entrarmos aqui? Será algo pra nos incriminar?

– Morrer assim, arrumadinho em cima da mesa? – diz o velho, voltando para luz. – Acho que ele morreu antes de entrar aqui e esse seu papo de incriminar está bem certo, o que, no geral, seria bom.

– Bom?

– O gordo ai disse que tá acordado faz tempo. Então, uma hora ou outra, a polícia aparece. Não tem incriminação sem denúncia.

– A não ser que queiram esperar a gente morrer aqui pra não se defender... – agoura o gordo.

– E pra que esses pratos, talheres? – o moreno vasculha o armário. – Vamos cozinhar o sal no óleo?

– Não.

A negativa vem do gordo, tem a certeza dos falidos. Ele estende um livrinho, o moreno deixa os talheres e pega o volume.

– Onde estava isso?

– Entre as mãos dele, no peito. – Aponta para o cadáver.

– O que diz aí? – pergunta o velho, se levantando do chão.

O homem de cabelo preto parece confuso, para ele nada daquilo faz sentido, nunca foi de estudar, começou a trabalhar cedo. O velho toma o livro da mão dele e reconhece logo o autor, a encadernação. Taca o volume no chão e pega o gordo pelo colarinho.

– Que porra é essa? Hein! O que você sabe, vamos?

– Calma, calma – o moreno separava os dois –, não vai ajudar em nada isso.

O gordo, meio engasgado, meio constrangido, vai para as sombras.

– Eu acordei e fui ver o cara, vi o livro e peguei.

– É o tipo de piada mais doentia que já vi.

O velho então explica sobre o livro, sobre quem é o alemão que o escreveu. Não consegue ver o rosto do gordo, mas pode sentir seu cheiro forte de pânico. O moreno, ao contrário, parece ter alguns espasmos entre o riso e o espanto.

– Pode não ser uma piada – diz, quando o velho termina.

– Você me parecia sensato – suspira o velho, jogando-se novamente no chão.

– Não, é que... Trabalho em um restaurante, sou cozinheiro, sabe...

– E eu sou professor de história. E daí?

– Eu sou gerente de...

– Vocês dois querem calar a porra da boca de vocês? Putaquepariu!

O chefe pega o porrete e coloca entre suas pernas. Todos urram, realmente o prisioneiro é muito respeitado. Será farta a refeição. O executor o apanha novamente. Olha nos olhos do inimigo e diz:

– Xe anama poepika re Xe aju.

Então o oponente responde que também tem amigos para lhe vingar. Todos escarnecem, crianças e mulheres, chamando a vingança futura, admirando a coragem do prisioneiro que não se cala. O executor vai para trás do inimigo, que repete mais uma vez que será vingado em breve, que não teme, mas antes que termine a frase o outro golpeia a parte de trás de sua cabeça, fazendo os miolos se espalharem. Depois cães e pássaros viriam aproveitar destes pedaços esparramados na areia.

As mulheres o tiram da muçurana e arrastam o corpo para o centro, onde arrancam a pele, deixando-o quase branco, tapando o cu para que nenhuma víscera escorra por ali. Um dos treze guerreiros corta as pernas e os braços rente ao tronco. As quatro mulheres pintadas pegam os quatro membros e saem agitando-os no ar, por toda aldeia, guinchando e cantando, fazendo valer cada pedrinha que atacaram em si.

Os homens separam as costas da parte frontal e dividem entre si a carne do inimigo. As vísceras ficam para as mulheres e para as crianças, assim como os miolos, a língua e os olhos; deles fazem o mingau.

O coração é dado a quem o matou. Ele o divide com o chefe e o pajé. A eles serão dadas as memórias do inimigo, assim como seus sonhos e medos para que o

valente seja preservado dentro de si. Ao guerreiro, por não ter tremido, nem antes, nem depois, é permitido que adicione um novo nome ao seu. Em seu braço, junto ao ombro, é riscado, com o dente de uma onça, uma marca em sinal de honra pelo que fez.

Durante o resto do dia não se bebe ou come nada além do que provém do inimigo.

Os três estão em silêncio, o único barulho é o da faca fatiando a carne. O velho tem os dedos sangrando, mas não parece se importar.

– Meu pai dizia: "Você tem inimigos? Dê graças à Virgem. Significa que você se levantou por algo, alguma vez em sua vida." Eu nunca odiei ninguém em toda minha vida.

– Para de choramingar. Ou cê acha que o que faz no banco é algo bom? Que na verdade não odeia as pessoas e quer se vingar por elas serem mais felizes e saudáveis que você? – o velho disse, jogando o prato no chão.

– Por que você acha que eu sou infeliz? Hã? – era a primeira vez que o sapo-boi usava alguma potência de sua voz. – Por que sou gordo? Por que só encontro prazer em uma coisa que pintam por aí ser fonte de satisfação momentânea? Qual a diferença entre uma boa trepada e um bom prato de ravióli? Qual a diferença entre um iPod novo e um doce, daqueles que fazem o dente doer? Eu não odeio as pessoas, só não me importo com elas. Só quero que me respeitem, que reconheçam que sou competente no que faço e que me deixem em paz.

– Porque você odeia elas. E por isso está aqui. Está aqui porque odeia todas elas e gosta dos seus pequenos poderes, os poderes que seu cargo te oferece, para torturar todo mundo, como elas te torturam quando te olham com asco. E você, para de comer isso!

– Vai fazer o que – diz o cozinheiro cheio de carne na boca –, mijar em mim?

O cozinheiro abre a boca cheia de carne e pisca pro velho. O velho derruba toda a mesa em cima do cozinheiro, que cai da cadeira rindo.

– Isso, só falta quebrar as paredes e nos livrar da gaiola.

O velho ignora a provocação e vai até o corpo do homem morto, que agora está em cima de um dos colchonetes, e começa a pisar na cara dele:

– Seu merda! Seu privada! Seu borras! Se eu soubesse, teria judiado muito mais de você. Se eu soubesse que ia dar nisso, eu teria torturado você. Louco. Não aguentou as brincadeiras de um garoto, carregou com você esse ódio a vida toda porque você é um perdedor. – A face do cadáver ia perdendo a forma. – A vida é dura, meu caro. A vida é assim. Devia ter comido seu cu. É isso que você precisava. Acha que isso vai mudar alguma coisa? Se eu soubesse...

Na última pisada o velho caiu de joelhos e começou a chorar no tórax aberto do defunto.

E a porta de metal fez clique e uma luz entrou.

– Eu conheço esse cara! Claro que conheço, como podia não conhecer? Putz.

Quando o cozinheiro gritou isso, até o gordo se mexeu. Os dois rodearam o corpo com cheiro. O cozinheiro ficou medindo, fechando um olho, depois abrindo e concluiu.

– Eu comia a mulher dele.

– Você-o-quê? – perguntou o velho dando dois passos para trás.

– Ele matou a mulher!

Formou-se uma solenidade, um homem que mata alguém sempre traz isso consigo, um respeito Neandertal ou um temor: mesmo morto parece que ainda pode atirar em alguém. É uma aura que só é atribuída a pais que perdem um filho.

– Como não reconheceu o cara? – o velho perguntou, sentando no colchonete, ciente de que a coisa piorava.

– Faz tempo, eu tinha uns vinte e dois anos, ele usava barba e não tinha cabelo branco. Ele ia me matar, mas ao invés disso matou a mulher.

O velho ficou tão incomodado com a revelação quanto o gordo. O cozinheiro parecia eufórico pela descoberta, mas era uma euforia séria, preocupada. A preocupação exalou-se dele e ele também se sentou no colchonete.

– Melhor olharem bem, vai ver vocês dois também conhecem.

Aquela tribo acabou morrendo de tiro, de febre, de tosse, de fome, de epidemia, de milho no joelho na escola dos missionários. Seus cadáveres enterrados em valas comuns sob cruzes sem nomes, a carcaça apodrecida devorados por formigas e urubus. Seus sonhos voaram para o sol com os urubus. Seus pesadelos se esparramaram pelo chão com as saúvas. Seus nomes foram levados pela chuva e ninguém mais sabe quem são. Nem se importam.

A chave **Renato A. Azevedo**

Quando ela entrou no bar, percebeu que muitos dos frequentadores prenderam a respiração por um instante.

Era ruiva, *sexy* e linda. Cabelo curto, blusa branca decotada, microssaia preta de couro e botas até o joelho. A coisa mais normal na realidade virtual era todos se apresentarem com seus avatares construídos com esmero, milimetricamente feitos para se parecerem com super-homens anabolizados ou mulheres voluptuosas e sensuais. O melhor cartão de visitas para uma sessão de sexo simulado animal, ou assim a maioria pensava.

Mas a aparência de Arisia nada tinha de artificial. Cada detalhe tinha a proporção correta, até o tom de pele e dos cabelos era perfeito. Para quem sabia interpretar os sinais, aquilo significava que a moça que agora se aproximava do balcão estava utilizando um avatar que reproduzia sua aparência de maneira quase exata. Apenas os muito corajosos, ou muito tolos, dependendo da circunstância, "vestiam" seu eu verdadeiro na R.V.

Arisia reconheceu o mesmo cara da noite anterior, encostado no balcão. Camisa e calça sociais, cabelo engomadinho, peito másculo, não teve dificuldade de perceber que deveria ser um daqueles *geeks* fissurados por computadores e simulações. Mas até que havia se divertido com o rapaz, quando se encontraram em um outro inferninho. Ela era grata, afinal, ele lhe deu a dica de procurar o que queria precisamente naquele local.

– Olá, não pensei que voltaria a vê-la tão cedo.

Ficou diante de Arisia, enlaçou sua cintura, e tentou aplicar-lhe um beijo igual aos muitos que trocaram na noite anterior. A moça ofereceu a bochecha, passou as mãos pela cintura dele e respondeu:

– Hoje estou a fim de outra coisa, querido. Quem sabe, quando terminar o serviço pelo qual estou sendo muito bem paga.

– Bem, fico contente que veio ao lugar certo – respondeu, voltando ao uísque. – Se precisar de mais alguma coisa...

Ela não respondeu, provocando-o ao passar de leve a ponta dos dedos em suas costas. Afastou-se ao mesmo tempo em que examinou o pequeno objeto retangular na palma de sua mão. Satisfeita, voltou a enfiá-lo entre os seios apertados na blusa decotada e caminhou até a entrada do setor VIP.

Dois guardas de terno preto, imensos, bloqueavam o primeiro degrau da escada, e Arisia pensou se valeria a pena apanhar a espada katana dobrável oculta dentro da bota direita. Olhou para cima, observando os frequentadores do espaço pelas amplas janelas do segundo piso e viu seu alvo parado, olhando precisamente para ela.

Arisia voltou a medir os seguranças, que não tiravam os olhos dela. Aquelas IAs até começaram a bufar ameaçadoramente e ela pensou que, para imitar perfeitamente o comportamento dos primatas acéfalos que costumavam atender à designação geral de leão de chácara, aqueles programas nem necessitavam de muita capacidade de processamento.

A bela mudou de tática, andou até uma mesa e sentou-se, passando um olhar pelos arredores com cara de tédio. Instantes depois, ouviu uma voz feminina:

– Está sozinha?

A loira de vestido justíssimo não esperou resposta para sentar, oferecendo-lhe um dos copos que trazia. Beberam e passaram a conversar sobre amenidades, enquanto a estranha ia sentando cada vez mais perto. Sentiu quando a recém-chegada começou a passar a mão em sua perna por baixo da mesa, logo se aproximando da barra da saia. Arisia se deixou levar, acariciando as longas madeixas da outra, e finalmente começaram a trocar longos e ardentes beijos.

Com os olhos semicerrados, Arisia não deixava de estar vigilante um instante sequer. E apesar de estar em missão, não fazia mal se divertir um pouco.

Obviamente, a maioria dos frequentadores do bar apreciava a performance. Com o canto do olho, Arisia reparou que seu alvo sorria. Lá do andar superior, ele chamou o que parecia um auxiliar e apontou para as duas.

Finalmente o tal auxiliar aproximou-se e, sem dizer nada, estendeu a mão para Arisia. Ela levantou-se e, antes de seguir com o sujeito, virou-se para a loira. Falava, na verdade, com a pessoa que comandava o avatar:

– Benzinho, uma dica, mulheres que gostam de uma loira dessas não vão dar bola para o adolescente por trás dela, tá? Mas fez um belo trabalho construindo esse avatar, podia vender outros iguais.

O homem fez questão de que Arisia subisse as escadas na sua frente. Ela não se importava em proporcionar aquele espetáculo a mais para o cara nem para o restante da audiência. Só o que lhe interessava era a missão, e a saia curta era apenas um detalhe para auxiliá-la em seu cumprimento.

Finalmente o empregado conduziu Arisia até o homem que ela viera procurar naquele lugar.

– Belo espetáculo com a loira lá embaixo – Malthus, seu alvo e um dos maiores empresários da noite virtual, foi logo dizendo. – Fiquei pensando se sobrou alguma coisa para mim.

– Isso depende – disse Arisia entrando no jogo, passando as mãos pelo corpo para provocá-lo.

– Do quê?

– De você me dar o que vim buscar.

– E o que seria isso?

– Informação.

O homem sorriu, e enquanto ele pensava no que fazer, Arisia deu uma olhada pelos arredores. Homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens dançavam ao som da música eletrônica. Pelos cantos, uns e outros se entregavam a bolinação virtual. Arisia achava graça que muita gente preferia viver ali, 24 horas por dia na R.V. Ela muitas vezes quase chegava a isso, na verdade, mas eram negócios. Estritamente negócios.

O homem enlaçou finalmente seu braço no de Arisia e saiu caminhando com ela até uma porta. Atravessaram e ela se viu em um escritório. O auxiliar que a conduzira mais outro quase idêntico estavam lá dentro, esfregando um punho no outro.

– Então você dizia que quer informação?

Malthus ria, e os dois capangas se aproximaram. Arisia viu que teria que cumprir algumas etapas de convencimento...

Instantes depois, um estarrecido Malthus via os restos dos avatares de seus seguranças particulares estrebuchando e gemendo, enquanto Arisia apenas tinha que arrumar a saia e sacudir o cabelo. Aproximou-se do seu alvo, fazendo o ar mais inocente do mundo virtual e perguntando:

– E então, vamos tratar de negócios, ou quer fazer mais "negociações"? Veja, não me incomodo em quebrar a cara de alguns babacas como esses aí e até a sua própria, mas se tiver mais alguma prova em mente, espero ao menos que seja um desafio de verdade!

Malthus pareceu um tanto perdido naquele momento, a sós com uma mulher que obviamente não estava ali para brincadeiras. Poucos eram capazes de fazer aquilo com IAs de segurança como aqueles, que haviam lhe custado bem caro. Mas rapidamente voltou a exibir um simulacro de autocontrole, sentou-se na cadeira vermelha que havia atrás da mesa e disse:

– Muito bem, vejo que é uma menina determinada. O que seria a informação que procura?

– Meu cliente está tendo alguns problemas com certos adversários, e para dar uma lição neles, necessita de uma lista de programas específicos. Como todos são absolutamente ilegais na R.V., fui incumbida de buscar fornecedores especializados, e parece que você é o melhor.

– Fico imensamente satisfeito com a confiança, minha querida! E quais programas seriam estes?

Arisia sentou-se na beirada da mesa, cruzou as pernas e tirou de um bolso interno da bota esquerda uma plaqueta de dados de memo-cristal translúcido, atirando-a sobre a mesa. O dispositivo de memória caiu precisamente no *slot* de leitura do terminal de Malthus. Ele examinou a lista e respondeu:

– Tenho praticamente tudo, meu bem, menos um item. Mas isso não sairá barato.

– E qual seria o preço, "meu bem"?

Malthus examinou Arisia de cima a baixo e sorriu. Ela completou:

– Se for sexo, garanto que pode ser menos prazeroso do que imagina. O sujeito da noite passada teve fratura na bacia após eu terminar com ele. Fratura nem um pouco virtual, se me permite acrescentar.

– De fato, a mente pode pregar peças no corpo – riu-se Malthus. – Você tem talento, minha cara, se consegue provocar reações psicossomáticas assim.

Ele mexeu em mais alguns comandos do terminal, e descarregou vários arquivos para o memo-cristal. Entregou o dispositivo para a moça, que o guardou no mesmo lugar de antes, e recostou-se sem deixar de olhar para ela.

– Só isso? – Arisia perguntou.

Malthus levantou e caminhou pelo escritório. Os pedaços gementes de seus capangas já haviam sumido após eles terem desconectado. Bons capangas continuavam sendo artigo raro mesmo em um mundo tecnológico como aquele, pensou o empresário. Virou-se para a moça e finalmente respondeu:

– Na verdade, disponibilizei em seu cristal todos os itens que pediu, mas a senha para abrir os arquivos e o lugar onde poderá encontrar o encriptador quadrifásico só fornecerei se participar de uma... aventura comigo!

– Que aventura?

Malthus sorriu, e caminhou saindo do escritório. A música eletrônica continuava no andar VIP do bar, mas isso não importava para eles.

O empresário finalmente atravessou uma aglomeração, puxando Arisia pela mão. Os dois pararam diante de várias portas multicoloridas. Aquilo era a versão mais recente das velhas máquinas de fliperama. A multidão observava e torcia pelos competidores que entravam nos jogos. Malthus conduziu Arisia à última das portas.

– Meu jogo preferido! Se ganhar de mim, fornecerei com prazer a senha e o local onde deve procurar o último item. Combinado?

Arisia examinou-o. Seu avatar possuía uma naturalidade incrível, e perfeição àquele ponto custava muito dinheiro. Sabia que seria muito difícil vencer Malthus em seus próprios termos, mas viu que não havia alternativa.

Sem dizer nada, entrou pela porta depois que ele lhe deu passagem. Viu-se em uma espécie de cubo onde havia duas hipermotos com as carlingas transparentes abertas. Diante deles, uma pista incrivelmente extensa com variados trechos que mais pareciam um pesadelo.

– Se chegar na frente, darei tudo o que quer, benzinho, talvez até mais!

Arisia apertou um botão de comando em sua pulseira, e seu traje mudou instantaneamente para uma roupa inteiriça e justa. O capacete pendia como um capuz em suas costas, ela o vestiu e ajeitou os óculos, limitando-se a dizer:

– Duvido que estará em condições de fazer qualquer outra coisa ao terminarmos, Malthus.

– Ah, sempre determinada, gosto disso. Vamos correr!

Arisia viu a capota transparente fechar-se sobre ela quando deitou e agarrou o guidom. As duas hipermotos alinharam-se na linha de partida, e ao sinal verde, dispararam.

Não demorou para atingirem velocidade supersônica, cruzando a interminável reta do deserto como dois raios. Malthus obviamente sabia o que fazia, pois logo tomou a dianteira.

No final do deserto, havia o impressionante muro de uma cordilheira, com apenas uma estreita passagem para onde o caminho apontava. Arisia chegou a emparelhar, mas percebeu que Malthus não iria aliviar por nada que fosse. As laterais dos veículos roçaram, se esfregaram e bateram. E como um morto não estaria em condições de fornecer informação nenhuma, ela permitiu que o sujeito entrasse na passagem primeiro.

Dali seguiram por um circuito sinuoso em meio a uma floresta, repleto de subidas, descidas e curvas fechadas. Malthus pilotava como um maníaco e a mercenária estudava suas trajetórias a fim de descobrir como ultrapassá-lo.

Chegaram a uma estrada com retas entremeadas por longas curvas, onde a moça finalmente conseguiu a dianteira sobre o oponente, forçando a turbina ao máximo. Mas o homem parecia possuído, batia sua moto na dela, e Arisia pensou que aquele maluco devia estar querendo se matar.

Isso pareceu quase se comprovar quando a estrada desembocou em uma cidade repleta de carros. Malthus dirigia a hipermoto pelas ruas estreitas, passando a milímetros de carros, caminhões, ônibus e pedestres.

Ela avançou e conseguiu emparelhar. Continuaram assim rua após rua, avenidas, ruelas, becos, vez ou outra deixando faíscas e pedaços da pintura das máquinas para trás.

Por um instante, olhou para o lado e seu olhar cruzou com o do homem. Malthus sorria cinicamente, batendo sua moto na de Arisia e ignorando toda e qualquer regra de trânsito, mesmo as da realidade virtual.

A linha de chegada estava adiante, cercada por uma multidão que se dividia nos dois lados da longa avenida. As duas hipermotos continuavam a chocar-se lateralmente, enquanto passavam por cada cruzamento como se não houvesse mais ninguém ali. Por várias vezes, os veículos na transversal eram evitados por milímetros.

Um ônibus escolar cruzou lentamente o último entroncamento. Malthus olhou para Arisia e acelerou. Ela fez o mesmo, continuando no duelo em alta velocidade.

Resoluta, acelerou e ficou à frente de Malthus. Batendo incessantemente contra a

moto, conseguiu emparelhar novamente.

Finalmente o empurrou para o lado, bem no meio do ônibus. A menos de dez metros de baterem no veículo, Arisia fez uma curva arriscada, raspando de leve no para-choque do ônibus.

Cruzou a linha de chegada com folga, enquanto o ruído de uma longa freada se misturava ao de uma turbina em reversão total. Arisia fez a moto derrapar de lado e olhou na direção do cruzamento.

Malthus conseguiu evitar partir o ônibus em dois e ficar em centenas de pedacinhos no processo. Mesmo assim, sua moto bateu na lateral traseira do coletivo, rodopiou e só foi parar quase aos pés de Arisia.

O homem saiu de lá ofegante, rolando no chão sem forças para levantar. A moça agachou-se junto a ele, jogou o capacete para trás e disse:

– E, conforme combinamos...

Malthus mal conseguia respirar, mas estranhamente parecia feliz. Olhou para ela sorrindo e disse:

– Garota, você sabe como correr! Foi a melhor disputa de minha vida!

Ele conseguiu se apoiar num cotovelo e, com a mão livre, fez um sinal para os auxiliares que vinham correndo. Voltou a olhar para Arisia e disse:

– E como parte de nosso trato, vou dizer o que precisa saber.

Cidade Vintage. Arisia já havia visitado aquele lugar antes. Não trazia, entretanto, boas recordações.

Ao contrário de outros locais dentro da R.V., sempre altamente tecnológicos e sombrios, onde ela não se lembrava de alguma vez ter visto um dia ensolarado, a Cidade Vintage tinha o visual que se poderia esperar de um lugar perdido entre os anos 1930 e 1950. Havia dirigíveis no céu e carros estilosos cheios de cromados pelas ruas. Os avatares eram tão exagerados quanto os outros, suas roupas também remetiam àquele período.

A maioria dos homens exibia queixos incrivelmente proeminentes e topetes engomados e altíssimos, cujo brilho se via desde o outro quarteirão. Já boa parte das mulheres tinha uma cintura impossivelmente estreita do ponto de vista biológico, e se equilibrava em cima de saltos altíssimos.

Uma das tribos mais vistosas era a dos motoqueiros, e foi assim que Arisia entrou na cidade, vestindo calça e jaqueta de couro, uma moto Harley entre as pernas, enquanto no horizonte o Sol se punha, enchendo o céu de tonalidades vermelhas e amarelas.

Parou a moto diante de um bar na avenida principal, e observou os arredores. Pessoas passeavam, o *rock n' roll* da época saía em alto volume pelos bares ao longo da avenida e, nos cruzamentos, carros envenenados realizavam disputas

quando os semáforos sinalizavam o verde.

Arisia viu um grupo aproximando-se. Todos vestiam jaquetas de times de futebol americano e falavam alto. Subitamente, o aglomerado parou e ficou olhando com caras de poucos amigos para direção oposta. Ainda sentada na moto, a moça virou-se e deu com um grupo de motoqueiros, de calças *jeans*, camisetas brancas e jaquetas de couro.

Os dois grupos aproximaram-se mais um pouco, enquanto outras pessoas moviam seus avatares dali. As brigas entre gangues da Cidade Vintage eram muito comentadas. E até funcionavam como mais uma atração do lugar.

Finalmente um terceiro amontoado saiu de um bar entre os dois grupos, e desta vez o uniforme consistia de ternos bem cortados e chapéus. Enquanto os primeiros eram os Atletas e o segundo grupo era o dos Motoqueiros, os recém-chegados eram os Ternos.

Até o tráfego na avenida parou. Os três grupos se posicionaram, formando um triângulo no meio da via. Segundos depois, a balbúrdia começou.

Grupos de pessoas espalharam-se pelas calçadas para assistir à briga. Os participantes usavam, em sua grande maioria, os próprios punhos, mas se via aqui e ali algum soco inglês e uma e outra faca. O asfalto começou a se tingir de vermelho em alguns pontos, mas aquilo não importava para a ruiva.

Ela olhou ao longe, e entre os prédios, viu seu alvo.

Sua contemplação foi interrompida por um grupo de policiais que chegou correndo, mas cuja inferioridade numérica desaconselhava terminantemente que procurassem intervir no agressivo divertimento daqueles maníacos. Parecia que eles só iriam assistir a tudo e recolher os pedaços que sobrassem depois, quando algo diferente aconteceu.

Um oriental que estava entre os Ternos encarava um Motoqueiro com quase o dobro de seu tamanho, quanto este veio para cima com um punhal. O oriental desferiu um soco, desarmou o sujeito e aplicou um chute que teve um resultado espantoso. Praticamente dobrado ao meio, o Motoqueiro voou e acertou um poste a menos de dez metros de distância de Arisia. O poste foi quebrado em dois e mesmo assim ficou em melhor estado que o infeliz que o atingiu.

– Aquele filho da puta está usando vitamina! Pega ele!

Arisia não viu se foi um Atleta ou Motoqueiro que gritou, mas logo a briga se transformou. Socos e chutes passaram a ser desferidos com potência sobre-humana, estrondos ecoaram e *flashes* iluminaram a via. O mesmo oriental continuou desferindo golpes, arrancando a cabeça de um Atleta, dividindo outro Motoqueiro em dois, até outro Atleta agarrar a moto de um dos membros da outra gangue e amassá-la no oriental.

Naturalmente, o dono da moto veio tirar satisfações, e agora a maioria dos brigões

usava as vitaminas sem qualquer pudor. Programas ilegais, que ampliavam as capacidades dos avatares. A realidade virtual era regida por leis severas, e em ambientes coletivos era proibido infringir as leis físicas tais quais existiam no mundo real. Não era permitido voar, passar através de paredes, caminhar no teto, exibir força sobre-humana e coisas assim. Mas naturalmente, feita a lei, imediatamente surgiam mecanismos para burlá-la, e assim surgiram os vitaminas, quebrando os códigos restritivos que faziam a R.V. se parecer com o mundo real, permitindo que o usuário fizesse qualquer coisa que estivesse programada.

Os policiais acabaram pedindo reforços, e chegaram unidades blindadas, policiais virtuais dotados de armadura e pesado poder de fogo. Arisia decidiu que aquilo estava ficando movimentado demais e ligou a moto.

Nisso, um Motoqueiro segurou seu braço, dizendo:

– Ei, gostosa, vem cá, tô a fim de você.

Arisia olhou para a mão do sujeito em seu braço e disse:

– Se gosta dessa mão, é melhor não encostar...

– Vou me arriscar, meu bem.

Arisia segurou o pulso do folgado e o atirou do outro lado da rua, fazendo com que atravessasse a parede de tijolos de outro bar. Um dos policiais apontou para ela e gritou:

– Aquela lá também está usando vitaminas!

"Merda!", pensou Arisia. Tudo que queria era não chamar atenção. Mas já que não havia mais jeito, tirou uma metralhadora de uma das bolsas laterais da Harley e varreu as proximidades sem se importar muito com quem atingia. Os tiros lançaram os arredores em um pandemônio ainda maior e ela pretendia aproveitar-se da confusão para escapar.

Contudo, tanto os policiais blindados quanto os brigões a cercaram mais depressa do que esperava. Conseguiu abrir uma brecha com a metralhadora entre os inimigos, e acelerou a moto.

Mas aqueles sujeitos queriam sangue. Arisia atropelava quantos surgiam em sua frente, mas sempre voltavam a ameaçá-la. Nisso escutou um ronco profundo de motor V8, e reparou que do outro lado da avenida algo vinha chegando depressa, passando por ondas de brigões.

Ela finalmente avistou um furgão negro, que abriu uma nova avenida sobre os pedaços dos avatares dos malucos. Quando o motorista abriu o vidro, ela reconheceu um rosto familiar, que perguntou:

– E aí, querida, precisa de ajuda?

– Marc! Pensei haver dito a seu patrão que daria conta.

– Mas sabe como Kylow se preocupa com os que trabalham para ele, mesmo temporários como você. Ele me pediu para vir ajudá-la. E se me permite dizer,

parece mesmo que precisa. Vamos?

A moça riu e disparou em mais alguns brigões que queriam confusão, guardou a arma e acelerou a moto, seguindo o furgão que atravessou a turba enfurecida. Preocupados em recolher os cacos da briga, os policiais desistiram de segui-los.

Devil's Tower. Era esse o alvo de Arisia. A dois quarteirões de distância, o imponente prédio dominava quase todo o horizonte para onde olhava. Já anoitecera, suas luzes eram um espetáculo, subindo a um quilômetro de altura em uma arquitetura que era um misto do Empire State Building com o Edifício Chrysler. Até parecia que um gigantesco King Kong surgiria de repente agarrado ao prédio, urrando e desafiando a cidade.

Era o lar do mafioso conhecido como Lúcifer. Os bandidos do mundo virtual adoravam nomes machões e viris como aquele. Arisia ficou pensando se não seriam quase todos adolescentes com problemas sentimentais. De todo modo, era um dos principais rivais de Kylow, o homem que contratara seus serviços, e era em sua torre que encontraria o encriptador quadrifásico, segundo a dica de Malthus. Naturalmente, considerou que seria melhor ir atrás do programador que criara o dispositivo, mas Malthus a fez mudar de ideia:

– Veja, no tocante a proteger seus segredos, ninguém é mais cioso que Lúcifer. O programador que criou o encriptador nunca mais foi visto. Nem sequer uma mínima parte dele, tanto aqui quanto no mundo real.

Arisia pensou no que fazer, e virou-se para Marc a bordo do furgão negro:

– Então já sabia que o fim da linha era aqui?

Marc sorriu e olhou para o colossal edifício, dizendo:

– Não sabia, mas fazia uma certa ideia. E aí, quer ouvir meu plano?

Era o começo de uma noite que parecia plácida. Os capangas de Lúcifer se entretinham em alguma conversa mole, e apenas no último instante perceberam a aproximação do furgão negro que passou por cima deles, da guarita, e de tudo que estava no caminho, literalmente. Em meio ao pandemônio, outros guardas fortemente armados dispararam no veículo, apenas para serem atingidos pelos disparos vindos de armas saídas dos compartimentos secretos no teto e das laterais do furgão.

Arisia, que havia se conectado ao sistema de vigilância do prédio, sorriu diante da distração providenciada por Marc. Dobrou a folha plástica que era seu computador de mão, ligou a moto e empunhou a metralhadora assim que os guardas da entrada oposta correram para lá. Acelerou e, durante sua aproximação, atirou na fechadura do portão, abrindo-o com a própria moto em velocidade.

Ela percorreu as pequenas ruas internas aproximando-se do prédio principal, quando chegou ao pátio onde dois homens manobravam um caminhão. Eles viram a

ruiva e manobraram o veículo para abalroá-la. Arisia acelerou e inclinou a moto, passando por baixo do comprido reboque. Deu a volta, desta vez segurando uma granada na mão livre. Atirou-a na cabine enquanto passava e protegeu-se atrás de uma pequena construção.

O estrondo da explosão fez o caminhão se separar do reboque. Arisia não precisaria mais se preocupar com os dois capangas. Sorriu satisfeita, pois, de quebra, tinha encontrado um meio de entrar.

O reboque comprido havia formado uma rampa cuja extremidade mais alta apontava para o prédio. Arisia acelerou ao máximo e a Harley foi subindo a rampa. Ao final, decolou, e segundos depois atravessava as amplas janelas do décimo segundo andar do prédio.

Cuidar dos capangas que havia não fora tarefa difícil. Não mais do que havia sido com os de Malthus. Arisia conseguia bons contratos, pois realmente era uma das melhores no que fazia.

Finalmente Lúcifer apareceu. Ela só não sabia se ria ou se preparava para o combate. O avatar do sujeito era, de longe, o mais exagerado de todos. Imenso, uma montanha de músculos, pele vermelha e um par de chifres na testa.

– Aí, querido, quem colocou esses chifres em você, hein?

A resposta foi um safanão quase desleixado, que a atirou contra uma coluna do nonagésimo pavimento, partindo a dura rocha em pedaços. Arisia ainda voou até atravessar uma parede e parar em um escritório.

O bicho foi buscá-la, rindo como louco e dizendo:

– Olha, minha gostosa, se concordar em ficar comigo, posso até aliviar para você.

Arisia saltou, tentando aplicar uma voadora bem no estômago do adversário. Pareceu bater em uma chapa de aço, e caiu ao chão. Lúcifer riu ainda mais, dizendo com a voz igualmente exagerada e retumbante:

– Faz cócegas! Quer mais, querida?

– Mas e aí, o que você fez? – perguntou Marc.

Ela observava a noite pesada nas vizinhanças da fortaleza de Kylow, e depois se voltou, sorrindo:

– Ah, querido... uma mulher sempre sabe onde dói mais no corpo de um homem. Mesmo que seja um avatar ridículo. O que importa é que estamos com a encomenda de Kylow!

Ela acariciou a maleta metálica com os itens, incluindo o encriptador quadrifásico. Arisia já o havia apanhado quando topou com Lúcifer. Sem o dispositivo, seus códigos poderiam ser invadidos, como ela fez durante a luta, tornando-o vulnerável a seus golpes, especialmente em uma parte sensível de sua anatomia.

Arisia tirou um pequeno objeto retangular de dentro do decote, examinando-o com muita atenção. Marc perguntou:

– O que você está fazendo com esse emulador de código?

Ela voltou a guardar o dispositivo entre os seios, e respondeu:

– Nada, é coisa da próxima missão.

Arisia ficou muda, e Marc decidiu não insistir. Agora o que importava era entregar a encomenda a Kylow.

Avatares enormes pareciam ser moda entre os chefões do submundo na R.V. Kylow era um sujeito imenso e gordo, sempre boiando em uma banheira de espuma e comendo alguma coisa. Era cercado de mulheres seminuas de todas as cores, e ficou muito feliz quando Arisia entregou a encomenda ao seu técnico-chefe:

– Minha querida – disse com a voz retumbante, também típica dos chefões. – Não tenho palavras para expressar minha satisfação!

– Felizmente o senhor deixa o dinheiro falar por si.

Kylow riu e concordou com o comentário. Mandou que um auxiliar entregasse a Arisia o bloco de memória com seu pagamento, que ela conferiu e constatou estar além do combinado.

– O senhor é generoso, chefe!

– Faço tudo para agradar, minha bela. Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por você...

– Agora só quero dormir. Boa noite, Kylow.

– Espere, Arisia! Pensou em minha proposta? Eu poderia fazer bom uso de suas habilidades.

Arisia, que já caminhava em direção a porta, voltou-se sorrindo e disse:

– O salário fixo que me pagaria não compensaria a falta de liberdade nos negócios, Kylow. Por enquanto, prefiro continuar como *freelancer*. Acho que entende.

– Claro que sim, meu bem. Tenha uma boa noite!

Kylow disse isso entre duas mordidas em uma gorda perna de frango frito, e Arisia saiu acompanhada de Marc. Assim que cruzaram a porta, sentiram como se penetrassem em um túnel, avançando a uma velocidade cada vez maior rumo ao infinito...

Arisia finalmente abriu os olhos.

Aguardou alguns segundos, enquanto sentia a maciez do colchão onde estava deitada. A seguir, ergueu o tronco e tirou a tiara que transmitia os sinais de seu cérebro para o servidor e vice-versa. Marc levantou primeiro de um colchão idêntico a seu lado, e a ajudou a ficar de pé enquanto perguntava:

– E aí?

Arisia esticou o corpo, estendendo os braços para cima, chacoalhou os cabelos e olhou para o namorado, dizendo:

– Uau! Esse novo programa é demais! Então é por isso que tem tido tão pouco tempo para se encontrar comigo?

Arrumaram tudo e saíram o mais discretamente possível. Marc era amigo de todos os seguranças da firma, e apenas por isso conseguira entrar escondido com Arisia, para mostrar a ela o novo programa de jogos que estava preparando para a R.V. Segundo conhecidos da área de *marketing* diziam, aqueles ambientes deveriam estar no mercado em dois meses.

Saíram e foram andando, sem se importar com a chuva que caía. Conversavam sobre a experiência, e Arisia estava entusiasmada:

– Marc, todos os personagens são mesmo IAs? O servidor de vocês deve ser monstruoso!

– A empresa tem o que há de melhor no mercado, querida. Não sabe como fiquei contente quando consegui o emprego!

Depois de alguns instantes, ele acrescentou:

– Faz muito tempo, um filósofo da Universidade de Oxford chamado Nick Bostron disse que, se a humanidade conseguisse mesmo criar um mundo virtual tão convincente quanto o mundo real, então não haveria como provar que o mundo real que já conhecíamos não fosse também ele uma simulação.

– Quer dizer – disse Arisia – que podemos agora estar em uma realidade virtual sem saber?

– Exatamente! E o Postulado Bostron, como ficou conhecido, diz isso, se criássemos uma realidade virtual seria então muito provável que outros já tivessem criado essa simulação antes de nós. Seríamos então apenas programas em uma R.V. ainda maior e impossível de descobrir.

– Nossa!

Apressaram o passo e puseram as capas plásticas, pois a previsão era que a chuva se tornaria ácida nos próximos minutos. Passaram por um mendigo, um pobre coitado que exibia uma placa no alto de uma vara de madeira. Nos garranchos da placa, lia-se:

“O mundo não existe! Tudo é uma prisão!”.

Arisia agarrou o braço de Marc quando já estavam próximos de seu prédio, e perguntou:

– E você, o que acha?

Distraído, ele perguntou:

– Sobre o quê?

– Sobre o que falava. O Postulado Bostron. Aqui, agora, estamos em uma

realidade virtual?

Marc riu enquanto paravam diante da porta do prédio. Trocaram um longo e molhado beijo, e ele segurou carinhosamente sua cabeça entre as mãos, olhando fundo nos olhos de Arisia e dizendo:

– É por causa daquele maluco? Esqueça, meu amor! Claro que não estamos em uma R.V.! Estamos no mundo real, e para falar a verdade, eu queria agora estar com você lá em cima, no seu apê...

– Bobo! Tenho que acordar cedo amanhã, ou minha chefe não vai sair do meu pé.

– Nos vemos depois, então?

Sem responder, Arisia deu-lhe mais um beijo, e cruzou a porta do prédio. Marc ficou com aquele sorriso meio paspalho de quem está apaixonado e depois saiu correndo. Também tinha que levantar cedo no dia seguinte.

Depois do banho, Arisia vestiu-se apenas com calcinha e camiseta. Estava sem fome e sentou-se na beirada da cama, olhando por minutos a fio sua imagem refletida no grande espelho da cômoda. O quarto era até grande quando comparado ao restante do apartamento.

Levantou-se e tocou no espelho, passando as pontas dos dedos ao redor de sua imagem. Depois, cansada demais para continuar pensando, jogou-se na cama e dormiu.

Do outro lado do espelho, um homem de óculos ajeitou a gola do avental branco. Observou por mais alguns instantes a imagem refletida na tela, e depois fez girar a cadeira onde estava sentado, encarando as figuras à sua frente:

– Então, senhores, o que acharam?

Havia entre os presentes empresários, políticos e membros de organizações humanitárias. Como ninguém respondesse, o homem se levantou e pediu que o acompanhassem. Saíram da sala e andaram por entre os casulos enfileirados, onde dezenas de homens e mulheres eram vistos inconscientes sob as coberturas transparentes. Todos tinham as tiaras de R.V. sobre as testas.

O homem de óculos era Said Krane, técnico-chefe daquela instalação. Depois de mais alguns passos, parou diante de um dos casulos e anunciou com orgulho:

– Eis a estrela maior de nossa coleção, que os senhores acabam de ver em ação. Eu lhes apresento Arisia!

Em uma tela na lateral do casulo desfilavam os crimes pelos quais Arisia fora condenada. Extorsão, sequestro e assassinato entre eles. Um político perguntou:

– Senhor Krane, ainda tenho dúvidas. Especialmente diante da alarmante notícia de que o senhor e outros técnicos entram na R.V. onde esses maníacos estão aprisionados e interagem com eles!

– Isso mesmo! – disse indignada uma moça de uma das ONGs de direitos

humanos. – Não basta manter essas pessoas em um mundo de mentiras, os senhores ainda se aproveitam delas?

– Senhoras e senhores, por favor... – começou a dizer Krane quando a moça o interrompeu:

– Vai negar que o homem com aparência de *playboy* que Arisia viu no bar era o senhor? Segundo entendi, vocês estiveram juntos antes! Como pode ser isso?

Krane explicou que aquele avatar com o qual Arisia interagiu na noite anterior estava sob o controle de uma das inteligências artificiais de que dispunham. Esporadicamente, os técnicos responsáveis pelo monitoramento do programa dos detentos assumiam o controle de avatares como aquele, a fim de dirigi-los precisamente ao ponto necessário. A moça ainda fez objeções, dizendo que não seria o primeiro caso de abuso contra uma detenta, quando o técnico a interrompeu:

– Senhora – disse – às vezes é necessário que um de nós entre na R.V. onde estão nossos detentos, a fim de que os rumos da simulação não se percam. Nem sempre podemos deixar tudo a cargo das IAs, e certamente não podemos depender do acaso. Lembrem que o intuito é que eles acreditem que estejam no mundo real, vivendo vidas respeitáveis que nunca tiveram na verdade.

– Vivendo uma mentira! – a moça dos direitos humanos era insistente.

– Tudo bem, madame. Vamos adotar o método de nossos antepassados. Jogá-los em celas pútridas. Ou até matá-los. Isso com certeza resolveria o problema permanentemente e com grande economia!

– De todo modo – falou outro político –, espero que limitem ao máximo suas excursões dentro da R.V. dos detentos. E acima de tudo, que não estabeleçam qualquer relacionamento com eles. Os casos anteriores trouxeram péssima publicidade a este projeto. Não queremos ser obrigados a novamente justificar para os contribuintes que seu dinheiro está sendo indevidamente usado por técnicos da prisão de realidade virtual para dar uma rapidinha!

Um e outro riram diante da observação, mas voltaram rápido às expressões sérias. Os comentários foram subindo de tom, pois causaram muita polêmica os casos anteriores de funcionários entrando na R.V. a fim de se aproveitarem dos detentos. Regulamentos proibindo terminantemente qualquer contato com os detentos sem autorização foram baixados, e Krane asseverou que estavam sendo cumpridos à risca.

Cruzou olhares com um técnico subalterno que os acompanhava, e que trazia uma expressão de quem havia sido pego em flagrante. A verdade, contudo, era bem diferente, pois Krane seguia acobertando aquele funcionário e vários outros, que por sua vez não denunciavam os abusos dele próprio.

O político que havia falado primeiro tinha outra dúvida:

– E os relacionamentos que eles estabelecem lá dentro? Pelo que entendi, o tal

Marc é outro detento, bem como o chefão... como se chama mesmo?

– Kylow – respondeu Krane. – Com base em nosso programa futuro, julgamos necessário que ele fosse controlado por outro detento, ao invés de ser um IA. Por sinal, venham conhecê-lo!

O técnico os levou para outro casulo, e a moça dos direitos humanos ameaçou ficar histérica:

– Tão jovem!

O político voltou-se para ela e disse:

– Este jovem, como chama este delinquente, não só custou bilhões em fraudes bancárias, como foi responsável por dezenas de mortes com seu terrorismo virtual. Apenas seu último ataque, quando penetrou no sistema e derrubou todos os elevadores da prefeitura ao mesmo tempo, matou vinte pessoas. Devo lembrar de que foram seus crimes que motivaram as mudanças na legislação, endurecendo as penas e permitindo a condenação a partir de quatorze anos.

Dentro do casulo, havia um garoto de dezesseis anos, condenado à prisão perpétua. Krane explicou que frequentemente se utilizavam de habilidades da vida pregressa dos detentos a fim de que estes próprios cumprissem, sem saber, papéis específicos, como no caso daquele garoto. No compartimento ao lado, Marc, o namorado de Arisia, que segundo as informações disponibilizadas, era um gênio da computação e fora condenado por inúmeros golpes na R.V.

Said ia explicando cada pormenor para satisfazer os visitantes, tarefa que na verdade detestava. Contudo, a parte agradável é que podia exaltar as inúmeras qualidades daquele sistema, que ele mesmo projetara.

– E o dispositivo que vimos a moça manipular? – perguntou um dos empresários. – Tomei notas... um emulador de código. Golpistas costumam utilizá-los em suas infrações na R.V., não se preocupa que uma das detentas tenha conseguido apossar-se de um?

– Senhor, se Arisia conseguiu isso na R.V., prisão em que é mantida, deve ter a ver apenas com o jogo do qual acredita estar participando, apenas isso. De todo modo, buscarei informações a respeito com meus colegas e as enviarei ao senhor em seguida, está bem assim?

O homem pareceu satisfeito e Krane voltou a massagear o próprio ego, sendo novamente interrompido quando um terceiro político perguntou:

– A R.V. com que lidam aqui é inimaginavelmente complexa. Pelo que entendi, nem todos os detentos vivem dentro do mesmo universo virtual.

– Está correto, deputado – disse Krane.

– O espaço de que dispõem aqui é limitado, senhor Krane. Como administram o sistema? Existe conexão com servidores de fora do prédio?

– Claro que sim, deputado. Necessitamos disso para suprir nossas necessidades

em potência computacional, a fim de prover os detentos com a simulação mais perfeita possível.

– Mas um dos detentos não poderia aproveitar essa conexão e invadir alguma rede externa? Quem sabe tomando reféns e ameaçando-os caso não seja libertado? Imagine o estrago que ocorreria!

Krane riu e explicou com exagerado didatismo e condescendência:

– Senhores, posso lhes garantir que nosso sistema não possui falhas! Fazemos todos os testes necessários, até mesmo neuro-psicológicos, a fim de assegurar que os detentos aceitem a realidade virtual em que vivem. Como puderam conferir com nossa grande estrela, Arisia, ela e os demais estão muito felizes, acreditando piamente estarem vivendo uma vida pacata com uma e outra emoção.

Ele fez uma pausa, e prosseguiu:

– Quanto às conexões externas, não existe qualquer ameaça. Mesmo quando estamos na R.V. dos detentos, cada técnico e programador possui uma chave especial, sem a qual é impossível cruzar as barreiras. E sem saber que seu mundo é virtual, os detentos não teriam porque suspeitar e começar a procurar uma saída. Acreditem, o sistema é perfeitamente seguro e à prova de fugas. Tenho muito orgulho de nossa criação!

Krane conduziu os VIPs ao restante do *tour* e depois os deixou sob responsabilidade do diretor da prisão. Ainda tratou rapidamente com seu superior alguns assuntos, antes de dar por encerrado seu turno.

Estava desanimado e frustrado quando chegou ao seu apartamento. Fora chamado para pajear aqueles imbecis esnobes no exato momento em que estava para começar uma nova sessão de divertimento com Arisia.

Olhou para as paredes, decoradas com fotos e imagens da prisioneira em diversos momentos dentro da R.V. Ele sentia que aquela obsessão estava crescendo, mas não se importava. Tinha os meios e a habilidade, e continuaria se divertindo com Arisia sempre que tivesse vontade.

Enfiou-se no banho, rememorando o *tour* indesejado. Detestava ter que sorrir e responder às perguntas daqueles paspalhos. Especialmente os histéricos que defendiam direitos humanos para criminosos. No seu entender, estes abriam mão de tais direitos com suas atitudes bárbaras. Para Krane, essa laia era composta de fracos, que ainda acreditavam na força e na violência física.

Mas em seu mundo, a força era o conhecimento, e ele tinha certeza que ninguém excedia suas habilidades. Quem havia projetado todo o sistema da prisão de realidade virtual, se não ele próprio? Portanto, nada mais justo que uma vez ou outra usufruir de um pouco de prazer. E Arisia era perfeita para isso!

Sentiu sua excitação subir ao encaixar a tiara de R.V. e sentir-se mergulhando, até surgir na antessala. Esta era um compartimento virtual inteiramente branco, onde a

pessoa se preparava e ajustava seu avatar, roupas virtuais e outros detalhes. Dependendo da habilidade e da conta bancária, poderiam ser montados armários e mais armários virtuais com uma infinidade de itens. E a condição econômica de Krane era mais que suficiente para que ele dispusesse de inúmeras opções.

Escolheu seu avatar habitual, o playboy forte e destemido que jamais pudera ser no mundo real, um terno bem cortado e os equipamentos habituais, sem se esquecer da imprescindível chave. Estava para penetrar na R.V., quando se assustou ao ouvir uma voz conhecida:

– Pronto para se divertir, querido?

Krane voltou-se esbaforido, e não pôde acreditar no que estava vendo.

Era Arisia. Ali, na sua antessala particular.

Ela vestia as mesmas calça e jaqueta de couro de antes e girava displicentemente em uma mão a afiadíssima katana que ele já a vira manipular com destreza mortal dúzias de vezes. Na outra mão, um pequeno instrumento retangular que ele logo reconheceu.

Krane sentiu que estava ficando lívido. Era estranha a sensação de empalidecer na R.V., mas nem se lembrou disso. Arisia olhou o objeto e disse:

– Você deveria ter se preocupado quando o tal empresário perguntou a respeito disto. O emulador de código! Enquanto você suspirava e grunhia de satisfação após nossa última transa, foi fácil vasculhar seus bolsos e encontrar a chave. Obrigada por deixar que eu a copiasse!

– Como... como soube do comentário do empresário?

Krane tentava mover-se ao longo das prateleiras até o armário de armas. A sensação de suor frio era real o suficiente para ele saber que Arisia falava sério:

– Ora, Krane, do alto de seu ego, você sem dúvida subestimou do que sou capaz.

Krane alcançou uma arma, apontou para Arisia e, sem dizer nada, apertou o gatilho.

Nada aconteceu. Arisia guardou o emulador e tirou um objeto metálico do bolso de trás da calça. Era o pente da arma, do qual ela foi tirando as balas uma a uma com o polegar, fazendo-as cair ao chão. Com um sorriso no rosto, a bela ruiva observava seu desespero, até que o técnico-chefe perguntou gaguejando:

– Quem mais está com você?

Arisia jogou o pente vazio aos pés de Krane e respondeu:

– Ninguém. Os demais são burros demais para perceber a farsa. Quando me livrar, vou pensar se algum deles pode ser útil. Talvez Marc, afinal, é graças aos conhecimentos dele que estou aqui.

Ela girou a katana e a apontou para Krane, dizendo, séria:

– E é por isso que também sei que foi você quem nos colocou lá, naquele mundo de mentiras...

Krane saiu correndo, tentando alcançar a saída. Arisia o seguiu calmamente e o técnico-chefe se desesperou mais ainda ao perceber que nenhum de seus códigos de emergência funcionavam. Sequer conseguia desconectar. Arisia tivera tempo de pensar em tudo.

Em segundos, as imaculadas paredes brancas da antessala de Said Krane se tingiram de vermelho vivo.

Na manhã seguinte, o diretor da prisão ficou alarmado ao ser informado sobre a descoberta do corpo de Said Krane em seu apartamento.

E mais alarmado ficou ao ouvir um som que todos que trabalhavam na prisão de realidade virtual julgavam que jamais ouviriam um dia.

O som do alarme de fuga.

O turista **Erick Santos Cardoso**

They ask me where the hell I'm going?
At a 1000 feet per second,
The Tourist, Radiohead

1

Quando ouve o anúncio da chamada para o embarque do voo 126, sente no bolso a pequena Torre Eiffel. Dessa vez tem certeza de que encontrará o *souvenir* no mesmo lugar quando acordar, sorrirá com Magda na paisagem da cidade das luzes, irá se deitar e beber suco de tomate com vodca, trocar beijos e ter um sonho que não o afogará na próxima manhã num hotel de Casablanca lembrando-se de dias e amores repetidos.

2

Está de pé e olha para a janela, pensa em tentar embarcar de novo para ver o sorriso de Magda entre maquiagem e o presente. Num quarto escuro de hotel, as cortinas quase fechadas formam a penumbra em que está a cama *queen size* desarrumada. Um líquido viscoso e escuro mancha o padrão cafona do edredom e do lençol branco, formando uma pequena poça, gotas grandes e pequenas. A luz do banheiro ilumina o cofre aberto, no chão, uma sacola de papel pardo, amassada. Lembra-se dos olhos cheios de corretivo, cílios longos e curvos.

Ele põe as mãos no bolso e não há um *souvenir* da Torre Eiffel, nem do Big Ben e nem de lugar nenhum. Se ligasse o celular, receberia as mesmas mensagens, os mesmos *spams*, a mesma propaganda de um hotel em Hong Kong na sua tela que flutuaria iluminada no quarto escuro. Imagina se ela aceitaria ir para Hong Kong, mas ela parece obcecada por Paris de uma forma doentia, não se contentaria com nenhum outro lugar. Além disso, ela nunca acreditaria nele, não entenderia o porquê de ele sempre saber que ela gosta de Bloody Mary e que o *barman* estaria ansioso para terminar o seu turno. Por que Paris?

Da janela, vê a Torre Eiffel envolta pelo céu noturno. Ela está acesa e há brilhos que não são das estrelas.

3

Na primeira vez que a vê, ele se senta no bar do aeroporto pouco movimentado, não sabe se bebe algo forte para ficar bem desde o começo do voo ou se pede algo

sofisticado e mal preparado pelos incompetentes baristas daqui. Ouve a má vontade do *barman* ao conversar com o garçom, reclamando que o dia não passa e que não vê a hora de ir para casa. Ele poderia no mínimo ser mais discreto.

Magda está sentada no balcão e ele ainda não a conhece. Encanta-se com sua aparência entediada, nota que ela observa a dose de bebida transparente que pediu. Tequila? Vodca? Pinga, se for um desses bares exóticos com coisas do mundo inteiro.

Ele enxerga os detalhes que fazem dela quem é. A sobrancelha desenhada a lápis, curva e agressiva, talvez uma maquiagem definitiva ou inspiração predatória da natureza. Olheiras, olhos cansados de esconder a solidão e as horas de TV e infomerciais nos quartos de hotel. A boca úmida e brilhante o leva a sensações distantes em cantos pintados de vermelho.

Ela lhe dirige a palavra sem sombra de timidez, ele ainda reparando no *tailleur* moderno e de corte de revista de moda, uma cor de chuva que contrasta com a garrafa de suco de tomate que tira da bolsa.

– Bloody Mary improvisada, porque não consigo ficar sem – diz Magda em português alto, claro, sem sotaque estrangeiro, pronunciando *blâdi méri*.

– Como você passou com isso pela segurança? – ele pergunta sem pensar, tentando parecer inteligente e não assustado pela repentina puxada de assunto dela.

O *barman* pensa em olhar feio para os clientes preparando seus próprios drinques no balcão, mas desiste ao tatear o bolso. Já havia ficado com o troco e terminaria o turno em alguns minutos, não valia a pena esquentar a cabeça.

– Comprei aqui dentro.

– Nunca vi suco de tomate dentro de um aeroporto. Não é coisa que se venda em máquina.

– Aqui é a Europa.

– E como você sabia que eu era brasileiro?

– As roupas, bem executivo jovem inspirado em filmes sobre *yuppies* de Wall Street. Trabalha com cinema B ou alguma outra coisa *underground*, sem a afetação e o monte de cores e acessórios *fashionistas* da "alta indústria do entretenimento" – diz e sorri, olhando de lado.

– Você quer dizer cinema *cult*? Cinema B é outra coisa. Isso é pra ser uma maneira simpática de puxar conversa?

– O que você faz da vida?

– Sou um executiv...

– Viu? Cinema, teatro, agência de *web*?

Ele ri, mas ela permanece impassível e com o mesmo olhar atrevido e entediado. Aproveita que pulou etapas e resolve impressioná-la de uma vez. Que fosse direto ao *gran finale* para depois voltar às apresentações e charmes de *script*.

– Eu sou agente literário, mas ninguém acredita que isso existe no Brasil. O que é uma grande bobagem, a gente exporta boa literatura faz um tempo.

– Como funciona?

– Você sabe o que é um agente, né? É que nem de modelo, mas de livro. Ou de autor.

Ela exala um perfume egoísta e maldito. Está na cara que vai prejudicá-lo na maior, o cheiro da vodca e tomates é destruído pela fragrância, provavelmente um legítimo francês. Ele cheira o *blazer* e a ponta do dedo, a unha lascada risca o nariz. Enfia a mão no bolso e sente a pequena Torre Eiffel, colocada em seguida sobre o balcão. Brinca de derrubá-la e levantá-la.

– Foi pra lá quando? – ela pergunta olhando o *souvenir* de latão escuro.

– Ah, eu tava quase fechando a tradução de um autor nosso, desses que jovens e tiazinhas leem.

– Eu amo Paris. O único lugar do mundo para coisas especiais. Vai pra lá de novo em breve?

– Não, não lá.

– E esse livro, vende bem no Brasil? É tipo Paulo Coelho?

– Não esse, eu diria, mas preciso ser discreto quanto a isso.

Ela para e o encara sob a franja tingida de loiro, girando o copo entre dois dedos como se quisesse evitar impressões digitais.

– Eu te encontrei em outros aeroportos antes, não foi?

– Eu não lembro, me desculpa. É essa coisa de decolagem e aterrissagem, isso mexe com a cabeça da gente – ele não pode evitar rever dentro da cabeça a feirinha de Montmartre em Paris e a barraca cheia de tomates, a Torre ao fundo no fim da tarde como um marco eterno de arrependimento. Ela queria que tivessem um lugar só deles, mas ele preferia a vida sem lar.

– Oi, acorda? Estarei em Dubai pelos próximos dias, acho que lá pra semana que vem. Você é divertido, queria falar mais sobre essa coisa de agente literário. Me procura num bar como esse. Tchau – e ela levanta e sai, andando com elegância em seu salto alto, uma perna à frente da outra dentro da saia escura. *Catwalking*.

Ele pensa em como reservar passagem para Dubai, sem entender o porquê.

4

Ele se levantava e se vestia a cada dia sem saber o que esperar das horas que separariam um sono do outro. A mala era uma mochila vazia, passaporte, cartões de crédito e o que precisasse em uma urgência. Os livros, músicas, filmes, TV e tudo o mais estavam no seu iPad. Conseguiu acumular bastante coisa desde que parou de tentar viajar para Paris e ter que recomeçar a coleção do zero.

Um dia, em Nova Iorque, passou a tarde inteira sentado num banco do Central

Park. Vestia tênis, calça social, uma camisa azul clara e um blazer *chumbo. Uma manhã em Fortaleza, no setor de embarque internacional do aeroporto, ficou checando* e-mails *e olhando para os nomes de amigos do tempo da produtora de vídeo no Facebook. Ignorava as mensagens de bate-papo e não eram raras as vezes em que simplesmente fechava o navegador e acessava sua pasta de músicas, punha um* headphone *de* DJ *e se isolava nos acordes até um próximo voo aparecer. Pousou há um mês em Copenhague e teve vontade de viajar de carro para Paris, mesmo sabendo que isso era impossível. Depois de alugar o carro e atravessar estradas, alfândegas e reaprender sinais de trânsito, adormeceu num posto de gasolina próximo da entrada da capital inglesa e acordou no hotel em Casablanca com o seu iPad vazio. Perdeu algumas horas baixando os episódios de* Doctor Who*; deixaria* OK Computer *e o restante do Radiohead para depois. Era impossível escapar, não sabia por que sempre tentava. Sentia tendências suicidas.*

5

Fica três dias moscando em bares diferentes num aeroporto internacional de Dubai. Tem vontade de viajar para Paris e não se lembrar de mais nada, ligar sua cabeça no iPad e deixar tudo ser deletado com a sensação de idiotice que sentia. Resolve voltar para o quarto do hotel e se afundar na cama, olhar para o teto até comprimir a cabeça dentro do estrado e mergulhar na letargia.

Sabia que estava encrencado. Pegou o celular e saiu apertando a tela para fazer a ligação que o impediria de beber um vidro de Diazepam. Ele espera tocar uma vez e derruba a conexão. Em menos de um minuto o aparelho toca, ele atende sentado num edredom brega e zapeando a TV muda.

– Fala.

– Ei, isso é jeito de falar comigo? Você é quem ligou. E tô ligando de bem longe, eu só queria dar um oi – diz uma jovem e sussurrante voz feminina com sotaque gaúcho.

– Tá tudo bem por aqui, tudo indo, tudo lindo. E aí na terra?

– Legal, não vi mais você no Facebook.

– Eu tô trabalhando, Ágata, não vou ficar atualizando e pondo fotos do meu, sei lá, cachorro?, mijando no jornal.

– Ahãn, trabalhando. Você está falando comigo, esqueceu?

– Você quer me dizer alguma? É pra isso que fica me ligando? – ele levanta e vai até a janela, imagina a Torre Eiffel.

– Você quem ligou. E não, é saudade.

– Então, está matando a saudade e me enchendo ao mesmo tempo.

– Você não vai voltar mais?

– Enquanto a mesada for depositada, não tem pra quê. Meu pai pouco se ferra

com o que faço, uma vez trombei com ele num aeroporto e fingi que não o reconheci. Ele não me reconheceu.

– E trabalhar de verdade, nada? Ser produtivo, fazer alguma coisa?

– Nada que eu faça ou deixe de fazer vai mudar a minha vida. Não me venha com essa de voluntariado, Greenpeace e essas merdas. Filantropia pra abater no IR não é comigo também. Prefiro ver os museus da Europa mil vezes...

– ... e não entender nada. Você já foi alguém menos cínico, volta pra gente se ver. E você não vai pra museu nenhum que eu sei. Só finge.

– Eu estou num negócio.

– É mulher, né? Você é um idiota, mesmo, não sei por que ainda te ligo.

– É, legal, xinga, mas não esquece de mim.

– Seu merda.

O telefone fica mudo. Ele decide ir para o aeroporto de Dubai no dia seguinte e pegar um voo para a Tailândia, tomar sangue de cobra, ver templos e brincar de budista por uns dez dias antes de trocar de terno em Milão.

6

Quando se encontram num aeroporto americano, falam sobre amenidades. Ele estende a vodca que pegou na primeira classe e observa enquanto Magda prepara uma Bloody Mary. Ela acrescenta à mistura sem mudar a expressão.

– Não é das melhores, mas deve servir – ele diz.

– Nunca imaginaria você como um homem de gostos refinados. Ou é só mais falácia tirada do que você lê na Playboy?

– Eu só vejo as mulheres peladas, não fico aprendendo a dar nós de gravata sofisticados.

– Fala pra mim o seu autor, quem é que você está vendendo pra grandona de Nova Iorque?

– Perdão, mas esse é um assunto profissional, e nossa relação é pessoal – diz ele enquanto vê o batom vermelho que mancha a borda do copo de vidro.

Magda olha para a mochila suja de tantos compartimentos superiores e esteiras de raio-x. Parece murcha, como se guardasse apenas um pacote fofo. Não deve ter um laptop nem nada do gênero, não deve ter nada além de uma cueca velha ou uma coleção de guardanapos de lanchonete. Desiste de tentar embebedá-lo com suco de laranja para que fosse ao banheiro e deixasse a mochila aos cuidados dela. Ela se levanta e pede licença, carrega a sua bolsa e diz que já volta.

Ela não volta tão cedo. Ele começa a observar as famílias bem vestidas no aeroporto arrastando malas embrulhadas em filme plástico que será rasgado pela agência de segurança após o *check-in*. Decide que ela não voltará tão cedo e começa a olhar para o Bloody Mary. Estica o braço e toma o copo em suas mãos. Sem

cerimônia cheira o batom,que não tem o aroma de morango que imaginava quando era criança. Bica a bebida por cima da marca dela e se lembra de que nunca apreciou o gosto de tomate. Não consegue segurar a sensação que vem à garganta e se levanta para ir ao banheiro.

Ele se foi, não da forma que Magda planejou, mas isso não importa. Ela volta ao balcão, bica o Bloody por cima da marca dele e apanha a mochila. Abre-a para descobrir que só há uma camiseta vermelha e amassada. Após cheirá-la, vê que está limpa, mas com aquele odor de peça guardada há muito tempo.

7

No dia 12 de um junho, um frio que exigia muita roupa, passos colados e lábios rachados. Um suspiro quando conversavam sobre uma casa em Paris ou mesmo em Provence, o que fariam quando mais velhos e quem sabe com uns filhos formados em cursos de humanas e felizes, sem essas preocupações todas com a vida. Em meio à feirinha de rua em Montmartre, o sol projetava sombras que tornavam a rua de paralelepípedos escura e fria, um mar de piche coberto por máscaras coloridas, toldos listrados, gente de sobretudo e ar *kitsch* ao reconhecer paisagens e naturezas mortas que combinariam com a mobília. Árvores secas ao lado de postes secos do século XIX surgiam de forma esporádica acima das cabeças cobertas.

Ele não ria mais, falava com Mara sobre uma vida sem lar, movimento eterno pelo mundo, sua casa maior, acordar aqui e dormir ali, ver o aviãozinho que percorre o mapa pelos monitores dos voos internacionais. Ela usava um sobretudo vermelho e uma calça cinza que combinava com sua blusa, a tiracolo uma bolsa cheia de monogramas que ganhara dele. Mara queria uma casa, uma cama florida e um edredom com padrão brega, um balanço no quintal para as meninas, DVDs de desenhos animados que não fossem desses que passam em festivais de cinema. Ela queria fazer Pilates e reclamar que não havia sabão em pó para a empregada poder trabalhar.

Ele correu para longe e foi se sentar em uma mesa de bistrô, Mara gritou palavrões como sempre fazia e então se controlou, o que também já era previsto. Então ela saiu correndo, não o perseguiu, partiu em outra direção, o que nunca havia acontecido antes, e esbarrou em uma barraca de tomates, derrubando vários e deixando um vendedor irritado que não recebeu nem um pedido de desculpas. Teve vontade de rir, mas manteve o bico e a birra. Até então era só ele ficar quieto, sentir-se acuado e escapar para longe para que ela recuasse e aceitasse viajar por mais alguns meses, comer culinária sofisticada e tomar os melhores vinhos que o Amex Platinum pudesse pagar.

Veio um bom vinho, desses que só a Europa produz, preço risível em comparação com a qualidade. Ela não aparecia e a noite só não foi mais fria por causa do calor

que o vinho lhe deu. Levantou-se após pagar a conta com o cartão e resolveu voltar para o hotel e acabar com essa discussão idiota. Pensou em como conciliar as coisas, talvez dar um prazo para se assentarem, como havia feito da outra vez. Sim, seria a melhor decisão, uma reconciliação que a faria sorrir por mais um dia.

Desceu do táxi e pagou ao argelino, ele poderia ficar com o troco. Na entrada do hotel, cumprimentou o recepcionista que o olhou assustado, como quem via alguém que não deveria estar ali. Por ele descobriu que o quarto que alugaram já havia sido entregue. Tentou o celular, desligado. Twitter, apagado. No Facebook, havia fotos, mensagens e brincadeiras que só eles entendiam e que mostrariam o que Mara estava fazendo.

O perfil estava lá, mas no lugar da foto havia a impessoal imagem padrão sem rosto. Tudo o que havia escrito estava em branco. Álbuns, mensagens, aplicativos, tudo excluído. O site era uma lápide digital.

Ele alugou um quarto. A companhia do cartão de crédito disse que não havia nenhuma compra feita com o cartão adicional que ela tinha aceitado a contragosto. Na janela, viu a noite parisiense iluminada, a Torre Eiffel ao fundo. Sentiu um nó na garganta e suspirou. Viajaria no dia seguinte e nunca mais conseguiria voltar a Paris.

8

Na cama do hotel, sobre o edredom brega e os lençóis convidativos, ele se deita e estica a mão para tocar a alça da mala. Ela é alta, grande, pesada, cheia de coisas de trabalho, coisas de viagem, coisas pessoais.

Levanta, senta e se ajoelha rápido, antes que a noite chegue. Corre o zíper pelo longo percurso da mala e tira um pôster com a paisagem de Paris, uma bela noite que mostra a Torre Eiffel, alaranjada contra o céu que esconde as estrelas sobre a luz da cidade. Está escrito no canto inferior o nome do fotógrafo de cartão postal. Ele quase chora ao cheirar a tinta que já se mistura ao cheiro de borracha e dos outros tecidos sintéticos que compõem a mala.

Serve-se de um copo de suco de tomates e põe duas pedras de gelo, bastante vodca. Na cama, esparramado sobre o enorme colchão, beberica a Bloody Mary sem tempero e procura os chicletes. Anda sobre o carpete sintético que exala produto de limpeza e digita 1206. Ouve um apito sonoro e um som de tranca se abrindo. Estão dentro do cofre num saquinho de papel pardo, junto com o passaporte e documentos importantes. Sem fechar a porta de ferro, arranca os chicletes do saquinho e o deixa cair amassado. Joga-se na cama, mais um gole, assusta-se com o toque do celular e derrama a bebida sobre o edredom e um pedaço do lençol.

– Alô?

– Oi.

– Ágata?

– Sim, estou com saudades, não consigo dormir.

– Não é uma boa hora, eu retorno a ligação.

– Então não quer saber quem apareceu novamente no Facebook?

Um frio na espinha bate junto com o pileque da vodca e faz com que sente na cama. Mas pela primeira vez em muito tempo, está confiante. Chegaria a Paris.

– Não, não me importa – e desliga o celular cortando uma Ágata incrédula.

Cola o pôster na janela com os chicletes mastigados e entende que só havia Magda, agora.

9

Ele tenta sair do aeroporto asiático. O guarda de uma companhia de segurança, cujo nome não consegue entender pelo seu analfabetismo em chinês, abre a porta para ele. De onde está, pode ver os táxis e carros que desembarcam na calçada cheia de despedidas, atrasos, irritação e saudades. Percebe que o celular ficou no balcão e se desespera. Ela iria ligar para combinar o local do encontro. Ele volta correndo para ter certeza de que irá atendê-lo quando tocar.

O *barman* entrega o aparelho e ele agradece, acena para ele e esboça uma atrapalhada reverência. Resolve jantar pelo aeroporto mesmo e depois segue para a área de embarque. Vê uma lojinha cheia de artesanatos e outras coisas que o levam a junho. Desta vez compra uma Torre Eiffel de metal numa loja de *souvenirs* chamada toscamente de *World Whole* e se amaldiçoa por estar suado, com o *blazer* incômodo e fétido, e ter ainda que esperar mais de trinta horas para se deitar com ela. Por que Paris?

O celular toca.

10

Ela está de pilequinho, ele tem certeza.

– Você não é agente de lugar nenhum, você não trabalha pra editora nenhuma, por que não me fala a verdade?

– Eu só queria passar uma noite com você – do outro lado da linha, Magda não se aguenta e ri, parece estar bebendo algo. – Está bebendo o quê?

– Ah, suco de tomate, tô me matando com a garrafa, aqui. Mas continua, você estava falando algo bonitinho.

– Eu estou sempre viajando, conheço todos os grandes aeroportos do mundo. É só dizer onde e vou lá te encontrar – diz ele, irritado.

– Qualquer lugar mesmo?

– Sim, ora, eu tô dizendo.

– Paris, então. Tem um hotel barato na Champs-Élysées.

– Hotel barato? Lá? Tem certeza? Podemos fazer melhor que isso.

– E daí – diz ela, olhos semicerrados. – Eu quero um hotel barato, meio com cheiro de mofo , sabe? – e ri mais uma vez.

– Tá bem, mas use o seu perfume maligno.

– E não uso sempre?

11

O anúncio da aterrissagem segue a campainha esperada há uns vinte minutos. Ele come os dedos após cortar e lixar as unhas com os dentes. O gordo ao seu lado ronca sem interromper o sono, seus braços não cabem dentro do próprio espaço do assento. Esse deve ser capaz de morrer dormindo durante um acidente aéreo. A comissária loira e gordinha passa sorrindo e observando se os cintos estão afivelados.

Mas ele está aliviado, o sono sempre chegava no começo do voo. E então tudo recomeçava. Desta vez não. Ele não entende o que ela fez, mas conseguiu com que voasse a Paris mais uma vez, mesmo depois do adeus na barraca de tomates.

Então um bocejo lhe dá um frio na espinha e, sem avisar, chega a resignação. Todo o alívio e a paz de espírito que sentia desaparecem. Faltam poucos minutos para o fim de mais um voo. Ele checa os bolsos do *blazer*, vazios, não sabe se pega os amendoins, precisa de algo para mantê-lo nesse dia. Desta vez, atravessará a alfândega e poderá ver a Torre Eiffel outra vez. Já pode avistar os prédios e até divisar na mente as ruas que não foram feitas para o tráfego de carros.

12

A aeronave pousada em Paris, a ansiedade do desembarque muito mal fingida por ele. O endereço do hotel da Champs-Élysées está anotado no celular. Ele brinca passando o dedo pela tela sem ir nem voltar a lugar nenhum, aguardando os apressados saírem e se acotovelarem, tentando retirar as malas nos compartimentos superiores às poltronas.

Ele só tem uma mochila pequena, compraria o que precisasse lá. Abre os *e-mails*, não há nada. Não tem motivo para fingir que lê algo interessante. Pensa em abrir a agenda, olhar o contato de Magda e passar vontade de apertar o botão de ligação, mas controla a ansiedade.

Vê o nome de Ágata no começo da lista, pensa no Facebook. Quando loga na rede social, digita Magda para ver suas fotos, mas assim que tecla MA, aparece Mara vestida de branco.

Um calafrio o congela por dentro. Ele começa a tremer e tira a mão da tela do aparelho, olhando fixo para a imagem dela, sorrindo, cheia de maquiagem e usando

um batom vermelho. Sente-se exasperado e fica sem respirar por alguns segundos, sem saber o que fazer.

Não vê as fotos de Magda e o sono chega com força, os olhos pesam.

O seu companheiro de poltrona, um jovem negro e magro, fecha um livro do Delillo e arruma os óculos quadrados. Levanta-se e sai com discrição.

Ele fica aguardando até a aeronave se esvaziar antes de se levantar, tentando se lembrar de alguma coisa importante. Magda, veria-a hoje. Lá fora o sol é quente e intenso, brilhante.

Boceja e sai com sua mochila, diz tchau à bela e esguia comissária de bordo árabe. Segue confiante pela entrada até chegar à alfândega e põe a mão no bolso para procurar o seu passaporte. A Torre Eiffel não está mais lá.

Leonel Caldela

é autor da *Trilogia da Tormenta*, série de romances no maior cenário de RPG nacional, composta por *O inimigo do mundo*, *O crânio e o corvo* e *O terceiro deus*. Também escreveu *O caçador de apóstolos*, um romance de fantasia medieval em universo próprio. Além disso, escreve e traduz livros de RPG, além de co-editar a revista *DragonSlayer*. Seu próximo projeto é a continuação de *O caçador de apóstolos*, intitulada *Deus Máquina*. Mora em Porto Alegre, com sua esposa e dois gatos.

Fábio M. Barreto

Trabalhou para os jornais *O Estado de S.Paulo* e *Jornal da Tarde*, editou os livros *Outros Brasis*, de Gerson Lodi-Ribeiro, e *A Mão que Cria*, de Octavio Aragão, e é principal jornalista da revista *Sci-Fi News*, para quem trabalha como correspondente internacional em Los Angeles. Sua estreia como autor acontece nessa coletânea e lança seu primeiro romance, *Filhos do Fim do Mundo*, em 2011. Além do jornalismo e da literatura, é diretor de cinema e roteirista em Hollywood.

Georgette Silen

nasceu em Caçapava, São Paulo. É arte educadora, com formação em artes cênicas. Participou como contista e organizadora de antologias em várias editoras e lançou seu primeiro livro, *Lázarus (2010).* blog sagalazarus.blogspot.com twiter @georgettesilen

Luiz Bras

nasceu em 1968, em Cobra Norato, MS. Ele é de leão e, no horóscopo chinês, cavalo. Adora filmes de animação, histórias em quadrinhos e gatos. Já publicou diversos livros, entre eles a coletânea de contos *Paraíso líquido*, a reunião de artigos Muitas peles e o romance juvenil *Babel Hotel*, finalista do prêmio Jabuti. Mantém uma página mensal no jornal Rascunho, de Curitiba, intitulada Ruído Branco. blog luizbras.wordpress.com

Nazarethe Fonseca

nasceu em São Luís, Maranhão. Começou a escrever aos 15 anos. Seu livro de estreia, *Alma e Sangue – O Despertar do Vampiro*, foi publicado pela primeira vez em 2001 e hoje é uma série de quatro livros. É autora também de *Kara e Kmam – Segredos de Alma e Sangue*, e publicou contos nas coletâneas *Necrópole: Histórias de Bruxaria*, *Meu Amor é um Vampiro*, *Anjos Rebeldes* e *Sociedade das Sombras*. Mora atualmente em Natal, Rio Grande do Norte, é apaixonada por livros, gatos e música.

Cris Lasaitis

é talvez uma cientista que se apaixonou pela ficção, talvez uma escritora apaixonada por ciência. Biomédica e mestre em Psicobiologia pela UNIFESP. É autora do livro *Fábulas do Tempo e da Eternidade* (2008) e organizadora da coletânea *A Fantástica Literatura Queer* (2011) de histórias sobre diversidade sexual. Sua mente vive uma constante viagem pelo tempo enquanto o corpo se move através do espaço. Mora em São Paulo, onde nasceu e se tornou mutante.

ANTONIO LUIZ M. C. COSTA
sempre gostou de literatura, mas formou-se em engenharia de produção e filosofia, fez pós-graduação em economia e trabalhou como analista de investimentos e assessor econômico-financeiro antes de reencontrar sua vocação nas letras. Escreve sobre a realidade na *CartaCapital* e sobre a imaginação em outras partes. Autor da antologia *Eclipse ao pôr do sol e outros contos fantásticos* (2010) e do romance *Crônicas de Atlântida – O tabuleiro dos deuses* (2011). Colabora com os meios a seu alcance para o desenvolvimento da ficção especulativa no Brasil.

CLAUDIO BRITES
é paulista de 1983. Professor no ensino municipal. Graduado em Letras. Já editou e organizou alguns livros, entre eles *Cartas do fim do mundo*, com Nelson de Oliveira, que contou com nomes como Moacyr Scliar, Raimundo Carrero, Márcio Souza, entre outros. Numa empreitada inédita, com mais três autores, publicou o romance *A Tríade* (2010). Finaliza seu mestrado em Linguística, sobre a arte de Osman Lins. Fundador do grupo Escritores de Segunda. BLOG hipocentro.blogspot.com

RENATO A. AZEVEDO
autor de *De Roswell a Varginha* (2008). Consultor da revista *UFO*. Colaborador da revista *Sci-fi News*, autor da coluna *Quem conta um conto...,* publicando a série de contos *A Lista*. Co-editor do site *Aumanack* www.aumanack.com). Autor convidado nas antologias *Ufo: Contos Não Identificados* (2010), e *Extraneus 1 - Medieval Scifi* (2011). Participante da antologia *Histórias Fantásticas Volume 1* (2011). BLOG escritorcomr.blog.uol.com.br

ERICK SANTOS CARDOSO
é desenhista de coração e editor de profissão. *American* ninja. Acumula no currículo muito mais habilidades ancestrais que certos escritores estadunidenses. Gosta de pizza e videogame e trilhas sonoras e bichos. TWITTER @ericksama